

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA  
NÍVEL MESTRADO**

**ANA CARLA ASSMANN MORAIS**

**A VISÃO ENCICLOPÉDICA DA SEMÂNTICA DE *FRAMES*:  
uma aproximação com a Lexicografia**

**São Leopoldo**

**2017**

**Ana Carla Assmann Morais**

**A VISÃO ENCICLOPÉDICA DA SEMÂNTICA DE *FRAMES*:  
uma aproximação com a Lexicografia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rove Luiza de Oliveira Chishman

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Flávia Souto de Oliveira

São Leopoldo

2017

M827v

Morais, Ana Carla Assmann

A visão enciclopédica da semântica de frames : uma aproximação com a lexicografia / por Ana Carla Assmann Moraes– 2017.

111 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2017.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Rove Luiza de Oliveira Chishman.

Coorientadora: Dr.<sup>a</sup> Ana Flávia Souto de Oliveira.

1. Lexicografia. 2. Semântica de frames. 3. Conhecimento enciclopédico I. Título.

CDU: 801.3

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

**ANA CARLA ASSMANN MORAIS**

**"A VISÃO ENCICLOPÉDICA DA SEMÂNTICA DE FRAMES: UMA  
APROXIMAÇÃO COM A LEXICOGRAFIA"**

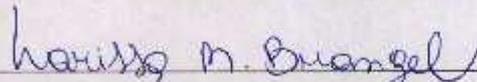
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

**APROVADA EM 22 DE FEVEREIRO DE 2017**

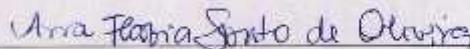
**BANCA EXAMINADORA**



**PROFA. DRA. MAITY SIQUEIRA - UFRGS**



**PROFA. DRA. LARISSA MOREIRA BRANGEL - UNISINOS**



**PROFA. DRA. ANA FLÁVIA SOUTO DE OLIVEIRA (COORIENTADORA)**

**ORIENTADORA**



**PROFA. DRA. ROVE LUIZA DE OLIVEIRA CHISHMAN - UNISINOS**

*Aos meus pais, Ieda e Carlos. Ao meu marido, Alexsandro.*

*À minha filha, Ana Luísa.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as coisas boas e pelas pessoas maravilhosas que colocou no meu caminho. Dentre elas, agradeço:

Aos meus pais, Ieda e Carlos, por estarem sempre ao meu lado e por me apoiarem, cuidando e amando minha filha em todos os momentos em que estive ausente. Obrigada por tudo que fazem por mim. Ao meu marido, pela paciência e por compreender o sentido da minha escolha profissional.

À minha amada filha, que, por muitas vezes, deixou de conhecer lugares novos e de fazer coisas diferentes para ficar em casa na companhia do papai, compreendendo a tarefa da mamãe. Obrigada, filha!

À professora Rove, pelo compromisso de orientar minha pesquisa durante esses dois anos; pelo empenho e pela dedicação no desenvolvimento desta dissertação, mostrando-se incansável nas vezes em que discutimos o conteúdo, as etapas e todas as mudanças realizadas ao longo deste estudo.

À minha coorientadora, Ana Flávia, pela estreia única no papel de orientar este trabalho ao lado da professora Rove. Obrigada, Ana, por incansavelmente discutir as questões da pesquisa comigo.

À minha grande amiga, Alexandra F. Muller, pelo incentivo para o retorno à “vida acadêmica”, pela parceria e, principalmente, pela amizade.

À Aline Nardes, pela ajuda, pelo apoio e pelo incentivo; por estar sempre disponível.

À Cristiane K. Kilian, primeiramente como colega do grupo de pesquisa; mas, além disso, pela amizade que construímos.

À Ana Luiza T. Vianna, pela parceria no grupo de pesquisa – mas, acima de tudo, pelas inúmeras conversas e consolos trocados nestes dois anos. Certamente, todos esses momentos valeram a pena.

Às colegas do grupo de pesquisa SemanTec, Bruna e Sandra: obrigada por toda a energia positiva enviada para conclusão deste trabalho. Bruna, você é muito especial! Nossas

discussões, mesmo que pelo *whats*, valeram a pena. Sandra, obrigada pela paz e pelo conhecimento que transmite.

Ao grupo SemanTec, coordenado pela professora Rove. A todos, obrigada pelo acolhimento.

*Quem vai em busca dos montes  
não se detém a recolher as pedras do caminho!*

**Paulo Coelho**

## RESUMO

A arte de produzir dicionários é uma prática que tem uma tradição de longo tempo na história da humanidade. Em específico, as obras de língua geral são utilizadas pelos falantes da língua para dirimir dúvidas em relação à ortografia e ao significado das palavras. Quanto à organização e ao tratamento do significado lexical, esses dicionários normalmente seguem a abordagem semasiológica. Valendo-se do potencial da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982, 1985), este trabalho investiga em que medida a concepção enciclopédica de significado, defendida por essa teoria, pode contribuir para a prática lexicográfica tradicional. Até o momento, a Semântica de *Frames* foi aplicada em projetos que têm uma interface com a Lexicografia Computacional; no entanto, entendemos que essa abordagem tem atributos para beneficiar a lexicografia tradicional, como sugere Ostermann (2014). Assim, a partir da análise do item lexical *mãe*, baseada em *corpus*, tentamos avaliar em que medida a concepção enciclopédica do significado conforme a Semântica de *Frames* pode contribuir para o tratamento do significado lexical na prática lexicográfica. Para avaliar em que medida a Semântica de *Frames* pode servir de aporte teórico à Lexicografia, avaliamos a unidade lexical *mãe*. Metodologicamente, o trabalho tem duas frentes de análise. A primeira objetiva identificar os *frames* evocados pela unidade lexical *mãe*, na qual foi realizada uma análise semântica que tem como base os modelos cognitivos *mãe*, mapeados por Lakoff (1987); a *FrameNet*, com os *framesKinship* e *GivingBirth*; e o *corpus* NILC (Núcleo Interinstitucional). A outra frente – a análise lexicográfica – buscou identificar, nos verbetes de *mãe* de seis dicionários de língua geral, nuances dos *frames* identificados na etapa anterior da análise. Para o processamento do *corpus* NILC, previsto na análise semântica, contou-se com o auxílio das principais funcionalidades da ferramenta computacional *Sketch Engine*. Os resultados da análise mostram que a unidade lexical *mãe* evoca cinco *frames* – Nascimento, de Parentesco, Relação Conjugal, Genético e Cuidados. Isso indica que os dicionários precisam incluir, em seus verbetes, o conhecimento contemplado por essas estruturas.

**Palavras-chave:** Lexicografia. Semântica de *Frames*. Conhecimento enciclopédico.

## ABSTRACT

The art of dictionary making has a long tradition. In particular, general monolingual dictionaries are used by speakers of a language to solve doubts concerning words spelling and meaning. From what regards word sense treatment and organization, these dictionaries follow a semasiological approach. The present thesis explores Frame Semantics (FILLMORE, 1982, 1985) and its encyclopedic conception of meaning by examining its usability for traditional lexicographical practice. Although Frame Semantics has been mostly applied to projects in Computational Lexicography, we advocate, as suggested by Ostermann (2014), that traditional lexicography can benefit from this theory. Thus, through the corpus-based analysis of the lexical unit *mãe*, we intend to evaluate to which extent Frame Semantics encyclopedic conception of meaning may contribute to lexicographical treatment of word meaning. In order to explore the suitability of Frame Semantics as a theoretical framework for lexicography, *mãe* is described in a twofold way: first, a semantic analysis of the lexical unit is carried out and the frames evoked by it are identified, using Lakoff's cognitive models for *mother* (LAKOFF, 1987), *FrameNetKinship* and *Giving Birthframes*, and data extracted from NILC corpus; second, six entries of *mãe* in general monolingual dictionaries are analyzed in search for traces of the frames identified in the previous stage of the analysis. For processing NILC corpus *Sketch Engine* main functionalities were used. Results from the analysis show that the lexical unit *mãe* evokes five frames – Nascimento (birth), Parentesco (kinship), Relação Conjugal (conjugal relationship), Genético (genetic), and Cuidados (nurture). This finding shows that dictionaries should include the knowledge covered by these structures in their entries.

**Keywords:** Lexicography. Frame Semantics. Encyclopaedic knowledge.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Verbetes <i>faca</i> (Au) .....	20
Figura 2: Verbetes <i>faca</i> (MiAu).....	20
Figura 3: Exemplo de dicionário de sinônimos (DsE) .....	22
Figura 4: Lista de palavras (Au) .....	24
Figura 5: Lista de palavras (Dicionário de Lexicografia).....	24
Figura 6: Verbetes <i>dócil</i> (Hou) .....	25
Figura 7: <i>Front matter</i> (MiAu).....	25
Figura 8: <i>Frame Education_teaching</i> .....	48
Figura 9: Elementos de <i>frame</i> (EFs).....	48
Figura 10: Unidades lexicais (ULs).....	49
Figura 11: <i>FrameGraper</i> .....	49
Figura 12: UL download (DicoInfo) .....	55
Figura 13: Acesso pela lista de ULs .....	59
Figura 14: Representação do cenário (Field).....	60
Figura 15: Glosa do Atletismo (Dicionário Olímpico).....	60
Figura 16: Representação do cenário largada do Atletismo (Dicionário Olímpico) .....	60
Figura 17: Foto do momento da largada do Atletismo.....	61
Figura 18: Mapa dos <i>frames</i> e cenários do Atletismo .....	61
Figura 19: Linhas de concordância.....	66
Figura 20: Funcionalidade <i>Word Sketch</i> .....	67
Figura 21: Definição do <i>frame Kinship</i> .....	70
Figura 22: Elementos de <i>frameKinship</i> .....	71
Figura 23: Definição do <i>frame Giving_birth</i> .....	71
Figura 24: EFs do item lexical <i>mãe</i> .....	72
Figura 25: Recorte das ULs sugeridas pela <i>Word Sketch</i> .....	77
Figura 26: Mapa conceitual das relações entre <i>frames</i> .....	79
Figura 23: Verbetes <i>mãe</i> (DLPC) .....	84

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conhecimento dicionarístico X Conhecimento enciclopédico.....	42
Quadro 2: Principais características do corpus do NILC .....	65
Quadro 3: Concordâncias extraídas do <i>corpus</i> .....	74
Quadro 4: Modelos metafóricos de <i>mãe</i> .....	76
Quadro 5: Glosas propostas para os <i>frames</i> .....	78
Quadro 6: Listagem e ocorrências das relações entre <i>frames</i> .....	81
Quadro 7: Verbetes dos dicionários para mãe .....	82
Quadro 8: Identificação dos traços dos <i>frames</i> nos verbetes de <i>mãe</i> .....	83

## LISTA DE SIGLAS

Au	Dicionário Aurélio
Hou	Dicionário Houaiss
Mi	Dicionário Michaelis
MiAu	MiniAurélio
DLP 2009	Dicionário da Língua Portuguesa 2009
DsE	Dicionário de Sinônimos
NDLP	Novo Dicionário da Língua Portuguesa
GDSL	Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa
DLPC	Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 LEXICOGRAFIA: PRECEITOS E A RELAÇÃO COM TEORIAS SEMÂNTICAS</b>	18
2.1 A VISÃO TRADICIONAL DA LEXICOGRAFIA .....	18
2.2 A RELAÇÃO DA LEXICOGRAFIA COM TEORIAS SEMÂNTICAS .....	26
<b>3 LINGUÍSTICA COGNITIVA</b> .....	36
3.1 A VISÃO COGNITIVA.....	36
3.2 A SEMÂNTICA COGNITIVA.....	40
3.3 SEMÂNTICA DE <i>FRAMES</i> .....	43
<b>4 APLICAÇÕES DA TEORIA COGNITIVA</b> .....	51
4.1 LEXICOGRAFIA + LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	51
4.2 LEXICOGRAFIA + SEMÂNTICA DE <i>FRAMES</i> .....	56
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	64
5.1 ANÁLISE SEMÂNTICA DA UL <i>MÃE</i> .....	64
5.1.1 O <i>corpus</i> .....	65
5.1.2 A ferramenta .....	65
5.2 ANÁLISE LEXICOGRÁFICA.....	67
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	69
6.1 ANÁLISE SEMÂNTICA.....	69
6.1.1 Identificação dos <i>frames</i> .....	72
6.1.2 Algumas ponderações.....	75
6.1.3 Glosas e ULs dos <i>frames</i> evocados por <i>mãe</i> .....	76
6.1.4 Relações entre <i>frames</i> .....	79
6.2 ANÁLISE LEXICOGRÁFICA.....	82
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
<b>APÊNDICE A – OBRAS CONSULTADAS</b> .....	96
<b>APÊNDICE B – OCORRÊNCIAS DE <i>MÃE</i> NO <i>CORPUS</i> DO NILC</b> .....	97
<b>ANEXO A – VERBETE <i>MÃE</i> NOS DICIONÁRIOS CONSULTADOS</b> .....	110

## 1 INTRODUÇÃO

A arte de produzir dicionários é uma prática que tem uma tradição de longo tempo na história da humanidade. Na antiguidade grega, gramáticos e filósofos da escola de Alexandria, motivados a compreender o léxico dos textos literários, desenvolviam glossários que serviam de apoio para o entendimento das grandes obras. O Glossário de Reichenau (séc. V III D.C.), o Glossário de Cassei (séc. IX D.C.) e, na região hispânica, as Glosas Emilianenses e Silenses (séc. X ou X I) (BIDERMAN, 1984) inauguraram a grande produção dicionarística da época, indicando a direção para o desenvolvimento dessas obras e, conseqüentemente, consolidando seu reconhecimento como referências na descrição da língua.

Os primeiros dicionários desenvolvidos eram bilíngües e tinham como intuito facilitar a propagação das línguas, assim como a interação entre os povos, o que viabilizaria tratar de questões, principalmente, de cunho comercial. Posteriormente, nos séculos XVI e XVII, a Lexicografia centrou-se em obras monolíngües, como consequência da busca pelo estabelecimento dos idiomas nacionais. Nessa época, a obra dicionarística passou a ser vista como um repositório de conhecimento sobre a língua, sendo consultada pelos falantes para dirimir questões relacionadas à ortografia e ao significado das palavras. Na língua portuguesa (português de Portugal), o grande marco foi a publicação do dicionário de Antônio de Moraes (1813), considerado uma obra lexicográfica complexa.

Com o passar dos séculos, o produto desenvolvido por lexicógrafos foi ocupando espaço nas bibliotecas e sendo adotado como material escolar, desde os anos iniciais de ensino. Primeiramente era impresso em tamanho grande e bastante pesado, o que dificultava o manuseio. Em meados da década de 70, já apareciam os primeiros minidicionários, ditos escolares, que poderiam ser manipulados facilmente e adquiridos com valor acessível. O advento da tecnologia beneficiou a lexicografia em vários aspectos, no que se refere especialmente à compilação de *corpora* e à confecção de dicionários em formato eletrônico.

Com relação aos dicionários eletrônicos, o que normalmente vem sendo aplicado é a apresentação do conteúdo tal e qual o impresso. O formato eletrônico que tem sido disponibilizado até o momento não indica uma possível inovação na lexicografia, nem uma tentativa de convergência com teorias semânticas e, tampouco, ocupam o espaço das obras impressas. No entanto, nosso olhar para a lexicografia mira alguns trabalhos que já buscam a afinção entre lexicografia e teorias semânticas, como os de L'Homme (2014), Ostermann (2014; 2015), Atkins e Rundell (2008) e Fillmore e Atkins (1992), que focam na produção de dicionários partindo dos compromissos da Linguística Cognitiva. Em nível de Brasil, verificam-

se as pesquisas de Brangel (2011; 2015) e Oliveira (2010; 2015), inclinadas em vislumbrar a parceria entre Lexicografia e teoria semântica.

É nessa interface que o presente trabalho se insere, valendo-se dos elementos da Semântica de *Frames* para verificar em que medida a concepção enciclopédica de significado, defendida por essa teoria, pode contribuir para a prática lexicográfica tradicional. Até o momento, a Semântica de *Frames* foi aplicada em projetos que têm como foco a construção de recursos lexicográficos para uso no processamento da linguagem natural, como é o caso da *FrameNet*. No entanto, entendemos que essa abordagem semântica pode oferecer subsídios à lexicografia tradicional, como sugere Ostermann (2014, p.1153) a respeito das teorias cognitivas, visto

[...] que as teorias da semântica cognitiva podem ser utilizadas na criação de recursos para a “lexicografia comum”, no intuito de facilitar as entradas. Assim, proporcionaria aos usuários uma proximidade com a ferramenta, por apresentar um conteúdo relacionado com a forma usual da língua.

A partir disso, podemos considerar que assumir os princípios da Semântica de *Frames* na Lexicografia Tradicional<sup>1</sup>– ou “comum”, como utiliza Ostermann (2014) –, é partir do fundamento de que o significado é enciclopédico.

Essa teoria de base empírica, fundada por Charles Fillmore (1977; 1982; 1985), investiga a relação entre a linguagem e a experiência, por meio de representações conceituais abstratas (não necessariamente linguísticas) de práticas e instituições presentes na cognição dos falantes. Segundo Evans e Green (2006), a Semântica de *Frames*, de Fillmore, e a teoria dos domínios, proposta por Langacker (1987), formam a base para uma teoria semântica enciclopédica, que busca explicar como ocorre a organização desse conhecimento. E, em se tratando da descrição lexicográfica, a Semântica de *Frames*, como afirmam Fillmore (1994; 2003) e Fillmore e Atkins (1992; 2000), pode auxiliar na distinção de significados dos itens polissêmicos. Além disso, como aponta Geeraerts (2007), essa teoria é capaz de beneficiar a Lexicografia, no sentido de propiciar uma estrutura semântica mais próxima da realidade.

A partir da concepção enciclopédica de significado, premissa da Semântica de *Frames*, podemos considerar que, em relação ao tratamento do significado das palavras, essa abordagem tende a viabilizar contribuições para o tratamento do significado das palavras nos dicionários de língua geral. Dessa forma, esta investigação acompanha as discussões do grupo de pesquisa SemanTec, que desenvolve seus projetos fundamentados pela Semântica de *Frames*.

---

<sup>1</sup> Utilizamos o termo Lexicografia Tradicional para nos referirmos às obras lexicográficas impressas que seguem a abordagem semasiológica para o tratamento do significado lexical.

Atualmente, o projeto em desenvolvimento, amparado pelos preceitos da Lexicografia, aliada à teoria de Fillmore, tem se voltado para a construção do Dicionário Olímpico.

Nesse contexto, propomos, como objetivo geral desta pesquisa, avaliar a contribuição da Semântica de *Frames* sua concepção enciclopédica de significado para a prática lexicográfica tradicional. Quanto aos objetivos específicos, pretendemos:

- a) apresentar, em linhas gerais, a atividade lexicográfica e sua relação com as teorias semânticas;
- b) buscar entender as implicações da lexicografia tradicional e os princípios que norteiam a Semântica de *Frames*;
- c) sugerir uma proposta de convergência entre a Lexicografia e a Semântica de *Frames* para a prática lexicográfica, focando no tratamento do significado lexical em dicionários de língua geral.

A justificativa faz referência a uma grande e relevante questão: a constatação de que há poucos estudos que mostram esse movimento de convergência entre a lexicografia e uma teoria semântica. Isto reflete nos lexicógrafos, na medida em que necessitam tomarem importantes decisões baseados unicamente nas suas intuições. Dessa forma, entendemos que se trata de uma demanda a ser investigada, dada a ausência de uma teoria semântica para tratar das implicações, principalmente, em torno do significado das palavras na lexicografia. Destacamos, ainda, a escolha do item lexical mãe para análise, pela necessidade de incorporar a sua definição, elementos do conhecimento enciclopédico e por sua relevância nos estudos lexicográficos em língua inglesa, passando a ter também pertinência nos estudos do léxico da língua portuguesa. Além disso, entendemos que o aporte da Semântica de *Frames* aplicado à lexicografia, como teoria semântica de princípio enciclopédico, pode enriquecer a construção de definições de unidades lexicais que exigem a inserção do conhecimento de mundo.

A fim de cumprir com os objetivos propostos e discorrer sobre as teorias pertinentes ao tema desta pesquisa, o trabalho estrutura-se da seguinte forma: no capítulo 2, apresentamos os princípios da Lexicografia, apontando, como referências, Atkins e Rundell (2008), Svensén (2009) e Fontenelle (2008), autores que tratam dessa prática e apresentam as etapas para elaboração de dicionários. Para versar sobre o componente semasiológico presente nos dicionários de língua geral do português, utilizamos os conceitos fundadores de Baldinger (1966), não dispensando o olhar mais atual de Geeraerts e Grondelaers (2002), os quais descrevem características e aspectos associados às perspectivas semasiológicas e onomasiológicas. Na última seção (2.2), tratamos da Lexicografia e de sua relação com as teorias semânticas pela ótica de diferentes estudiosos. Essa seção inclui a visão de

Geeraerts(2010, 2015), expoente dos estudos na semântica cognitiva lexical, o qual discorre sobre o seu ponto de vista perante o histórico de tentativas de diferentes teorias semânticas de servirem de aporte à prática lexicográfica.

O capítulo 3 é destinado ao estudo da Linguística Cognitiva como a vertente que tem, em sua base, o experiencialismo, reconhecendo na língua o carácter essencialmente enciclopédico, construído a partir do uso, das experiências e da interação social e cultural entre humanos. Na seção 3.1, apresentamos os princípios dessa abordagem, ou conjunto de ideias nascidas da motivação de um grupo de linguistas, de formação gerativa, os quais, conduzidos por uma perspectiva empírica, acreditam na linguagem como um processo da cognição humana. O grupo, formado ao final dos anos 1970, tem como principais representantes Lakoff (1987; 1990), Langacker (1987), Talmy (1987) e Fillmore (1982), empenhados na investigação dos processos da linguagem e na relação da estrutura do léxico com as experiências de mundo, amparados pelas descobertas sobre o funcionamento da cognição humana. Para explorar a área da Linguística Cognitiva, que é central para nossa investigação, apresentamos a Semântica Cognitiva, partindo dos princípios do experiencialismo (*experientialism*) e da visão corporificada (*embodiment*), de que nos ocupamos na seção 3.2. Na seção 3.3, tratamos da Semântica de *Frames*, teoria idealizada por Charles Fillmore (1976; 1982; 1985). Essa abordagem reconhece que, na mente humana, existem estruturas de conhecimento de conteúdo enciclopédico, as quais são construídas por meio do uso, com base nas experiências culturais. Nesse sentido, pensando no significado das palavras, compreender um significado implica compreender a estrutura do conhecimento (*frame*) em que esta palavra está inserida.

O quarto capítulo aborda a convergência entre a Lexicografia e a Semântica de *Frames*, apresentando iniciativas já desenvolvidas, como a *FrameNet*<sup>2</sup>(RUPPENHOFER et al., 2010) e o *Kicktionary* (SCHMIDT, 2006), bem como os recursos brasileiros *Field* (CHISHMAN et.al, 2015) e Dicionário Olímpico (DO) (CHISHMAN et.al, 2016), pensados a partir do diálogo entre esses dois campos de estudo. O capítulo também aborda os trabalhos de L'Homme (2014) e Ostermann (2014; 2015), linguistas que buscam aplicar teorias semântico-cognitivas no desenvolvimento de obras lexicográficas. Nesta mesma direção, encontram-se os projetos brasileiros supramencionados, que também se apropriam dos princípios da Linguística Cognitiva como norteadores para a prática lexicográfica.

O capítulo 5 descreve as etapas metodológicas, divididas em dois diferentes momentos, por meio dos quais organizamos a análise. A seção 5.1 apresenta o primeiro momento, referente

---

<sup>2</sup> A *FrameNet* é um recurso lexicográfico computacional que descreve o léxico da língua inglesa por meio da Linguística de *Corpus* e da Semântica de *Frames*.

à análise semântica da unidade lexical *mãe*, indicando os procedimentos adotados para esta análise, assim como os materiais a serem utilizados: o *corpus* e a ferramenta computacional. Na seção 5.2, descrevemos o segundo momento, concernente à análise lexicográfica da unidade lexical *mãe*, detalhando os procedimentos adotados e os materiais a serem utilizados: os verbetes dos dicionários e a ferramenta computacional *Sketch Engine*.

De modo a expor a análise propriamente dita, o capítulo 6 segue a mesma estrutura de organização do capítulo da metodologia. Ao longo da nossa discussão, que teve como subsídios os modelos de Lakoff (1987) e os *frames* *Giving\_birth* e *Kinship*, da *FrameNet*, verificamos que a unidade lexical *mãe* evoca, a princípio, cinco *frames*. Constatamos também que essas estruturas sofrem influências da vida social e cultural dos indivíduos, os quais se modificam e alteram tudo a sua volta. Considerando esse aspecto, na seção 6.1, apresentamos a análise semântica da unidade lexical *mãe*, a identificação dos *frames* e, a partir disso, os exemplos do *corpus*. A análise lexicográfica da unidade lexical *mãe*, realizada a partir da consulta aos verbetes de seis dicionários, é evidenciada na seção 6.2. Dando sequência à discussão da análise dos dados, na seção 6.3, refletimos sobre o cotejo das etapas – análise semântica + análise lexicográfica –, preparando-nos para a proposta de convergência explicitada na seção 6.4. A proposta leva em consideração a estrutura semasiológica empregada nesse tipo de obra, o que nos restringe a propor um acesso diferente daquele comumente utilizado. No entanto, entendemos que, com a Semântica de *Frames*, muitas contribuições podem ser pensadas e possivelmente ajustadas à Lexicografia Tradicional, principalmente no que tange ao tratamento do significado das palavras, já que essa teoria propõe um olhar enciclopédico para o significado lexical.

As considerações finais deste trabalho relatam os aspectos observados na análise, incluindo os principais estudos que apoiaram este trabalho: Lakoff (1987) e *FrameNet*. Além disso, refletem sobre o arsenal teórico levantado, indispensável para desenvolver o conteúdo desta pesquisa.

## 2 LEXICOGRAFIA: PRECEITOS E A RELAÇÃO COM TEORIAS SEMÂNTICAS

Este capítulo tem como objetivo apresentar conceitos gerais da Lexicografia e discutir a aplicação de teorias linguísticas como aporte à prática lexicográfica. Para tanto, a seção 2.1 aborda a Lexicografia e as duas abordagens para o tratamento do significado – a semasiológica e a onomasiológica. Ainda nessa seção, elencamos os componentes canônicos do dicionário, focando a discussão na microestrutura, componente que, além de apresentar outras informações relevantes sobre o lema<sup>3</sup>, é geralmente aquele que comporta as informações sobre o significado das palavras. Na seção 2.2, refletimos acerca das questões relacionadas à pertinência da adoção de teorias linguísticas como aporte à prática lexicográfica, apresentando aquilo que comumente é adotado pelos dicionários.

### 2.1 A VISÃO TRADICIONAL DA LEXICOGRAFIA

Um dicionário é uma obra de referência geralmente utilizada para se obter informações acerca de questões relacionadas ao léxico, como dúvidas sobre a ortografia e o significado das palavras. Por isso, o dicionário é uma ferramenta tradicionalmente associada às noções de precisão e normatividade quanto à sua descrição do léxico de uma língua. (WELKER, 2004).

Dentre os diferentes critérios utilizados para o desenvolvimento e a caracterização dos dicionários, está a delimitação da sua função primordial (BORBA, 2003). No que se refere aos dicionários monolíngues de língua geral, podemos afirmar que se trata de obras desenvolvidas para auxiliar o falante da língua nos casos em que necessita de suporte para as dúvidas linguísticas gerais, incluindo desde a ortografia e questões semânticas, até informações históricas acerca do lema. Dessa forma, a prática lexicográfica se mostra uma atividade bastante complexa.

A lexicografia é uma atividade que demanda do lexicógrafo muita dedicação e conhecimento, pois as dificuldades a serem enfrentadas por ele não são simples. Cada etapa do desenvolvimento de um dicionário exige do lexicógrafo domínio para as questões que envolvem essa prática. No que tange ao tratamento do significado, há distintas abordagens que podem ser aplicadas para sua explanação. Para dar conta de toda a complexidade dessa prática, é fundamental que o lexicógrafo tenha conhecimento sobre questões referentes à língua, incluindo teorias semânticas. Também é fundamental que domine questões da prática

---

<sup>3</sup> A posição na qual uma entrada pode ser localizada e encontrada na estrutura de uma obra de referência. (tradução nossa). No original: “The position at which an entry can be located and found in the structure of a REFERENCE WORK”. (HARTMANN; JAMES, 2002, p. 83).

lexicográfica, a qual parte de critérios como definição do usuário e do tipo de obra— aspectos que também repercutem na escolha da abordagem de organização da obra. Tudo isso deve ser realizado com base em uma metodologia pertinente à tarefa de construção de dicionário.

A produção lexicográfica conta com uma grande variedade tipológica de dicionários (KRIEGER, 2006). O que irá distingui-los será, sobretudo, dois aspectos imprescindíveis: o perfil do usuário e a função da obra. Atkins e Rundell (2008) reforçam inúmeras vezes que, antes de qualquer etapa do desenvolvimento de um dicionário, o lexicógrafo deve definir o perfil do usuário. No entanto, entendemos que a definição de um usuário não restringe o uso da obra por um público absoluto, e sim traça um perfil de usuário ideal, conforme coloca Hartmann (2001). Segundo o autor, poucos trabalhos lexicográficos abordam a definição do perfil do usuário. No entanto, percebemos que, nos últimos anos, com o desenvolvimento de obras lexicográficas de linguagem especializada, a preocupação em definir o usuário já aparece, posto que a definição do perfil do usuário auxilia o lexicógrafo durante o processo de confecção do dicionário e auxilia, também, o metalexicógrafo<sup>4</sup> no processo de avaliação do dicionário.

Logo, a função do dicionário está diretamente relacionada à definição do perfil do usuário prototípico. É possível dizer que delimitar a função é etapa subsequente à definição do perfil do usuário, uma vez que a obra deve atender ao perfil traçado. Por exemplo, se o perfil delineado for o de um estudante do ensino fundamental, o lexicógrafo deverá pensar na função que atenda a esse público, incluindo aspectos como: separação silábica, classe gramatical, dentre outros itens que serão úteis para esse usuário, podendo ficar de fora, por exemplo, dados sobre etimologia. Assim, o conteúdo lexical deverá estar de acordo com a necessidade do usuário.

São exemplos de obras com propósitos distintos o minidicionário MiniAurélio<sup>5</sup> (2008) e o dicionário de língua geral Aurélio<sup>6</sup> (2010). O primeiro, de formato *pocket*— com medidas que facilitam o manuseio—, atende a um público difuso, mas é normalmente adotado pelo público escolar. Tradicionalmente, o minidicionário apresenta um número reduzido de entradas, assim como definições enxutas, já que sua versão é, classicamente, impressa. Mesmo que não seja uma característica obviamente relacionada ao conteúdo da obra, informações quanto às características físicas mostram que há grande diversidade nos dois dicionários. Enquanto o minidicionário apresenta de 900 a 1.000 páginas e pesa pouco mais de 500g, o Dicionário de Língua Geral dispõe de uma média de 2.000 a 3.000 páginas e pesa mais de 3 kg. Esse tipo de obra busca contemplar o léxico da língua de forma ampla, tanto no que diz respeito ao número

---

<sup>4</sup> Lexicógrafo que se vale da metalexicografia como disciplina teórica no apoio à Lexicografia.

<sup>5</sup> Neste trabalho, o MiniAurélio também será designado por meio da sigla MiAu.

<sup>6</sup> Neste trabalho, o Dicionário Aurélio também será designado por meio da sigla Au.

de palavras, quanto às definições apresentadas. A partir de uma comparação entre dois verbetes do Au (2010, *verbetefaca*) e do MiAu (2008, *verbetefaca*), é possível evidenciar, de forma clara, a diferença das informações trazidas pelas duas obras lexicográficas.

Figura 1: *Verbetefaca* (Au)

perfeito: *Foi uma festa...*  
**faca**<sup>1</sup> [De *faca*<sup>2</sup>, com alter. semântica, por metáfora gíriesca, poss.] *S. f.* 1. Instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo. [Sin., bras.: *biguana*. *Aum.*: *facão, facalhão e facalhaz.*] 2. Utensílio semelhante à *faca*<sup>1</sup> (1), us. à mesa como talher (1). 3. *Art. Gráf.* Chapa de corte. 4. *Art. Gráf.* Lâmina cortante do tescourão. 5. *Art. Gráf.* Lâmina cortante da guilhotina; navalha. 6. *Tip.* Navalha (6). 7. *Tip.* Telha (6). ♦ **Faca de arrasto.** *Bras. N.E. V.* *faca de rasto*: “Dias depois voltou José, ... trazendo uma espingarda nova na mão, uma *faca de arrasto* pendente na cintura” (Franklin Távora, *O Cabeleira*, p. 43). **Faca de rasto.** *Bras. RS* Grande *faca* ou *facão*, usada para abrir caminho no mato, cortar cipó, etc.; *faca de arrasto, facão de rasto.* **Faca oscilante.** *Art. Gráf.* Dispositivo para dobrar, nas dobradoras ou nas rotativas, por meio de lâmina sem gume que introduz o papel entre dois cilindros; braço oscilante. **Chiar na faca cega.** *Bras. N.E.* Sofrer muito por imprudência, por desprezo às conveniências, sem meios de defesa. **Entrar na faca.** *Fam.* Submeter-se a operação cirúrgica. **Estar com a faca e o queijo na mão.** 1. Ter poder amplo. 2. Dispor inteiramente de algo. [Sin. ger.: *ter a faca e o queijo na mão.*] **Pôr a faca no peito de.** *Bras. Fam.* Tentar forçar (alguém) a uma decisão, um pronunciamento, uma atitude ou ato qualquer; encostar na parede; *imprensar, imprensar contra a parede; pôr alguém contra a parede; dar um arrocho em.* **Ser uma faca.**

Fonte: Ferreira(2010, p.908).

Figura 2: *Verbetefaca* (MiAu)

**fa.ca** *sf.* Instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo.

Fonte:Ferreira(2008, p.397).

Ao que podemos perceber, na Figura 1, referente ao dicionário Au(2010), o verbe *faca* é constituído por uma microestrutura bastante complexa, que seria ineficaz à consulta de um público em nível escolar fundamental. Não apresenta a separação silábica, e o conteúdo das definições contempla uma redação complexa para esse nível escolar. No entanto, se o projeto do dicionário tem foco num perfil de usuário acadêmico, profissional ou técnico– grupos que possuem um nível de instrução elevado, se comparados ao público do ensino fundamental–, é esperado que o dicionário atenda às expectativas desse usuário. Da mesma forma, ao consultar o minidicionário, um usuário que possui um nível de conhecimento mais elevado que o estudante em nível escolar provavelmente consideraria insuficiente a definição do verbe *faca*.

Para avaliar de que forma o dicionário organiza as informações, podemos levar em consideração duas diferentes abordagens. Ambos os dicionários dos quais os verbetes acima foram extraídos adotam uma perspectiva semasiológica. Hartmann e James (2002, p.124) definem semasiologia como “uma abordagem semântica preocupada com a explicação do significado das palavras [...]”. Mais especificamente, uma abordagem semasiológica ocupa-se da avaliação do léxico numa direção que vai da forma linguística para os significados apresentados por ela. Nesse sentido, de acordo com Baldinger (1966, p.8), a semasiologia é conceituada como um “campo que considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação”. Uma definição mais recente, que complementa a de Baldinger, é a de Geeraerts e Grondelaers (2002), os quais afirmam que apresentar o conhecimento por meio da perspectiva semasiológica é descrever os distintos valores semânticos da palavra por meio de uma lista de significados. A partir do que foi exposto, podemos destacar que a semasiologia trata do campo das significações, sendo a abordagem tradicional adotada para a organização da informação semântica em dicionários de língua geral, os quais apresentam uma lista de palavras em ordem alfabética seguidas de seus respectivos significados.

Enquanto uma abordagem semasiológica privilegia o campo das significações, a onomasiologia tem como foco central o campo das designações. A onomasiologia é definida por Hartmann e James (2002, p. 124) como uma forma de “orientar o usuário para o uso de palavras apropriadas para a expressão de significados ou conceitos específicos”. São exemplos de dicionários onomasiológicos dicionários de sinônimos e os dicionários de antônimos—ou, ainda, os dicionários ilustrados. Sob a perspectiva de Geeraerts e Grondelaers (2002, p. 304-305), a onomasiologia “investiga o significante, no sentido de verificar quais palavras expressam o significado em questão”. No entanto, as abordagens dependem uma da outra e, dessa forma, complementam-se, conforme coloca Baldinger (1966, p.30):

A onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo de quem fala, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do que ouve, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre todas as significações possíveis.

Essa diferença de tratamento do significado entre a abordagem onomasiológica e a abordagem semasiológica indica a função particular de cada dicionário ao tratar o significado das palavras. Nossa proposta, com este estudo, tende a valorizar a perspectiva onomasiológica para o tratamento do significado lexical, já que a Semântica de *Frames* pode fornecer

componentes para tal tratamento, sem, contudo, abrir mão das características da abordagem semasiológica presentes na lexicografia tradicional.

Para Ullmann (1964, p.133), o tipo de abordagem depende do tipo de investigação; ele ainda afirma que não se trata de abordagens distintas, mas sim paralelas, e que a união de ambas resulta em bons trabalhos. Dicionários onomasiológicos desempenham a função de produção linguística e normalmente são utilizados por usuários que realizam tarefas envolvendo a produção textual. Podemos exemplificar esse tipo de abordagem com os dicionários de sinônimos, os quais são utilizados pelos usuários com a finalidade de adequação do léxico, para diversificar o uso das palavras. A figura a seguir exibe um exemplo de dicionário de sinônimos (DsE) no formato *online*<sup>7</sup>:

Figura 3: Exemplo de dicionário de sinônimos (DsE)



Fonte: Dicionário... ([2016]).

Para as situações em que a necessidade é a de esclarecer o significado da palavra ou consultar a ortografia, estão à disposição os dicionários semasiológicos, representados tradicionalmente pelos dicionários de língua geral. Esses recursos são regularmente empregados nas escolas e habitualmente apresentam definições de acordo com o modelo da Figura 2.

Ao se considerar o dicionário de língua geral, de formato tradicionalmente reconhecido pelos usuários, percebemos que ele apresenta elementos mais ou menos fixos na sua composição. Atkins e Rundell (2008) e Fontenelle (2008) apresentam como componentes canônicos: macroestrutura (questões pertinentes a todo o material léxico); microestrutura (as

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.sinonimos.com.br/>>.

informações inseridas dentro do verbete); medioestrutura (relação da microestrutura com os demais componentes); material introdutório; manual de instruções de uso; indicação do usuário prototípico (*front matter*<sup>8</sup>); e apêndices (*backmatter*<sup>9</sup>). Destacamos que, tradicionalmente, as informações sobre o significado das palavras são apresentadas na microestrutura da obra lexicográfica.

Ao investigar os componentes que constituem a obra lexicográfica em diferentes manuais lexicográficos, deparamo-nos com uma lista de componentes mais ou menos frequentes. Em se tratando de dicionários semasiológicos, os componentes essenciais que se repetem entre as diferentes referências são macroestrutura<sup>10</sup>, microestrutura<sup>11</sup> e medioestrutura<sup>12</sup>. Não são todos os autores que elegem os componentes introdutórios e os apêndices como indispensáveis. Por exemplo, Atkins e Rundell (2008, p. 176) tratam como principais componentes as entradas A-Z e outros materiais que denominam como “não lineares”: *front matter* e *backmatter*.

A macroestrutura é constituída pela lista de palavras. Segundo Atkins e Rundell (2008, p. 177-178), assim como os demais componentes, a lista de palavras deve ser planejada de acordo com o perfil do usuário. No entanto, o dicionário é uma ferramenta finita, no sentido de que é possível que alguma palavra buscada pelo usuário não esteja disponível na obra. Isso ocorre porque as escolhas dos componentes obedecem alguns critérios que dependem da escolha do lexicógrafo, o que justifica a falta ou a presença de algumas palavras. Nos exemplos

---

<sup>8</sup>“Those component parts of a dictionary’s MACROSTRUCTURE which precede the central WORD-LIST section. Examples of such ‘preliminaries’ in general dictionaries may include: title page, copyright page and imprint, acknowledgements and dedication, foreword or preface, table of contents, list of contributors, list of abbreviations and/or illustrations used, pronunciation key, USER’S GUIDE, notes on the nature, history and structure of the language, dictionary grammar.” (HARMANN; JAMES, 2002, p. 60).

<sup>9</sup>“Those component parts of a dictionary’s MACROSTRUCTURE which are located between the central WORD-LIST section and the end of the work. Examples of such ‘subsidiaries’ in general dictionaries may include: personal and place names; weights and measures; military ranks; chemical elements; alphabetic and numerical symbols; musical notation; quotations and proverbs; index.” (HARMANN; JAMES, 2002, p. 12).

<sup>10</sup>“The overall LIST structure which allows the compiler and the user to locate information in a REFERENCEWORK. The most common format in Western dictionaries is the alphabetical WORD-LIST (although there are other ways of ordering the HEADWORDS, e.g. thematically, chronologically or by frequency), which constitutes the central component. This can be supplemented by OUTSIDE MATTER in the front, middle or back of the work.” (HARMANN; JAMES, 2002, p. 91).

<sup>11</sup>“The internal design of a REFERENCE UNIT. In contrast to the overall word-list (MACROSTRUCTURE), the microstructure provides detailed information about the HEADWORD, with comments on its formal and semantic properties (spelling, pronunciation, grammar, definition, usage, etymology). If the headword has more than one SENSE, the information is given for each of these (SUBLEMMA). Dictionaries vary according to the amount of information they provide, and how they present it in the text of the ENTRY. Users may not have sufficient reference skills to follow the intricacies of the microstructure, and may need explicit guidance and/or instruction to find and extract the details required.” (HARMANN; JAMES, 2002, p. 94).

<sup>12</sup> Também denominada *cross-reference structure*. (HARMANN; JAMES, 2002, p. 93).

trazidos abaixo, retirados do Au (2010, p.7) e do Dicionário de Lexicografia, de Hartmann e James (2002, p. 1), a lista de palavras é apresentada em ordem alfabética e em negrito:

Figura 4: Lista de palavras (Au)



Fonte: Ferreira (2010).

Figura 5: Lista de palavras (Dicionário de Lexicografia)

**ABC order**  
 ⇨ ALPHABETICAL ORDER.

**abecedarian**  
 An archaic term for one who engages in the study or design of ALPHABETS.

**abecedary**  
 An archaic general term for 'alphabet primer' or 'dictionary'.

**abridged (dictionary)**  
 A shortened version of a larger dictionary in a DICTIONARY FAMILY, which is made by omitting from the fuller (UNABRIDGED) version items such as older or less frequently used words or phrases, etymologies or examples.  
 ⇨ DERIVATIVE DICTIONARY.  
 ■ Burnett 1988.

Fonte: Hartmann e James (2002, p.1).

A medioestrutura, segundo Hartmann e James (2002, p. 93), compreende “uma estrutura de referência cruzada”. Nesse sentido, podemos entender que a medioestruturapropõe a relação

das informações presentes em diferentes partes da obra, entre diferentes verbetes e entre diferentes componentes. Tem a finalidade de auxiliar o usuário na localização de informações na obra. Essa relação poderá ocorrer entre a microestrutura e os demais componentes do dicionário, como microestrutura e *front matter*, microestrutura e *backmatter* ou microestrutura e macroestrutura. Normalmente, a indicação da informação relacionada é marcada pela palavra VER – em alguns casos, com números entre parênteses, indicando o conteúdo relacionado, ou outra acepção da palavra, como no verbete *dócil* do Houaiss<sup>13</sup>(2009, p.704):

Figura 6: Verbetes *dócil* (Hou)

**dócil** *adj. 2g.* (1549) **1** que aprende com facilidade **2** que se submete a alguém ou a algo, sem oferecer resistência **3** que apresenta temperamento fácil; brando, manso ◉ GRAM sup.abs.sint.: *docílimo, docilíssimo* ◉ ETIM lat. *docilis*, e 'id.' ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *resignado* ◉ ANT teimoso, testudo, voluntarioso; ver tb. antonímia de *resignado*

Fonte: Dicionário... (2009, p.704)

O componente *front matter* não é item obrigatório nos dicionários e, por isso, não apresenta uma restrição quanto ao conteúdo que deve ser apresentado. No entanto, torna-se item imprescindível no que se refere ao conteúdo que orienta o usuário para o uso da obra. Sendo assim, o *front matter* poderá apresentar, além do manual do usuário, uma introdução que detalha os objetivos do dicionário, sua função e público a quem foi destinada a obra, dentre outras informações que poderão auxiliar no seu manuseio. Sobretudo, o caráter essencial deve ser a qualidade e também a quantidade de informações que facilitarão o uso do dicionário para o consultante. Tomamos como exemplo parte do *front matter* do MiAu, o qual apresenta o dicionário indicando sua função e disponibilizando dicas de uso.

Figura 7: *Front matter* (MiAu)

<sup>13</sup> Neste trabalho, o Dicionário Houaiss também será designado por meio da sigla Hou.

## SOBRE O DICIONÁRIO

O MINIAURÉLIO é um dicionário de fácil consulta. Ele foi concebido para atender às necessidades básicas de seus usuários – estudantes, profissionais e pessoas que no dia-a-dia precisam ter à mão uma ferramenta útil para esclarecer uma dúvida ou saber o sentido de uma palavra.

No entanto, para usá-lo, é preciso entender que tudo nele quer dizer alguma coisa. O que vem antes das definições e depois delas também tem um significado, uma razão de ser. A entrada da palavra, por exemplo, diz como ela deve ser escrita e como as suas sílabas podem ser divididas. Logo após a entrada, pode vir também uma observação sobre a sua pronúncia correta; a seguir, a categoria gramatical (ou as categorias gramaticais) a que ela pertence.

Após os significados ou acepções, pode figurar também o registro de suas variantes, formas paralelas, sinônimos e antônimos; no caso de nomes (substantivos e adjetivos), o registro do plural (ou plurais, quando houver mais de um), do feminino (ou femininos, quando houver também mais de um) – e a pronúncia deles –, e o registro de seus diminutivos e aumentativos, quando aqueles (plural e feminino) e esses (diminutivo e aumentativo) representarem exceções na língua ou suscitarem dúvida. No caso dos adjetivos, ocorre ainda o registro de seu(s) superlativo(s) irregular(es). E no caso dos verbos, além da indicação de sua categoria e regência, informa-se também o seu paradigma de conjugação entre parênteses.

### COMO USAR O DICIONÁRIO

Questões ortográficas, gramaticais, semânticas, prosódicas, de uso, etc. podem ser esclarecidas com o MINIAURÉLIO.

- ✓ Para questões ortográficas, basta ver como se grafia a palavra, em ordem alfabética, no dicionário: são consideradas apenas as letras na ordenação alfabética das entradas (ou seja, não se consideram o hífen, quando há).

Há palavras que apresentam forma dupla, como, por exemplo, *contacto* ou *contato*. O registro de ambas atesta a possibilidade das duas grafias e, conseqüentemente, das duas pronúncias.

Para saber, por exemplo, como se dividem as sílabas dessas duas formas, basta observar o sinal, que indica a separação silábica. Mas também pode ocorrer um sinal de dois pontos. Este sinal, em negrito, só vai aparecer para duas vogais juntas que puderem ser pronunciadas de duas formas. Ou como (base de) uma sílaba só, ou como duas sílabas diferentes, isto é, formando, no primeiro caso, um ditongo e, no segundo, um hiato. É o caso, por exemplo, de *enumeraçãõ*, que pode ser pronunciada desta maneira: e-num-ê-a-ção. Ou desta: e-num-ê-a-ção.

Saiba mais sobre o MINIAURÉLIO:

- ✓ Para as dúvidas de pronúncia, há três “espaços”, digamos assim, em que o usuário pode encontrar respostas para as suas questões: a entrada do verbo; a ortoépia; e a acentuação, após as acepções da palavra.

#### ENTRADA DO VERBO

Exemplo:

**gra.tui.to** *adv.* 1.feito, dado ou recebido de graça: *entrada gratuita*. 2. Que não envolve interesse ou vantagem. 3. Infundado; sem prova: *acusação gratuita*. § *gra.tui.ta.mente* *adv.*

Fonte: Ferreira(2008, p. 8).

Dos componentes canônicos descritos acima, a construção da microestrutura é a etapa mais complexa – conforme enfatizam Atkins e Rundell (2008) e Fontenelle (2008). Um dos motivos dessa complexidade está no tratamento do significado lexical, item essencial da microestrutura, a qual poderá apresentar elementos como pós-comentários, marcas de uso, notas, referências, dentre outros. Para a construção das definições, o lexicográfico enfrenta algumas dificuldades – como a seleção e a definição do conteúdo –, principalmente porque as palavras podem apresentar diferentes significados de acordo com o contexto.

## 2.2 A RELAÇÃO DA LEXICOGRAFIA COM TEORIAS SEMÂNTICAS

Conforme já havíamos afirmado, a lexicografia é uma atividade de natureza prática, mas que necessita de um apoio teórico. Apesar do seu caráter essencialmente prático, a Lexicografia, sob a ótica de alguns lexicógrafos mais tradicionais como Zgusta, Wierzbicka e Weinreich, dispõe de uma contraparte teórica, chamada de metalexicografia. Segundo Hartmann e James (2001), ela se define como “[...] um complexo de atividades atinentes à reflexão sobre a prática lexicográfica”. Apesar da existência e tentativa de sustentar a prática lexicográfica por meio da metalexicografia, ela não possuiu potencial de uma teoria semântica. Nesse sentido, entendemos que a necessidade de um amparo por uma teoria semântica é importante, para dar conta de uma série de questões que envolvem a prática lexicográfica. Alguns lexicógrafos renomados como Casares, Zgusta, Rey-Debove, Haensch e Wiegand, dentre outros nomes, são autores que acreditam no amparo da prática pela metalexicografia como sendo uma alternativa de dar mais autonomia à área. Não obstante, compreendemos que o papel cumprido pela metalexicografia tem sim importância, mas não se mostra suficiente.

Não consensualmente, mas tomando como base aquilo que a metalexicografia apresenta, há predominância da aplicação da semântica estrutural como teoria linguística tradicionalmente utilizada para tratar do significado nos dicionários. Por mais que essa informação não esteja totalmente explícita, percebemos que está presente por meio da forma pela qual o significado é tratado. A linguística estrutural percebe a língua como um sistema autônomo de signos. Nesse sentido, essa abordagem linguística entende que os elementos desse sistema adquirem valor por meio das relações mantidas entre eles, interessando o significado na totalidade desses elementos e nada do que estiver fora deles. Assim, uma mudança de valor de um desses elementos desse sistema irá alterar todo o sistema de relações. Por esse motivo, tal paradigma defende o estudo sincrônico da língua.

Um exemplo dessa perspectiva restrita de tratamento lexical está na proposta oferecida pela teoria dos campos léxicos (COSERIU, 1977; 1987) e na teoria das relações lexicais (LYONS, 1980), que excluem os elementos exteriores ao sistema linguístico dos fenômenos dos quais se ocupam. Aos estruturalistas, interessa investigar o significado denotacional, conceituado por Hartmann e James (2002, p.36) como “Um aspecto do significado que relaciona uma palavra ou frase com o objetivo expresso pelo seu referente”. Sendo assim, procuram desconsiderar a relação dos elementos linguísticos com elementos do mundo exterior e fatos provenientes do uso, tentando demarcar uma linha divisória entre o que é conhecimento linguístico e o que é conhecimento enciclopédico.

Nesse sentido, é comum que abordagens tradicionais apliquem, como critério de redação das definições nos dicionários, a fórmula *genus proximum*<sup>14</sup>+ *differentiaespecificae*<sup>15</sup>, que atende a uma apresentação *intensional*<sup>16</sup>do significado. São critérios aplicados pela lexicografia para a definição das palavras desde o tempo de Aristóteles, que contribuem no tratamento do significado ao definir uma palavra a partir da categoria mais inclusiva(*genus proximum*) e apresentar suas especificidades com relação os demais membros (*differentiaespecificae*). Segundo Pottier (1965, p.23), a maioria das definições apresentadas pelos dicionários obedece a esses dois critérios; no entanto, o autor defende que a definição semântica de uma palavra pode atender a quatro tipos de distinguidores, os quais não se distanciam totalmente dos critérios acima descritos:

Uma categoria representa necessariamente um ‘gênero próximo’, de compreensão mais abstrata e mais geral que a palavra a ser definida, e ela só se torna o equivalente dessa palavra pela indicação da ‘diferença específica’. Portanto, uma definição compreende necessariamente, e no mínimo, dois termos.

Pelo fato de considerar a língua enquanto sistema, a semântica estrutural limita o tratamento do significado das palavras. Por aplicar a fórmula *genus proximum* + *differentiaespecificae*, acaba excluindo informações às vezes essenciais para o entendimento do significado, quais sejam, informações de mundo e experiências que facilitariam a definição de alguns itens lexicais. Nesse ínterim, competência de uma teoria semântica em conceder suporte à lexicografia, no sentido de dar conta de todas essas implicações, é uma discussão de longa data. Muitos estudos no âmbito da Lexicografia, assim como no âmbito da Semântica Lexical, apontam para as várias tentativas das teorias em abarcar a atividade de produção de dicionários.

Por outro lado, também podemos verificar que há uma preocupação fora da lexicografia em pensar uma teoria semântica capaz de atender a todas as implicações da língua. É o caso de Katz e Fodor ([1963]1977, p.80), no artigo *Teoria Semântica*<sup>17</sup>, em que declaram que as teorias

---

<sup>14</sup>“In the classical DEFINITION, the first part, of which the word to be explained is considered to be a specific instance. Semantically, the *genus proximum* is a superordinate word (HYPERONYM) to which the word to be defined is subordinate (HYPONYM). For example, the word *fir* can be defined as ‘a kind of tree [*genus proximum*] with evergreen needles [*DIFFERENTIA SPECIFICA*]’”. (HARMANN; JAMES, 2002, p. 62).

<sup>15</sup>“In the classical DEFINITION formula, the second part, or one or more of the characteristic features which distinguish the word to be explained from the generic term of which it is considered a specific instance. Thus, the English word *fir* can be defined as ‘a kind of tree with evergreen needles’. The phrase with evergreen needles is the *differentia specifica* which sets *fir* off from tree, the *GENUS PROXIMUM*.”(HARMANN; JAMES, 2002, p. 44).

<sup>16</sup>“Uma definição que especifica os atributos de um conceito específico em relação ao seu hiperônimo, por exemplo, tulipa ‘uma espécie de flor que...’.” (tradução nossa). A DEFINITION which specifies the attributes of a specific concept in relation to its HYPERONYM, e.g. tulip ‘a kind of flower which...’. (HARTMANN; JAMES, 2002, p. 75).

<sup>17</sup>Título no original: The Structure of Semantic Theory.

são vagas, apontando isso como um dos motivos para que as definições nem sempre sejam satisfatórias, por não terem força suficiente para clarificar os fatos semânticos. Batizam as teorias semânticas existentes de “heterogêneas e incoerentes”. Além disso, para os autores, a utilização de “metateorias” por parte de alguns estudiosos da língua seria a “forma abstrata da teoria semântica” (p.123); entretanto, “metateorias” não possibilitam a contemplação de alguns fenômenos linguísticos essenciais para o tratamento do significado. Por isso, mesmo não sendo a intenção de Katz e Fodor (1963), a proposta deles também não garantiria suporte à Lexicografia, uma vez que também não contempla os aspectos fora do sistema linguístico.

Katz e Fodor ([1963]1977, p. 79) veem como necessária a existência e a utilização de uma teoria semântica que auxilie no tratamento do significado das palavras. Sobre isso, afirmam que “Uma teoria semântica de uma língua natural faz parte da descrição linguística dessa língua”. Passadas mais de cinco décadas, a reflexão dos autores ainda hoje é pertinente, no que se refere à dificuldade de se estabelecer uma teoria semântica que contemple a descrição de uma língua natural.

Não deixa de ser abstrata também a forma pela qual Ogden e Richards (1972, p.141) pensam o tratamento do significado nos dicionários, pois eles declaram que há pretensão demais por parte dos dicionários em isolar as palavras de um lado e querer dar a elas significados estáveis. No entanto, essa é a organização adotada pela maioria das obras lexicográficas, principalmente as mais consultadas.

Discutir as implicações em torno do significado das palavras tem sido questão a ser deixada em segundo plano, por mais que sejam reconhecidas como essenciais. Vários lexicógrafos, dentre eles Atkins e Rundell (2008) e Fontenelle (2008), apontam-nas como uma necessidade, mas entendem que discutir sobre uma teoria semântica capaz de tratar do significado das palavras daria muito que falar – ou, melhor dizendo, muito que discutir, que refletir. Ao partir de uma visão mais contemporânea para o tratamento do significado, que reflète em aspectos do aparato linguístico (ou não linguístico) que uma definição pode apresentar, Geeraerts (2003, p. 83) propõe aos lexicógrafos fazerem certas escolhas para chegarem a uma boa definição nos dicionários. Para isso, normalmente, antes da construção das definições, ele indica a reflexão acerca de cinco questões pontuais:

- a) Preciso focar nos sentidos individuais das palavras?
- b) Quais leituras de uma palavra considero relevantes?
- c) Que tipo de significado tenho de definir?
- d) Que perspectiva linguística devo tomar?
- e) Qual é o formato de definição que uso?

Entendemos que a grande dificuldade esteja em encontrar respostas para essas cinco questões – ou, talvez, no próprio nível de interesse dos lexicógrafos, bem como no desafio em romper com uma tradição há tanto tempo perpetuada na tradição lexicográfica. Mas, estando nós cientes de que o formato apresentado pelos dicionários de língua geral não é atrativo e nem facilita a consulta, consideramos que seria pertinente discutir tais questões. Entendemos que persistir com a reimpressão desse tipo de obra é não refletir sobre uma série de questões que estão para além dessas cinco; essencialmente, trata-se de não pensar num ponto inicial, básico – o perfil do usuário –, ou no ponto que nos leva a realizar este estudo – que teoria semântica é capaz de contribuir para a prática lexicográfica tradicional.

Os dicionários de língua geral e os próprios teóricos apontam para a utilização da metalexigrafia ou do estruturalismo como aporte para a descrição do léxico. Tanto a primeira quanto a segunda teorias fazem questionar sobre a “verdadeira preocupação” em a obra dar conta do perfil de usuário projetado. Exemplo disso pode estar no critério utilizado para o tratamento do significado lexical: *genus proximum + differentia specifica* não considera os elementos fora do sistema da língua e, conseqüentemente, não considera elementos do mundo, impondo limites no tratamento do significado das palavras.

Nesse ponto de vista, reconhecemos a existência e a utilização de um apoio teórico, predominantemente estruturalista, de natureza semasiológica, que trata do significado nas definições dos dicionários. No entanto, entendemos que esse aporte tradicionalmente adotado não tem alcance suficiente para dar conta de toda a carga de conhecimento que uma palavra pode apresentar. Dessa forma, vemos a necessidade de refletir sobre o tratamento do significado no dicionário, com o interesse de investigar teorias semânticas que podem proporcionar uma concepção de língua que difere da concepção defendida pelas teorias tradicionalmente utilizadas, perspectivando um novo olhar para o tratamento do significado nos dicionários de língua, como já fazem autores como Atkins e Rundell (2008) e Geeraerts (2015), em suas discussões.

Rundell (2012), que possui um olhar arejado frente à prática lexicográfica, apresenta, no artigo *‘It works in practice but will it work in theory?’ The uneasy relationship between lexicography and matters theoretical*, um levantamento da discussão sobre Lexicografia e disciplinas/matérias teóricas, sob o ponto de vista de notáveis lexicógrafos, como Anna Wierzbicka, Béjoint, Sinclair, Zgusta, Shcherba e Wiegand. O objetivo desse artigo é o de falar sobre como teorias são empregadas na prática lexicográfica. Dentre os possíveis aportes à Lexicografia abordados por Rundell (2012), está a metalexigrafia de Shcherba (1940) e Wiegand (1989), que possui algumas limitações, já discutidas em outro

momento neste estudo. No entanto, podemos considerar que a metalexigrafia é uma tentativa de teorizar a prática de produzir dicionários. Não obstante, a existência dessa “teoria” não garante a satisfação para as questões aplicadas. Sobre o aporte prestado pela metalexigrafia, Rundell (2012, p.49) salienta: “A questão para os lexicógrafos praticantes é saber até que ponto qualquer um desses aspectos impacta sobre o modo como eles fazem o seu trabalho ou os ajuda a produzir melhores dicionários. Há uma vasta literatura e não há espaço aqui para uma pesquisa abrangente.”

Para Rundell (2012), a metalexigrafia satisfaz questões mais evidentes, questões mais práticas, como a pesquisa para a definição do usuário ou as demandas que respondem à tipologia das obras, parte da contribuição de Shcherba (1940). Não podemos afirmar que a contribuição desses lexicógrafos não foi vantajosa. Contudo, de acordo com o que foi posto por Rundell (2012), pouco se evoluiu, por exemplo, no tema definição. Para o autor, muitos lexicógrafos problematizam o simples, deixando de buscar explicações para tópicos muito mais necessitados de respostas; quanto a esse aspecto, Rundell (2012, p.56) faz a seguinte colocação, analisando a trajetória de Wiegand:

Para muitos de nós, no extremo nítido da lexicografia, há a sensação de que Wiegand e seus seguidores ocupam um universo paralelo, no qual as pessoas que não estão diretamente envolvidas na construção de dicionários constroem modelos teóricos que os autores de dicionários ignoram - não por meio de qualquer antipatia para a teoria *per se*, mas simplesmente porque eles não podem ver nenhum uso prático neles.

Para Rundell (2012, p. 57), são temas emergentes e de grande relevância os tópicos que vêm sendo apresentados na Euralex, como:

- a) análise *decorpuse* a utilização adequada dos dados;
- b) a relação entre o processamento do léxico e a linguagem natural;
- c) a natureza do sentido das palavras e sua relação com características contextuais sintáticas;
- d) a eficácia de diferentes abordagens para a definição;
- e) o tratamento lexicográfico de expressões;
- f) a extração automática de dados lexicais.

Os temas indicam não só a relevância dessas discussões para a Lexicografia, mas apontam também para a relação do conteúdo desta pesquisa com grande parte desses tópicos. Também podemos relacionar o trabalho desenvolvido na *FrameNet*, plataforma lexicográfica *online* que utiliza a Semântica de *Frames* como aporte teórico, a qual abrange praticamente

todos esses itens. Do nosso ponto de vista, discutir sobre uma teoria semântica capaz de dar conta do tratamento do significado lexical é a questão mais urgente dentre tais temas. Nesse sentido, a presente investigação enquadra-se nesta última categoria, de acordo com Rundell (2012).

Outra tentativa de teorizar a prática lexicográfica, também analisada no artigo por Rundell, é a “teoria das funções lexicográficas”, de Bergholtz e colegas. Baseada no usuário, a teoria pretende amparar uma série de demandas da prática, de acordo com a necessidade de cada usuário. Mas, segundo Rundell, não há nada de novo nessa teoria, visto que esse já é um ponto que vem sendo pesquisado há muito mais tempo por Hartmann (1987), bem como por Atkins e Rundell (2008). Sobre a “teoria das funções lexicográficas” (*The Aarhus School*), a posição de Rundell (2012, p. 59-60) é a de que:

A Escola Aarhus enfatiza, com razão, a importância de entender as necessidades e capacidades dos usuários do dicionário. Este é, e sempre foi, o cerne do que os bons lexicógrafos fazem. Mas uma pequena leitura de fundo lhes diria que isso não é, de forma alguma, um *insight* inovador.

A impressão que temos é de que voltamos à estaca zero: segue a falta de convergência entre lexicografia e teorias semânticas. E uma das fronteiras que impede o amadurecimento e o enriquecimento das discussões e da própria produção dicionarística está no distanciamento entre lexicógrafos e linguistas. Em 1980, o projeto *Cobuild*<sup>18</sup> marcava o intenso trabalho de linguistas e lexicógrafos para a criação de um banco de dados do léxico, com base na Linguística de *Corpus*. Em meados de 1986, McCawley já apontava para a necessidade de um trabalho mútuo entre lexicógrafos e linguistas, e Cruse (1986) já apresentava seus primeiros trabalhos de semântica lexical. Perante esse histórico, entendemos como necessário, para uma tentativa de convergência entre essas duas disciplinas, que lexicógrafos e linguistas estreitem os laços de trabalho, como fizeram Atkins e Fillmore (1988), no estudo que uniu o estudo entre léxico e Semântica de *Frames*. Produzir dicionários é efetivamente descrever o objeto de estudo dos linguistas, como afirma Rundell (2012, p. 64):

Antes de entender melhor, eu pensei que os dicionários fossem livros sobre palavras. Na verdade, é claro que são livros sobre linguagem - por isso é lógico que aqueles de nós que fazem dicionários devem buscar o conselho de pessoas que se especializam em pensar sobre como a linguagem funciona. No entanto, nem todos concordam.

---

<sup>18</sup>*Cobuild* foi o primeiro dicionário da língua inglesa compilado a partir de um *corpus* computadorizado, por Sinclair, et al. (1987).

Ainda que a relação da Lexicografia com teorias linguísticas não apresente um quadro satisfatório, os trabalhos que caminham para esta união mostram que a relação entre as duas áreas pode ser frutuosa. É o caso da aplicação da teoria dos protótipos, referida por Rundell (2012, p. 67). O autor utiliza as palavras de Geeraerts (1990, p.210) para avaliar a pertinência de tal abordagem: esta seria “[...] adequada como base teórica para uma metateoria lexicográfica, uma vez que modela precisamente os tipos de fenômenos semânticos que lexicógrafos têm de enfrentar”.

Um ponto destacado por Rundell é que, com o surgimento da lexicografia eletrônica (*e-lexicography*<sup>19</sup>), a tendência é que sejam necessários tanto esforços de lexicógrafos como de linguistas para dar conta do novo desafio dos dicionários eletrônicos. Essas novas ferramentas buscam atingir o usuário que domina a tecnologia e o mundo digital. No entanto, há uma questão bem importante aqui: não se trata de apenas transferir para o eletrônico o que já está disponível no papel, pois nada adiantará replicar para o formato eletrônico o que vem sendo aplicado nas obras clássicas. Cabe aos dicionários eletrônicos ofertar ferramentas à altura dos interesses do consulente, subsidiadas, principalmente, por uma teoria linguística. Por outro lado, temos a limitação das obras impressas que, pela questão de espaço físico, continuam suprimindo informações, além de não oferecerem uma consulta amigável aos seus usuários. Considerando que esse aspecto está no cerne de nossa discussão, buscamos repensar o tratamento lexical nos dicionários de língua geral, partindo da visão arejada da Semântica de *Frames*, para contribuirmos no desenvolvimento desse tipo de obra lexicográfica.

Na mesma perspectiva de Rundell – porém, um tanto quanto recente –, Geeraerts (2015, p.425) recupera o tema de discussão deste capítulo: Lexicografia X teoria semântica. É interessante e pertinente o modo como ele inicia a discussão, afirmando que “[...] lexicografia pertence ao domínio da linguística aplicada”, cuja contraparte teórica é a Lexicologia, sendo que a parte que dá conta do significado das palavras é a semântica lexical. A partir dessa afirmação, ele diz que as teorias que se ocupam do significado das palavras precisam ser levadas em consideração. Até aqui, não temos nenhum dado novo, que possa nos surpreender. No entanto, Geeraerts (2015), sob o ponto de vista da semântica lexical, descreve três principais estágios

---

<sup>19</sup> Lexicografia eletrônica pode ser definida como “[...] um termo guarda-chuva para se referir ao design, uso e aplicação de dicionários eletrônicos (DEs), os quais são, por sua vez, definidos como coleções de dados eletrônicos estruturados, originalmente orientadas para pessoas, que fornecem informações sobre a forma, significado e uso de palavras em um ou mais idiomas e são armazenadas em diversos dispositivos (PC, Internet, dispositivos móveis).” (GRANGER; PAQUOT, 2012, p. 2).

dessa área de estudo na história: a semântica histórico-filológica, a semântica estruturalista e a semântica cognitiva.

A semântica histórico-filosófica, de Bréal (1897), é caracterizada por considerar que a concepção do significado provém de dois sentidos: “[...] significados lexicais são considerados entidades psicológicas, ou seja, (uma espécie de) pensamentos ou ideias]” e “[...] significados mudam com o tempo, mas, a fim de explicar essa mudança, precisamos levar em conta como significados mudam em contextos específicos.” (GEERAERTS, 2015, p.426). Essa teoria é importante para a Lexicografia diacrônica, a qual estuda as mudanças da língua na história.

A semântica estruturalista, como já observado anteriormente, está associada ao trabalho desenvolvido a partir de Saussure (2006), que parte do princípio de língua enquanto um sistema. Tal sistema é autônomo e sincrônico, em que os elementos possuem relação uns com os outros, e o que estiver fora do sistema não possui valor para descrição da língua. Representam a semântica estruturalista e grande parte da produção dicionarística: a teoria dos campos lexicais, a análise componencial e a semântica relacional. Foi por meio da semântica estruturalista que surgiram os grandes pensadores da prática lexicográfica: Dornseiff (1959), Baldinger (1966), Zgusta (1971) e Wierzbicka (1985), dentre outros nomes importantes.

A mais recente abordagem observada por Geeraerts surge na década de 1980, incorporada aos compromissos assumidos pela Linguística Cognitiva, a qual contempla a linguagem como um processo da cognição humana. Dentro da perspectiva cognitiva, a semântica lexical conta com diferentes teorias para estudo do significado das palavras; dentre elas, Geeraerts discorre sobre três: a teoria prototípica, a teoria da metáfora conceitual e metonímia e a Semântica de *Frames*, na qual nos detemos. Por ser uma abordagem relativamente recente, que rompe com a tradição adotada pelas obras lexicográficas impressas, a semântica cognitiva praticamente não tem aplicação nos dicionários de língua geral. Em algumas definições, mesmo que de forma rara, percebemos uma inclinação em adotar a teoria dos protótipos, mas nada que esteja explícito na obra.

A teoria dos protótipos, segundo a visão de Geeraerts (1990; 2007; 2015), Hanks (1994) e Kilgarriff (1997b), “é a abordagem que melhor se relaciona com a Lexicografia”. A partir disso, podemos pensar que há uma grande resistência em romper com a forma tradicional presente nas obras impressas, já que diferentes teorias semânticas têm sido investigadas, mas estas raramente se refletem na Lexicografia prática. Talvez possamos concordar com Geeraerts (2015), que defende que um bom motivo para o quadro permanecer o mesmo, durante todo esse tempo, seja pelo fato de as questões funcionais e financeiras pesarem mais do que questões teóricas. (p.438).

Partir do ponto de vista da Semântica Cognitiva é basearmos-nos na existência do significado enciclopédico. Para a Semântica de *Frames*, este significado é constituído por elementos extralinguísticos, resultantes da interação do indivíduo com o mundo que o cerca – ou, como propõe Geeraerts (2015, p.436): “[...] a linguística cognitiva toma como ponto de partida a ideia de que o significado na linguagem não pode ser separado das outras capacidades cognitivas dos seres humanos, ou seja, a partir de sua experiência e conhecimento em um sentido mais amplo”.

Com a Semântica de *Frames*, Geeraerts (2015), destaca o propósito da abordagem cognitiva. Ele diz ser a Semântica de *Frames* “o modelo mais articulado” (p.434) dentre as teorias que compõem a semântica cognitiva, uma vez que os *frames* representam estruturas do conhecimento que são acionadas de acordo com o contexto. E, por isso, foi o modelo que impulsionou grandes projetos envolvendo três grandes áreas de estudo: Lexicografia, Semântica e Linguística de *Corpus*. Os empreendimentos realizados por meio da parceria entre a Lexicografia, a Semântica Cognitiva e a Semântica de *Frames* podem ser conferidos no capítulo 4.

Esse panorama analisado por Rundell (2012) e Geeraerts (2015) reflete a limitação teórica da Lexicografia. A intenção não é apontar para os erros que as obras clássicas apresentam, e sim refletir sobre as teorias que de alguma forma contribuíram para a prática lexicográfica. Nesse sentido, pensando sob a perspectiva de uma linha de tempo, podemos afirmar que o estruturalismo ocupa grande parte do espaço no tratamento das palavras na lexicografia tradicional.

Tendo em vista toda essa discussão, acreditamos que os dicionários de língua geral, os quais temos categorizado como produtos da lexicografia tradicional, são referências na descrição da língua. O fato de essas obras carregarem, ao longo do tempo, a posição de língua enquanto sistema não resultou em grandes discussões. No entanto, nosso ponto de vista é de que sim, este seria um tema para uma enorme discussão, já que percebemos que a tradição na elaboração dos dicionários é limitada em uma série de questões. Mas isso não nos impede de repensarmos essas obras e, principalmente, refletirmos sobre a contribuição da Semântica de *Frames* nesse tipo de dicionário, uma vez que reconhecemos nessa teoria a capacidade para tratar do significado das palavras de forma contextualizada.

### 3 LINGUÍSTICA COGNITIVA

No capítulo anterior, apresentamos a Lexicografia e alguns aspectos comumente aplicados no tratamento do significado das palavras, apontando para a aplicação predominante de um aporte teórico estruturalista. Com o propósito de investigar o tratamento do significado das palavras no dicionário sob o ponto de vista de outras teorias, tentamos avaliar como sucede essa análise na Linguística Cognitiva. Com a finalidade de contemplar a discussão acerca da análise lexical do prisma cognitivo, projetamos a seguinte estrutura para o capítulo: na seção 3.1, conceituamos a Linguística Cognitiva, apresentando os compromissos e as principais abordagens teóricas; na seção 3.2, discutimos o olhar da Semântica Cognitiva como aporte teórico para o tratamento do significado. Por fim, na seção 3.3, exploramos a Semântica de *Frames* como possibilidade de tratamento do significado lexical; mais especificamente, ilustramos como essa concepção enciclopédica pode ser conveniente para colaborar no tratamento semasiológico dado às palavras nos dicionários de língua geral.

#### 3.1 A VISÃO COGNITIVA

A Linguística Cognitiva (doravante LC) surgiu da motivação e de ideias compartilhadas de um grupo de linguistas provenientes do gerativismo, mas que, inquietos com o papel secundário dado à semântica, propuseram-se a investigar os processos que envolvem cognição humana, significado e experiência. Vale afirmar, que tanto o Gerativismo como a Linguística Cognitiva estão firmados na base cognitiva, no entanto, a Linguística Cognitiva se vale da empiria, do experimentalismo e do conhecimento corporificado. O Gerativismo tem como base os achados de Chomsky. Os estudos da Linguística Cognitiva estão pautados em três pilares: a primazia da semântica na análise linguística, a natureza enciclopédica do significado linguístico e a sua natureza conceptual. No âmbito da abordagem cognitiva, há dois diferentes grupos que se distinguem pelo foco da pesquisa: um interessado na gramática (Gramática Cognitiva - GC) e outro que se ocupa dos significados das palavras (Semântica Cognitiva-SC). Diferentemente da visão gerativista, a qual defende a existência de uma faculdade da linguagem, em que todos nascem com essa capacidade inata, a Linguística Cognitiva acredita que a capacidade linguística do sujeito falante, mesmo que dependente de fatores biológicos, está também relacionada com as experiências do mundo a que ele está exposto.

Para George Lakoff (1990), a Linguística Cognitiva tem dois compromissos: descrever as generalizações da linguagem e ser fiel às descobertas empíricas que envolvem a mente e o cérebro – este último corresponde ao compromisso cognitivo. Ao primeiro compromisso, está

vinculada a grande aposta de se considerar a linguística como empreendimento científico e, ao segundo, a de concretizar, tornar fundamentáveis experiências que envolvem a mente e o cérebro, com a ajuda das áreas afins como, por exemplo, a psicologia cognitiva e a neurociência, com seus conceitos, estruturas e categorias. Quanto à importância desses dois compromissos para as investigações em linguística, Lakoff (1990, p. 11) garante que

[...] aceitar os compromissos de generalização e cognitivo não é uma questão de pouca importância. Esses compromissos têm consequências de grande alcance quando combinamos com pesquisas empíricas – consequências que alteram completamente a natureza da linguística.

A Linguística Cognitiva de George Lakoff, Leonard Talmy, Ronald Langacker, Gilles Fauconnier e Charles Fillmore buscava novos horizontes para os estudos linguísticos, inaugurando, entre as décadas de 1970 e 1980, uma nova área na linguística, considerando, acima de tudo, a mente humana, assim como as experiências do ser humano com o mundo que o cerca. Essa nova abordagem destaca-se pelo seu atributo interdisciplinar, que recebe o apoio das áreas como Neurociências, Antropologia, Filosofia, Inteligência Artificial e, em especial, da Psicologia, com os estudos que envolvem as capacidades da mente humana. Assim, esse conjunto de teorias oportunizou a conexão entre a cognição e a linguagem. Como apontam Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 5):

A Linguística Cognitiva é o estudo da linguagem na sua função cognitiva, em que cognitiva faz referência ao papel crucial das estruturas informacionais intermediárias em nossos encontros com o mundo. A Linguística Cognitiva é cognitiva no mesmo sentido que a Psicologia o é: por assumir que a nossa interação com o mundo é mediada por estruturas informacionais na mente. É mais específica do que a psicologia cognitiva, no entanto, concentrando-se em linguagem natural como um meio para organizar, processar e transmitir essa informação. Linguagem, então, é vista como um repositório de conhecimento do mundo, uma coleção estruturada de categorias significativas que nos ajudam a lidar com novas experiências e armazenar informações sobre as antigas. (tradução nossa)<sup>20</sup>.

Por compreender um movimento constituído por ideias compartilhadas que giram em torno do foco linguagem e cognição, ou, como sugerem Geeraerts e Cuyckens (2007, p.3), “[...] um feixe de muitas abordagens que se sobrepõem parcialmente, em vez de uma única teoria

---

<sup>20</sup> Cognitive Linguistics is the study of language in its cognitive function, where cognitive refers to the crucial role of intermediate informational structures in our encounters with the world. Cognitive Linguistics is cognitive in the same way that cognitive psychology is: by assuming that our interaction with the world is mediated through informational structures in the mind. It is more specific than cognitive psychology, however, by focusing on natural language as a means for organizing, processing, and conveying that information. Language, then, is seen as a repository of world knowledge, a structured collection of meaningful categories that help us deal with new experiences and store information about old ones.

bem definida”, a Linguística Cognitiva acaba por dividir-se em diferentes “subteorias” e nos cabe apontar os principais estudos. A teoria proposta por Lakoff (1987) investiga os MCIs (modelos cognitivos idealizados) disponíveis na mente humana, os quais têm compromisso com o sistema conceptual e estão intrinsicamente ligados aos domínios de experiência, fundo do conhecimento. Um exemplo de um modelo idealizado apresentado pelo autor faz menção à Casa Branca, que tem sentido para o grupo que possui o respectivo conhecimento de fundo; esse grupo, munido desta estrutura de conhecimento, vincula a Casa Branca com a casa onde mora o Presidente dos EUA. Para Lakoff, as experiências envolvem o corpo na sua totalidade: habilidades sensório-motoras, emocionais, sociais, assim como a capacidade inata do indivíduo. É um conjunto que resulta nas experiências, tornando-as factíveis. Nas palavras de Lakoff (1987, p.266, tradução nossa),

A noção de experiência envolve a totalidade da experiência humana e tudo o que nela desempenha um papel – a natureza de nossos corpos, nossas capacidades geneticamente herdadas, nosso modo de funcionamento físico no mundo, nossa organização social etc.<sup>21</sup>.

Filósofa da mente, Johnson (1987) defende a existência de *esquemas imagéticos* na mente humana, os quais são definidos como estruturas esquemáticas resultantes das relações perceptuais e movimentos do corpo, que viabilizam ao ser humano o contato, a compreensão lógica das experiências e do mundo em que está inserido. Inconscientemente, sendo o corpo o instrumento de acesso, são disponibilizadas na memória estruturas recorrentes, as quais são acionadas quando necessárias de acordo com o contexto de uso. Johnson elabora 30 esquemas de imagem os quais considera mais importantes, todos com base no experimentalismo e tendo o corpo como objeto de ação, princípios fundamentais da visão cognitivista. Para essa teoria, todas as experiências acontecem por meio do corpo; são as experiências físicas que dão sentido ao mundo.

Ao empregar a noção de esquemas de imagem, Lakoff e Johnson (1980) propõem exemplos de metáforas conceptuais, como O AMOR É UMA VIAGEM e TEMPO É DINHEIRO, exploradas por eles na obra *Metaphors we live by* (1980), que auxiliam no entendimento da projeção do domínio-fonte e domínio-alvo. A metáfora é um processo cognitivo; sendo assim, trata-se de um conhecimento já experienciado que facilita sua transposição para o nível linguístico. Dessa forma, a metáfora deixa de ser entendida apenas

---

<sup>21</sup> Experience is instead construed in the broad sense: the totality of human experience and everything that plays a role in it—the nature of our bodies, our genetically inherited capacities, our modes of physical functioning in the world, our social organization, etc.

como um recurso linguístico, adquirindo um papel de processo fundamental para a conceptualização.

A Linguística Cognitiva defende a existência de esquemas de imagem que são provenientes das atividades diárias que envolvem o corpo e a mente. Segundo Gibbs e Colston (1995, p.347), esses esquemas ficam à disposição e emergem quando necessário, como na manipulação de objetos, na expressão da noção de espaço (direita-esquerda, em cima/embaixo) e da noção de tempo. Alguns estudos já mostram que estão disponíveis mais ou menos trinta esquemas de imagem, os quais amparam a mente humana para uma série de atividades diárias (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987). Esquemas de imagem auxiliam em alguns processos gramaticais e amparam fenômenos metafóricos de níveis abstratos (Gibbs e Colston, 1995, p.348). Para Johnson (1987, p.30), tais construtos não são estáticos nem meros dispositivos de armazenamento da memória; o autor os conceitua como “[...] meios básicos pelos quais construímos ou constituímos uma ordenação, e não meros receptáculos passivos nos quais a experiência é despejada”.

Outro tema central de investigação da Linguística Cognitiva são os processos que envolvem o conhecimento por meio de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Os MCIs, propostos por Lakoff (1987), são estruturas complexas de conhecimento que manipulamos a fim de organizar e apreender as experiências de mundo. Os modelos representam o conhecimento que é idealizado; construídos a partir das vivências. Para o autor, os MCIs podem surgir de quatro tipos de princípios cognitivos básicos (LAKOFF, 1987, p. 68):

- Estrutura proposicional, como em *frames* de Fillmore
- Estrutura de esquemas imagéticos, como na gramática cognitiva de Langacker
- Mapeamentos metafóricos, como descrito por Lakoff e Johnson
- Mapeamentos metonímicos, como descrito por Johnson e Lakoff.

Dentre os exemplos de MCIs sugeridos por Lakoff (1987, p.74) está a idealização de *mãe* como “mulher que dá à luz uma criança”. No entanto, em seguida, Lakoff (1987) argumenta que não há definição que “cubra toda a gama de casos”, o que se confirma, no exemplo de *mãe*, que tal item não pode se restringir somente à mulher que dá à luz uma criança: isso excluiria as mulheres que, por impossibilidades de gerar uma criança, optam pela adoção e, mesmo assim, são mães. A reflexão do autor acerca desse exemplo culmina com o “efeito de protótipo”, o qual sustenta a existência de uma definição central, dentre as demais definições que uma palavra pode apresentar.

Em outra frente de investigação da Linguística Cognitiva, está Langacker (1987), que, apoiado pela visão cognitiva da gramática e pela teoria da *Gestalt*, desenvolveu uma gramática, na tentativa de encontrar semelhanças entre a estrutura linguística e os aspectos da percepção visual. A Gramática Cognitiva pensada por ele atende a um modelo constituído por “um inventário estruturado de unidades simbólicas” provenientes do uso e de processos cognitivos. Essas “unidades simbólicas” compreendem tanto o espaço fonológico (forma), como o espaço semântico (significado), que, juntos, segundo a proposta do autor, representam o “evento de uso” (1987, p.77), o que cumpre com os princípios das investigações na semântica cognitiva. Para a semântica cognitiva, o significado é constituído de estruturas conceptuais. Essas estruturas conceptuais foram desenvolvidas a partir de experiências do indivíduo na sociedade em uma cultura. Por estar amparada pelos processos que integram a cognição humana, a semântica cognitiva tem o apoio de diferentes áreas de estudo, principalmente da psicologia.

### 3.2 A SEMÂNTICA COGNITIVA

A semântica cognitiva é procedente da Linguística Cognitiva a partir da década de 1980, e seu surgimento foi marcado pelo trabalho de Lakoff e Johnson (1980) com as metáforas, na obra *Metaphors we live by*. Portanto, a metáfora é um processo cognitivo que está inserido no âmbito da Semântica Cognitiva. Dessa forma, entendemos que esse processo converge com os compromissos da Linguística Cognitiva, por apresentar potencial infinito de conceptualizações provenientes das experiências. Conforme já destacado na seção anterior, é considerada uma das formas pela qual o ser humano organiza e mapeia suas experiências que são refletidas no nível linguístico. Mas o que caracteriza essencialmente a semântica cognitiva são dois princípios representados pelos termos particularmente cognitivos: o experiencialismo (*experientialism*) e a visão corporificada (*embodiment*). Para Evans e Green (2006, p.157), esses dois princípios se completam: a experiência vivenciada pelo corpo – e aqui corpo não é somente uma estrutura física –, juntamente com os demais processos sociocognitivos, proporciona a existência de uma “organização conceptual”.

Antes de entrarmos na aplicabilidade dessa abordagem na lexicografia, cabe-nos discorrer sobre o que envolve estudar essa área de investigação. À semântica cognitiva, interessa estudar como os processos cognitivos se desenvolvem dentro da mente humana. Doravante, estudar esses processos requer o envolvimento de diversas outras áreas que também têm como objeto de estudo a linguagem e o seu processamento dentro do cérebro. Desse modo, assim como a Linguística Cognitiva é a junção de diferentes teorias que investigam a língua

como um processo da cognição humana, a semântica cognitiva também tem um leque de investigações que constituem um conjunto de teorias, dentre elas, a Semântica de *Frames*.

Por pressupor uma ciência cognitiva e manter relações próximas com áreas como a da psicologia, a Linguística Cognitiva tem como foco de investigação os processos da cognição humana, o que leva a investigar também como esses processos ocorrem no nível semântico da língua. Um desses processos cognitivos é a categorização, que ocorre na mente de forma rápida e automática, normalmente não percebida pelo indivíduo. É a forma pela qual “classificamos os objetos e eventos à nossa volta.” (KÖVECSES, 2006, p. 17). Segundo o autor, a categorização é uma das formas pela qual alimentamos e formamos uma parte considerável do nosso pensamento. O processo de categorização, assim como outros processos que iremos discutir ao longo desta investigação, está relacionado com o mundo sociocultural em que o indivíduo está inserido e é compartilhado com os membros da mesma comunidade. Há três formas para definir o processo de categorização: categorias são definidas por certas características essenciais (modelos clássicos); categorias são definidas por protótipos (protótipos); categorias são definidas por exemplares (modelos exemplares). (KÖVECSES, 2006, p.19).

A teoria prototípica, que sofre influência do processo de categorização, talvez seja o processo que recebe mais ênfase dentre os fenômenos estudados pela Linguística Cognitiva. Rosch (2012), autora cujas pesquisas deram origem à teoria dos protótipos, aplicou testes que tinham como objetivo confirmar a existência de membros mais prototípicos de uma categoria, o que se confirmou: segundo a autora, “O grau de pertencimento dos membros de uma categoria é de grande importância psicológica, pois está claro que tais medidas afetam virtualmente todos os grandes métodos de avaliação usados em pesquisas de psicologia”. (ROSCH, 2012, p. 88). A especialista em psicologia cognitiva define protótipos como “os melhores exemplos de uma categoria conceitual” (ROSCH, 2012, p.89), conceito diferente daquele proposto por Wittgenstein (1953) – no entanto, relacionado, já que ele denominava como “semelhança de família” as características compartilhadas entre os membros da categoria. Aplicando a noção de protótipo ao significado das palavras, podemos depreender que, dentre os significados que as palavras podem apresentar, há um significado mais central. Esse seria o significado prototípico em relação aos demais significados. Em relação à categorização linguística, Silva (1997, p. 11) declara ser um processo de duas dimensões:

[...] uma (semasiológica), [...] diz respeito à definição e à estrutura interna das categorias, concretamente às condições pelas quais x é membro da categoria Z; e a

outra (onomasiológica) diz respeito à escolha entre categorias alternativas, concretamente às condições pelas quais Z, e não W, é usado como nome de X.

Uma das aplicações da abordagem cognitiva, mais especificamente nas teorias semânticas cognitivas, refere-se ao tratamento do significado das palavras. Teorias semânticas tradicionais reconhecem a existência de dois tipos de significado: um é constituído por um componente dicionarístico e outro por um componente enciclopédico. A distinção conhecimento de dicionário X conhecimento enciclopédico surgiu da visão que os linguistas formais da década de 1960 possuíam em relação à separação dos dois componentes. Segundo Evans e Green (2006), o componente dicionarístico está relacionado ao significado das palavras e o componente enciclopédico, ao conhecimento de mundo. Mas, para os autores (2006), a constituição do significado lexical decorre tanto do componente dicionarístico como do componente enciclopédico. Diferentemente do propósito do conhecimento dicionarístico, o conhecimento enciclopédico é dinâmico e flexível. (SILVA, 2010, p. 32). Proveniente de base sociocultural, está relacionado ao uso da linguagem, por meio de experiências do indivíduo com o mundo em que está inserido.

Para tratar do significado lexical, Evans e Green (2006, p.209) elencam duas dicotomias: sentido e referência (sentido central e conhecimento do mundo exterior); semântica e pragmática (significado da palavra e o uso dela no mundo). Sustentando as diferenças entre as formas de tratar o significado lexical, apresentam o quadro a seguir:

Quadro 1: Conhecimento dicionarístico X Conhecimento enciclopédico

Conhecimento dicionarístico (linguístico)	Conhecimento enciclopédico (não linguístico)
Trata do <b>sentido</b> (o que as palavras significam)	Trata da <b>referência</b> (o que os falantes fazem com as palavras)
Relaciona-se à <b>Semântica</b>	Relaciona-se à <b>Pragmática</b>
Está armazenado no <b>léxicomental</b>	É regido pelos <b>princípios do uso da linguagem</b>

Fonte: adaptado de Evans e Green (2006, p. 209).

No entanto, para a Semântica Cognitiva, não existe a distinção entre os componentes do significado. Para essa abordagem, parte-se do princípio de que não há delimitação clara entre significado dicionarístico e enciclopédico. Isso implica afirmar que essa visão arejada de significado carrega uma vasta bagagem de experiências de mundo. Tais experiências estão disponíveis na mente humana e são acessadas por meio do léxico da língua, de acordo com o contexto de uso e quando necessário. Por defenderem a perspectiva enciclopédica do

significado, linguistas como Riemer (2010, p.88) rejeitam a existência do significado fora de seus “contextos particulares”, o que nos possibilita refletir acerca da intenção de grande parte dos lexicógrafos em demarcar o limite de cada um dos componentes. Assim como Riemer (2010), Evans e Green (2006, p.213) assumem a ideia de que existe um *continuum* entre os tipos de conhecimento, hipótese que vem sendo alicerçada pelos estudos cognitivos.

Por fim, destacamos que a semântica cognitiva amplia os fenômenos de estudo do significado, por partir do princípio de que o conhecimento é enciclopédico e pelo fato de suas investigações linguísticas serem motivadas por questões que envolvem a interação entre os falantes, aspectos sociais, de uso e, principalmente, questões culturais, vinculando o estudo do léxico às experiências acessadas na mente. Por isso, algumas investigações apontam que, dentre o conjunto de teorias que fazem parte da semântica cognitiva, a Semântica de *Frames* é a que tem demonstrado maior desempenho para contribuir com os estudos do léxico, justamente por compreender que toda essa bagagem de conhecimento e de experiências socioculturais estão disponíveis na mente e são “utilizadas” por intermédio do léxico.

### 3.3 SEMÂNTICA DE *FRAMES*

A trajetória percorrida pela Semântica de *Frames* foi notadamente longa e inspiradora para diferentes linguistas cognitivos. Inicialmente, o conceito de *frame* proposto por Fillmore (1976) contemplava apenas o nível linguístico, ainda percebendo a língua como um sistema composto pelos níveis fonéticos, semânticos e sintáticos, em que *frames* eram postos em uso de acordo com o contexto social e cultural. Segundo Cienki (2007), os *frames* também foram investigados por Lakoff (1990); o autor partiu dos princípios da Gestalt, que, mais tarde, solidificaram a teoria do linguista por meio dos Modelos Cognitivos Idealizados, conforme abordado na seção anterior. Os MCIs têm relação direta com a proposta de *frames* delineada por Fillmore. No entanto, dentre as teorias que trabalham com a noção de *frame*, a de Fillmore tem potencial para ser considerada uma teoria semântica, pelo fato de fornecer subsídios que dão conta do tratamento do significado das palavras.

Os primeiros trabalhos de Fillmore investigavam a sintaxe, a classificação dos verbos em inglês, os papéis semânticos e a valência dos verbos. Esta última investigação resultou no artigo sobre a *Gramática de Casos* (*The case for case*). A Gramática dos Casos foi uma “ponte” para Fillmore decisivamente entrar na Semântica de *Frames*, aspecto que se mostra evidente na seguinte declaração: “[...] cada *frame* de caso caracterizava uma pequena ‘cena’ ou ‘situação’ abstrata, de modo que, para entender a estrutura semântica do verbo, era necessário entender as

propriedades da esquematização das cenas.” (FILLMORE, 1982, p. 115). A proposta remodelada previa não mais um sistema constituído somente de elementos linguísticos, passando a considerar o conjunto: o linguístico mais o contexto (*cena*), resultando no conceito de *frame* como “sistema de conceitos relacionados”. A partir desse novo ponto de vista da Semântica de *Frames*, a teoria passou a se engajar nos propósitos da Linguística Cognitiva, principalmente por prestigiar o conhecimento enciclopédico, considerar o contexto sociocultural e a interação entre os falantes (a língua em uso).

A proposta de Fillmore foi desenvolvida antes mesmo de a Linguística Cognitiva se constituir como uma abordagem cujas investigações preconizavam os processos cognitivos. No entanto, como passou a compartilhar do mesmo objeto de investigação que as abordagens inseridas no escopo da LC, a Semântica de *Frames* passou a integrar, na década de 1980, o conjunto de teorias difundidas na Linguística Cognitiva. A Semântica de *Frames* legitima a tese de que o significado não é dissociado do contexto. Desse modo, a semântica fillmoriana entende que o acesso ao significado é resultado das relações estabelecidas entre estruturas de conhecimento (*experientialismo*). Nesse sentido, Lakoff e Johnson (1987) afirmam que o significado na Linguística Cognitiva só tem valor se for proveniente da interação experienciada entre falantes. Essas estruturas de conhecimento são denominadas por Fillmore (1975; 1982) de *frames*: compreendem “qualquer sistema de escolhas linguísticas [...] que podem ser associadas com instâncias prototípicas de cenas.” (FILLMORE, 1975, p.124). Quanto ao conceito de *cena*, presente nos artigos iniciais sobre a teoria (1977, p. 63, tradução nossa), o autor esclarece:

Eu uso a palavra *cena* em um sentido mais geral, incluindo não somente as cenas visuais, mas também tipos familiares de transações interpessoais, cenários padrões definidos pela cultura, estruturas institucionais, experiências de vida, imagem do corpo e, em geral, qualquer tipo de segmento coerente de crenças, ações, experiências ou imaginações humanas<sup>22</sup>.

Ao utilizar uma palavra, os indivíduos, que estão inseridos em diferentes comunidades linguísticas, realizam uma série de relações automaticamente, que são buscadas em suas memórias por meio de experiências já vivenciadas. Essas memórias são responsáveis pela construção do conhecimento que transporta aspectos culturais, sociais e históricos – construtos da estrutura mental da Semântica de *Frames* e base dessa abordagem cognitiva.

---

<sup>22</sup> I use the word scene in a maximally general sense, including not only visual scenes but also familiar kinds of interpersonal transactions, standard scenarios defined by the culture, institutional structures, enactive experiences, body image, and, in general, any kind of coherent segment of human beliefs, actions, experiences or imaginings.

Apesar de constituir uma bagagem rica de investigações, o trabalho de Fillmore na Semântica de *Frames* não foi prontamente estabelecido. Assim, o conceito daquilo que seria exatamente um *frame* foi sendo definido ao longo de suas publicações. Suas diferentes obras demonstram a evolução do trabalho do linguista, que, no final da década de 1960, principiou as primeiras ideias daquilo que seria mais tarde sua teoria semântica. No entanto, apenas em 1982 sua proposta foi solidificada, adentrando na Linguística Cognitiva como uma teoria pertencente a esse empreendimento. A Semântica de *Frames* foi consolidada por Fillmore no seu artigo *Frame Semantics* (1982) e apresentada pelo autor por meio do seguinte conceito:

Com o termo ‘semântica de frames’ eu tenho em mente um programa de pesquisa em semântica empírica e uma estrutura descritiva para apresentar os resultados de tal pesquisa. A semântica de frames oferece um modo particular de se olhar para o significado das palavras, e também um modo de caracterizar princípios para criar novas palavras e expressões, para adicionar novos sentidos às palavras, e para juntar os sentidos de elementos textuais ao sentido total do texto<sup>23</sup>. (FILLMORE, 1982, p. 111, tradução nossa).

Em seguida, Fillmore introduz o conceito de *frame* da seguinte forma:

Pelo termo *frame* tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles é preciso entender a estrutura total na qual ele se enquadra; quando um dos itens de tal estrutura é introduzido em um texto ou em uma conversação, todos os outros são automaticamente disponibilizados<sup>24</sup>. (FILLMORE, 1982, p.11, tradução nossa).

Em um de seus textos mais recentes (FILLMORE, 2010, p. 159), a proposta semântica do autor fica evidente, qual seja, a de constatar a forma pela qual os elementos linguísticos evocam os *frames*, de modo a investigar como esses *frames* – em outras palavras, como esse conhecimento cognitivamente estruturado – organiza-se em nível gramatical. Sendo assim, entendemos que, para a Semântica de *Frames*, as palavras representam: “[...] categorizações de experiências, sendo que cada uma dessas categorias baseia-se em uma situação motivadora que ocorre em determinado contexto de conhecimento e experiências.” (FILLMORE, 1982, p. 112).

Em relação ao significado que as palavras apresentam, a Semântica de *Frames* entende que é possível avaliá-lo “[...] como um esforço para entender as razões que levam uma comunidade de fala a criar determinada categoria representada pela palavra, bem como para explicar o significado da palavra demonstrando e esclarecendo essas razões” (1982, p.111).

---

<sup>23</sup> With the term ‘frame semantics’ I have in mind a research program in empirical semantics and a descriptive framework for presenting the results of such research. Frame semantics offers a particular way of looking at word meanings, as well as a way of characterizing principles for creating new words and phrases, for adding new meanings to words, and for assembling the meanings of elements in a text into the total meaning of the text.

<sup>24</sup> By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available.

Fillmore e Baker (2010, p.317) explicam que o significado na Semântica de *Frames* se expressa por meio de “estruturas cognitivas (*frames*) que moldam a compreensão dos falantes em relação às expressões linguísticas”. Dessa forma, entendemos que as expressões linguísticas são responsáveis por “acionar” os *frames*, de acordo com o contexto de uso.

Para investigar o significado lexical por meio da Semântica de *Frames*, em 1992, Fillmore e Atkins, no artigo *Toward a Frame-based Lexicon: The semantics of RISK and its Neighbors*, inclinam-se para uma investigação preliminar que, mais tarde, inspirou a construção da *FrameNet*. A investigação objetiva a criação de um recurso lexical *online* baseado em *frames*, cuja estrutura apresenta a análise da unidade lexical *risk*. Com o auxílio de ferramentas computacionais, os autores buscam apresentar as diferentes relações de sentido entre as palavras, associando cada uma ao seu respectivo *frame*. Assim, ao buscar uma palavra, o usuário tem acesso às demais palavras que se inter-relacionam conceitualmente.

Para Fillmore e Atkins (1992, p.101), a tentativa dos dicionários semasiológicos em apresentar o conteúdo de forma precisa não funciona. Geralmente as definições não dão conta de todo o conteúdo semântico que uma palavra pode apresentar. No que tange às premissas de Fillmore, o conhecimento linguístico não está dissociado do conhecimento extralinguístico (enciclopédico); eles são dependentes um do outro, e dessa forma, completam-se.

Cabe a esta pesquisa mostrar que, para a Semântica de *Frames*, entender o sentido de uma palavra não é apenas compreender o significado do léxico em sua forma isolada na língua, mas é também saber situá-los em diferentes eventos (contextos ou situações) e ter conhecimento dos participantes desse evento, percebendo que esse evento também pode ter relação com outros contextos. Por estar associada ao conhecimento de mundo, as questões sociais e culturais do indivíduo que vive, sente e percebe as experiências que o cercam, as estruturas de conhecimento (*frames*) remetem a questões de culturas particulares. Em Fillmore e Baker (2010, p.315) é exemplo de um *frame* cognitivo a seguinte cena, em que não há necessariamente a linguagem verbal envolvida:

Em um cenário americano, quando vemos um grupo de crianças bem vestidas se aproximando da casa de alguém, carregando embrulhos, é provável que interpretem esta percepção acionando de nossa memória o que pode ser chamado de *frame* de festa de aniversário, o que nos leva a inferir que alguma criança está comemorando um aniversário, e que as experiências daquela criança incluirão jogos, brinquedos, bolo, velas acesas sobre o bolo e uma canção de parabéns. (Tradução nossa).

Talvez o exemplo utilizado por Fillmore e Baker (2010) do *frame* festa de aniversário da cultura americana faça sentido para a maioria das culturas no mundo. Os autores explicam

que a invocação do *frame* festa de aniversário foi baseada em uma experiência visual e que, a partir da cena, foi realizada uma série de interpretações que partiram de experiências que estão associadas a esse *frame*. No entanto, ao longo do texto, Fillmore e Baker propõem o seguinte exemplo: “Mary foi convidada para a festa de Jack. Ela perguntou se ele gostaria de uma pipa” (p.316). A partir daí, podemos pensar numa série de inferências:

- a) Jack é o aniversariante?
- b) A pipa seria um presente de aniversário?
- c) Nesse sentido, Jack se trata de uma criança?

Essas inferências só conseguem ser “realizadas” pelo indivíduo que tem o conhecimento de fundo: na sua cultura, na passagem da data de aniversário, acontece normalmente uma festa de aniversário e, havendo festa, geralmente os convidados levam ao aniversariante um presente. Sendo o aniversariante uma criança, há tendência pela compra de um brinquedo. Sobre a capacidade de realizar tais associações, Fillmore e Baker (2010, p.316) dizem que a descoberta e a análise de tais associações, aquelas adquiridas como parte da aprendizagem da linguagem, constituem a Semântica de *Frames*.

Investigar a semântica é buscar explicações na relação entre a forma da língua e seu significado; buscar esse entendimento por meio da Semântica de *Frames* é enxergar a língua como um conjunto de estruturas cognitivas de conhecimento que orientam os falantes dessa língua. Para Fillmore e Baker (2010, p.317), a Semântica de *Frames* “[...] é o estudo de como as formas linguísticas evocam ou ativam conhecimento de *frames* e como os *frames* assim ativados podem ser integrados na compreensão das passagens que contêm essas formas”. Isso mostra a importância desta teoria para os estudos lexicais, já que Semântica de *Frames* reconhece que a definição de uma palavra em sua forma isolada não garante a sua compreensão, sendo necessário ter o conhecimento de fundo que subjaz à definição.

A relação da Semântica de *Frames* com as questões lexicográficas foi sendo desenvolvida pelo autor ao longo da sua trajetória. Podemos considerar que seu trabalho com a valência dos verbos tenha contribuído na relação entre Lexicografia e Semântica de *Frames*, já que Fillmore acreditava que certas estruturas linguísticas poderiam ser descritas por meio de papéis semânticos. A partir disso, ele passa a considerar que o *frame* como “uma estrutura de conhecimentos interligados” possui uma organização interna e que os elementos dessa organização se estabelecem em níveis sintático e semântico, por meio das entidades participantes do *frame*, ou seja, os elementos de *frame*.

Para ilustrar a estrutura interna de um *frame*, selecionamos da *FrameNet* o *frame* `Education_teaching`, que compreende o ensino que é passado do professor para o

aluno, por meio de alguma instituição (de ensino). Esse *frame* foi acessado na plataforma, a partir da unidade lexical *student* (estudante). São exemplos de Elementos de *Frame* (EFs): curso, disciplina, instituição, nível escolar, professor, qualificação (ou especialização). Não há necessidade de os elementos estarem explícitos na cena para serem considerados EFs. As ilustrações a seguir mostram a organização adotada pela *FrameNet*, que inicia pela apresentação do *frame*, sua glosa seguida de exemplos que recebem etiquetas de anotação. Em seguida, são identificados os elementos de *frame* (EFs) que também recebem etiquetas. Por fim, como último item da página, há uma lista com as ULs (possíveis evocadoras do *frame* Education\_teaching), na forma de *links* que levam para o seu respectivo *frame*:

Figura 8: *Frame*Education\_teaching

## Education\_teaching

[Lexical Unit Index](#)

### Definition:

This frame contains words referring to teaching and the participants in teaching. A **Student** comes to learn either about a **Subject**, a **Skill**, a **Precept**, or a **Fact** as a result of instruction by a **Teacher**. Some of the nouns (schoolmaster, -mistress) in this frame refer to administrative positions and do not take relevant frame elements: these will be moved.

Dad **TAUGHT** me that if you work hard, you will be OK - no matter what happens.

What Our Cat **TAUGHT** Me About Marketing!

For two years she **TAUGHT** me French.

Mom and Dad **TAUGHT** me not to bullshit, because it always came back to bite me in the ass, without fail.

A young swiss girl up in a swiss chalet **TAUGHT** me how to yodel.

Young Murdock later met a blind martial arts master known as Stick, who taught him how to use his augmented senses and **TRAINED** him as a fighter.

Maria, a woman **STUDYING** to be a nun, is sent from her convent to be the governess of the seven children of a widowed naval captain.

Frame-Element relations: Several Frame element relations hold in this frame. There is a core-set {**Material**, **Teacher**} (possibly also including **Institution**); these FE's can fill the subject slot of the teach-type verbs. There is another core-set {**Precept**, **Subject**, **Skill**, **Fact**, **Role**} to do with what is learnt. In addition, the FE **Qualification** may occur with **Subject** and **Role**.

My sister is **STUDYING** for a maths degree to be a teacher.

She's **STUDYING** maths to be a teacher.

Phrases expressing **Qualification** also very often include information about the **Subject** (see below), which is to be annotated on the second layer.

Bill is **STUDYING** for a BS in physics/a maths degree.

Fonte: *FrameNet*.

Figura 9: Elementos de *frame* (EFs)

**FEs:****Core:****Course [cou]**

FN: a program of lectures or other matter dealing with a subject

**Fact [fac]**

Excludes: Precept

A piece of information that the **Student** is informed of by the **Teacher**.

When I was two she **TAUGHT** me **that a quarter was 25 cents and a dime was 10 cents.**

**Institution [Instm]**

An educational establishment, such as a school or college.

**Material [mat]**

Educational **Material**, such as books, tapes, or videos, used by a **Teacher** or a **Student** to acquire skills or knowledge.

All employees have received **a booklet** **INSTRUCTING** them on how to report anything from unwanted touching and uncalled-for blue jokes to overt demands for sexual favours . "

**Precept [pre]**

Excludes: Skill

A guideline for correct behavior. In most cases, this concerns morally or socially desirable actions.

My brother **TAUGHT** me **not to be mean to guys when I'm not interested in them.**

**Qualification [Qual]**

Excludes: Fact

A formal Qualification such as an academic degree or a certificate for which a student is aiming.

She's **STUDYING** for a **Master's degree**

She's an **MA STUDENT**

Fonte: *FrameNet*.

Figura 10: Unidades lexicais (ULs)

**Lexical Units:**

*coach.v, cram.v, educate.v, education.n, educational.a, graduate.n, instruct.v, instruction.n, learn.v, lecture.n, master.v, professor.n, protege.n, pupil.n, school.v, schoolmaster.n, schoolmistress.n, schoolteacher.n, student.n, study.v, teach.v, teacher.n, train.v, training.n, tutee.n, tutor.n, tutor.v*

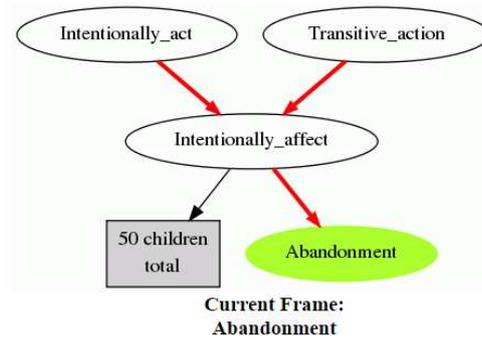
Created by Tess on 05/23/2001 03:07:57 PDT Wed

<a href="#">Lexical Unit</a>	<a href="#">LU Status</a>	<a href="#">Lexical Entry Report</a>	<a href="#">Annotation Report</a>	<a href="#">Annotator ID</a>	<a href="#">Created Date</a>
coach.v	Finished_Initial	<a href="#">Lexical entry</a>	<a href="#">Annotation</a>	TRn	03/01/2004 02:02:15 PST Mon
cram.v	Created	<a href="#">Lexical entry</a>		JKs	06/06/2008 01:49:27 PDT Fri
educate.v	Created	<a href="#">Lexical entry</a>	<a href="#">Annotation</a>	TRn	03/01/2004 02:15:32 PST Mon
education.n	Created	<a href="#">Lexical entry</a>	<a href="#">Annotation</a>	MJE	08/10/2004 03:11:59 PDT Tue
educational.a	Created	<a href="#">Lexical entry</a>	<a href="#">Annotation</a>	JKR	08/10/2005 04:06:58 PDT Wed
graduate.n	Created	<a href="#">Lexical entry</a>	<a href="#">Annotation</a>	KmG	04/06/2007 04:44:38 PDT Fri
instruct.v	Finished_Initial	<a href="#">Lexical entry</a>	<a href="#">Annotation</a>	JKR	05/29/2004 12:47:37 PDT Sat
instruction.n	Created	<a href="#">Lexical entry</a>	<a href="#">Annotation</a>	MJE	08/02/2004 06:26:31 PDT Mon

Fonte: *FrameNet*.

Um recurso eletrônico prevê muitas vantagens. Dentre elas, estão as diferentes navegações por *links* e *hiperlinks* que enriquecem o conteúdo da ferramenta, como, por exemplo, as ilustrações, os gráficos(figura a seguir)que servem de subsídios que corroboram com as definições (glosas).

Figura 11: *FrameGraper*



Click on a frame name above to follow its frame relations.  
Click a frame relation arrow to view frame element relations.

Fonte: *FrameNet*.

Levando em consideração a aplicação dessa teoria para um recurso lexicográfico eletrônico, ou computacional, como a *FrameNet*, possibilidade de aproveitar todo o conteúdo lexical a ser explorado pela Semântica de *Frames* é ilimitada. Por meio do formato eletrônico, há possibilidade de estabelecer relações entre os *frames*, utilizar *hiperlinks* e uma série de recursos computacionais que oferecem ao usuário a descrição contextualizada das definições das palavras, as relações entre as palavras, as relações entre os *frames*, dentre outras possibilidades. No entanto, considerando nossa análise dos dicionários de língua geral impressos, entendemos que esse formato em papel limita o lexicógrafo a explorar e usufruir de todo o potencial que a teoria pode oferecer para o tratamento do significado das palavras, por conta do espaço físico. Ainda sim, acreditamos que essas obras podem ser beneficiadas com a aplicação da Semântica de *Frames*, principalmente pelo fato de a teoria possibilitar a perspectiva onomasiológica para o tratamento do significado lexical e por partir do princípio de que o significado lexical é enciclopédico.

## 4 APLICAÇÕES DA TEORIA COGNITIVA

Partindo dos temas desenvolvidos no capítulo 2 (Lexicografia) e no capítulo 3 (Linguística Cognitiva, Semântica Cognitiva e Semântica de *Frames*), cabe a este último capítulo teórico apresentar algumas investigações que resultaram em trabalhos aplicados, em que os preceitos da Linguística Cognitiva são adotados na prática lexicográfica, os quais defendem, dentre outros princípios da LC, que o significado é enciclopédico.

Vimos, no capítulo 2, que há predominância em adotar a teoria estruturalista na prática lexicográfica tradicional. A partir disso, entendemos que a junção da teoria estruturalista com a forma de tratamento do significado semasiológico apresenta algumas limitações no que se refere ao tratamento do significado de algumas palavras que necessitam do conhecimento extralinguístico em suas definições. Nesse sentido, utilizar os fundamentos da Linguística Cognitiva, principalmente da Semântica de *Frames*, propicia o tratamento do significado lexical pela perspectiva onomasiológica, que olha para as palavras de forma contextualizada; sobretudo, a teoria permite assumir uma perspectiva enciclopédica para o significado das palavras.

### 4.1 LEXICOGRAFIA + LINGUÍSTICA COGNITIVA

Para discutirmos alguns trabalhos que, assim como essa investigação, buscam estreitar as relações entre a Lexicografia e a semântica, partimos do pressuposto defendido pela semântica cognitiva lexical de que o significado é *dinâmico e flexível* (SILVA, 2010). Dinâmico e flexível porque é resultado das experiências e da interação do indivíduo com o mundo que o cerca; dessa forma, não é estático e limitado: é suscetível a mudanças, principalmente sociais e culturais, afetando diretamente a linguagem como processo sociocognitivo.

Em primeiro lugar, e estando em consonância com a asserção de Geeraerts (2001), a semântica cognitiva tem potencial para auxiliar na prática lexicográfica. Além disso, a semântica cognitiva, segundo Geeraerts (2001, p.21), “pode ser considerada uma das concepções de estrutura semântica mais realistas dentre as outras teorias semânticas (em especial, se comparada com teorias de cunho estruturalista).” Em Geeraerts (2015, p.435), o autor declara que o impacto da semântica cognitiva sobre a lexicografia assume diversas formas, por meio de diferentes perspectivas— por exemplo, pela Semântica de *Frames*, pelos processos que envolvem investigações sobre a metáfora, metonímia, polissemia e por teorias como a dos protótipos. Quanto à contribuição da Semântica de *Frames* para a Lexicografia, reservamos

uma seção específica para abordar sua aplicação no desenvolvimento de recursos lexicográficos.

O fenômeno da metáfora conceptual, conforme já afirmamos no capítulo anterior, é um processo cognitivo altamente explorado na Linguística Cognitiva. Segundo Geeraerts (2015), na Lexicografia, a contribuição da metáfora é a de possibilitar relações entre os itens lexicais para contextos que não se restringem ao linguístico. O estudo da metáfora proporciona uma vasta exploração lexical, o que é comprovado nos trabalhos de Lakoff e Johnson (1980). É uma das teorias mais exploradas quando se trata de semântica lexical, e entendemos que é a mais comum no uso do léxico, sendo utilizada no dia a dia sem que se saiba que se trata de metáfora. Expressões como *os preços estão subindo* correspondem à metáfora de quantidade em termos de direcionalidade e são comumente empregadas quando nos referimos ao aumento de preço de mercadorias, por exemplo. Nesse sentido, as metáforas conceptuais são alguns dos atributos que utilizamos na nossa comunicação; mas, além disso, reproduzem a maneira de pensarmos e agirmos na sociedade.

Levando em consideração nossa discussão acerca dos processos cognitivos, como o processo da linguagem no cérebro e a maneira como conceituamos e definimos as coisas no mundo, é admissível pontuar a grande dificuldade em se discriminar membros mais prototípicos de uma categoria. Sendo assim, isso reforça a tese de que tentar traçar uma linha divisória entre o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico é um desejo impraticável, tendo em vista que a linguagem é reflexo do uso, das experiências e da interação com o mundo. Comumente, nos dicionários de língua geral tradicionais, as definições recebem numerações, na tentativa de delimitar os sentidos que uma palavra pode apresentar. Mas, no que tange aos preceitos defendidos pela Linguística Cognitiva, “encontrar um conjunto coerente de critérios para o estabelecimento da polissemia, e que, por conseguinte, leve à distinção entre os diversos sentidos de um item lexical é, em certa medida, um fenômeno flexível e baseado no contexto.” (GEERAERTS, 2015, p. 436). Sobre as formas possíveis de tratar o significado a partir da perspectiva cognitiva, Geeraerts (2015, p. 436, tradução nossa) declara:

O ponto a destacar é, sim, que a partir de uma perspectiva semântico-cognitiva estes aspectos de dicionários são a consequência natural da natureza dos fenômenos semântica, em vez de ser imperfeições que precisam ser melhoradas. Como tal, tem-se argumentado que a teoria do protótipo e da concepção semântica-cognitiva da categorização constitui um quadro teórico que se encaixa na lexicografia muito melhor do que uma abordagem orientada para o sistema estruturalista (Geeraerts 1990, 2007; Hanks 1994; e veja também Kilgariff 1997b). Em outras palavras, o impacto

da teoria dos protótipos em lexicografia é fornecer um enquadramento teórico adequado para uma prática existente, em vez de mudá-la radicalmente<sup>25</sup>.

No Brasil, alguns trabalhos mostram o empenho em aproximar a Semântica Cognitiva com a Lexicografia; destacam-se Brangel (2011; 2015) e Oliveira (2010; 2015), comprometidos com a análise de dicionários. O trabalho de Brangel (2015) explora as paráfrases explanatórias nos dicionários escolares, propondo adentrar uma subárea da Lexicografia, denominada “Lexicografia Pedagógica”, desejando adequar as paráfrases para o público-alvo dessas obras, focando em três de suas características: “enquadramento taxonômico, perfil do usuário e função”. Para alcançar o objetivo proposto, Brangel (2015) se vale da recomendação de Bugueño Miranda (2009 a), o qual defende que uma paráfrase explanatória precisa surgir da aplicação de três variáveis: “uma taxonomia de paráfrases explanatórias, um *pattern* sintático e um modelo semântico.” (Brangel, 2015, p.19).

Estando de acordo com nossa investigação, o trabalho de Brangel (2015) também se vale do caráter enciclopédico da semântica cognitiva para adequar as paráfrases explanatórias. Nesse sentido, sobre a sua proposta de investigação, a autora declara que se trata de uma “proposta pioneira na utilização da semântica cognitiva para o aprimoramento das paráfrases explanatórias.” (p.162).

Em Oliveira (2010), a concatenação da Lexicografia com a teoria semântica parte da intenção de tratar da disposição de itens polissêmicos nos seguintes *learner’s dictionaries*: CALD (2008), COBUILD (2006), LDCE (2009) e OALD (2005). A partir da análise da organização das acepções nas obras analisadas, Oliveira (2010) sugere um novo olhar para a organização das acepções, partindo da visão semântico-cognitiva do fenômeno da polissemia, já que, segundo a autora, “a representação da polissemia é um dos aspectos pouco explorados neste cenário.” (p.162). A conclusão da autora não descarta a utilização dos critérios mais “rígidos” para o tratamento da polissemia. Sobre isso, Oliveira considera o potencial da teoria para determinar implicações como a centralidade, relações hierárquicas e limites entre os significados que auxiliam na organização das acepções.

Em Oliveira (2015), a intenção continua sendo a de tratar dos itens polissêmicos, mas, dessa vez, pensando na descrição desses itens e aplicando alguns modelos teóricos propostos

---

<sup>25</sup> The point to make is rather that from a cognitive semantic perspective these aspects of dictionaries are the natural consequence of the nature of semantic phenomena, rather than being imperfections that need to be improved. As such, it has been argued that prototype theory and the cognitive semantic conception of categorization constitutes a theoretical framework that fits lexicography much better than a structuralist system-oriented approach (Geeraerts 1990, 2007; Hanks 1994; and see also Kilgarriff 1997b). In other words, the impact of prototype theory on lexicography is to provide a suitable theoretical framework for an existing practice, rather than to change it radically. (GEERAERTS, 2015, p. 436).

pela semântica cognitiva lexical, visto que, para Oliveira, a semântica cognitiva “[...] fornece uma concepção teórica e descritiva válida para compreender os fenômenos lexicais no âmbito lexicográfico.” (p.106). Segundo Oliveira (2015), a opção por analisar a unidade lexical *casese* deve ao fato de ser uma unidade altamente polissêmica na língua inglesa. A partir da consulta aos verbetes nos dicionários semasiológicos analisados, Oliveira (2015) percebe, com base na Semântica Cognitiva, que há presença dos modelos descritivos nas construções semânticas do item.

Ainda em se tratando de recursos eletrônicos e de lexicografia aliada à linguística computacional, encontram-se nessa área as investigações de L’Homme (2014). Suas pesquisas estão centralizadas na Lexicografia Eletrônica (*E-Lexicography*), com a criação de banco de dados terminológicos, e, como ela mesmo declara na página da Universidade<sup>26</sup>, seu interesse está na “aplicação da semântica lexical de modelos que descrevem os termos e estudos de várias formas de integração de métodos de Linguística de *Corpus* à metodologia terminológica”.

Os trabalhos desenvolvidos por L’Homme (2014) mesclam aspectos formais da lexicografia com a semântica lexical. Segundo a pesquisadora, os elementos da lexicografia tradicional tendem a ser imperceptíveis para o usuário, por isso não é intenção da autora aderir à estrutura lexicográfica clássica. Suas propostas buscam facilitar o trabalho do lexicógrafo e a consulta do usuário na aquisição do novo vocabulário. No artigo *Why Lexical Semantics is important for E-Lexicography and why it is equally important to hide its formal representation to user of dictionaries*, L’Homme (2014, p. 1) apresenta algumas estratégias implementadas em dois dicionários *online* especializados: um dicionário de informática, o DiCoInfo (*Dictionnaire fondamental de l’informatique et de l’Internet*), e um dicionário do meio ambiente, o DiCoEnviro (*Dictionnaire fondamental de l’environnement*). Segundo L’Homme (2014, p. 2, tradução nossa), o objetivo desse trabalho é o de

[...] mostrar como descrições formais ou semiformais do léxico com base na semântica lexical não são compatíveis com usabilidade ou a facilidade de utilização nos dicionários. Na verdade, defendo que é necessário certo grau de formalismo para codificar informação lexical em formato digital, para explorá-la de forma eficiente, e para garantir que as descrições são consistentes em todo o dicionário. Estas vantagens, é claro, são aquelas procuradas pelos lexicógrafos. Usuários de dicionários, por outro lado, não podem ser solicitados a manipular os aspectos formais, a metalinguagem, ou os métodos de codificação associados com teorias específicas escolhidas pelos lexicógrafos. Diferentes estratégias podem e devem ser concebidas para ocultá-los de usuários, colocá-los no fundo ou apresentá-los com dispositivos de fácil utilização e ainda tirar proveito da precisão e da expressividade de codificações formais<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://ling-trad.umontreal.ca/repertoire-departement/vue/lhomme-marie-claude/>>.

<sup>27</sup> [...] to show how formal or semi-formal descriptions of the lexicon based on lexical semantics frameworks are not incompatible with usability or user-friendliness in dictionaries. In fact, I argue that some degree of formalism

Os projetos de L'Homme permeiam o campo da terminologia, linguagem técnica e especializada; no entanto, ela acredita que suas propostas para estruturas lexicográficas podem ser utilizadas por indivíduos que não estejam engajados com conhecimento técnico, já que os elementos disponíveis em seus projetos mantêm relações entre si, o que facilita o entendimento do usuário não especializado.

A relação dos trabalhos de L'Homme com a Semântica de *Frames* está na forma contextualizada de inserir a definição dos itens lexicais no seu respectivo *frame*, bem como na disponibilidade de uma lista de ULs relacionadas com o item lexical consultado. Por meio de ferramentas como *hyperlinks*, o usuário tem acesso à visualização de outras categorias e informações detalhadas não disponibilizadas na página de entrada da unidade lexical. O acesso a *hyperlinks* conta com informações como unidades lexicais relacionadas com a estrutura actancial (termo típico), equivalentes em outras línguas, sinônimos, entre outras categorias da língua, conforme figura do DicoInfo a seguir:

Figura 12: UL download (DicoInfo)

Fonte: L'Homme (2014).

Apesar de o número de trabalhos nessa perspectiva de aproximar a Lexicografia com teorias semânticas ser relativamente baixo, buscamos, com este estudo, por meio do potencial

---

is necessary to encode lexical information in digital form, to exploit it efficiently, and to ensure that descriptions are consistent throughout the dictionary. These advantages, of course, are those sought by lexicographers. Users of dictionaries, on the other hand, cannot be asked to manipulate the formal aspects, the metalanguage, or the encoding methods associated with specific frameworks chosen by lexicographers. Different strategies can and must be devised to hide these from users, place them in the background or present them with user-friendly devices while still taking advantage of the precision and expressiveness of formal encodings (L'HOMME, 2014, p.1-2).

da Semântica de *Frames*, ampliar esse quadro de pesquisas nesse âmbito, disponibilizando à prática lexicográfica contribuições para o tratamento do significado das palavras.

#### 4.2 LEXICOGRAFIA + SEMÂNTICA DE *FRAMES*

As iniciativas concretas que promovem a convergência entre a Lexicografia e a Semântica de *Frames* vêm de trabalhos desenvolvidos principalmente por Fillmore em parceria com seus colegas pesquisadores, como a plataforma *FrameNet*. A *FrameNet* é uma plataforma desenvolvida a partir de 1997 no *International Computer Science Institute* em Berkeley, que consiste num banco de dados da língua inglesa. O desenvolvimento do recurso tem importante participação da área da Computação, já que se trata de uma base lexical, baseada na Linguística de *Corpus* disponibilizada *online* no endereço eletrônico <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>.

Sendo destinado à pesquisa em Processamento de Linguagem Natural (PLN), o diferencial na construção desse recurso está na forma como o significado das unidades lexicais é apresentado, seguindo os fundamentos da Semântica de *Frames*. A estrutura da plataforma mescla as duas abordagens para organização lexical: a abordagem semasiológica, por apresentar aspectos tradicionais como uma lista de palavras em ordem alfabética, e também as definições dessas palavras; e a onomasiológica, por agrupar as unidades lexicais de acordo com o *frame* que evocam. No entanto, por mais que apresente alguns aspectos tradicionais da lexicografia, a ferramenta não pretende obedecer à estrutura de um dicionário convencional. Destinada mais precisamente aos pesquisadores da Linguística Computacional, apresenta, por meio da Semântica de *Frames*, as diversas combinações de estruturas sintáticas e semânticas para cada palavra, em cada um dos seus sentidos. Diferentemente de um dicionário usual, em que uma lista de palavras é disponibilizada, a *FrameNet* tem como foco o *frame*. As unidades lexicais, segundo Fillmore (1982), evocam os *frames*; sendo assim, a definição apresenta o *frame* em que a UL estiver inserida, assim como informa os participantes, ou seja, os elementos de *frame* (EFs) dessa estrutura. Por isso, destacamos que a Semântica de *Frames* possibilita o tratamento onomasiológico do significado lexical, pelo potencial para atender questões como a relação entre os sentidos que as palavras carregam e seus papéis nos diferentes contextos. Segundo Fillmore e Baker (2010, p.32), o propósito da plataforma está em

[...]encontrar grupos de palavras cujas estruturas de *frames* possam ser descritas conjuntamente, por partilharem padrões e contextos esquemáticos comuns de expressões que podem se combinar com elas para formar frases ou sentenças maiores. Nos casos típicos, as palavras que partilham um mesmo *frame* podem ser usadas como paráfrases umas das outras. As propostas gerais do projeto são, ao mesmo tempo,

oferecer descrições confiáveis de propriedades combinatórias sintáticas e semânticas de cada palavra do léxico e reunir informações sobre modos alternativos de se expressar conceitos dentro de um mesmo domínio conceptual.

Em relação à lista de palavras na plataforma, a ferramenta apresenta as unidades lexicais e o *frame* ao qual estão associadas. Abaixo de cada *frame* está a sua definição, que recebe etiquetas identificando os elementos de *frame* (*EFs*). As outras unidades lexicais, possíveis evocadoras desse *frame*, também são listadas, seguidas de sua anotação morfossintática. Para este estudo, que reflete sobre o tratamento dado às unidades lexicais nos dicionários de língua geral, estamos considerando que cada unidade lexical apresenta, segundo Fillmore e Baker (2010, p. 317-318, tradução nossa),

[...]o pareamento de uma palavra com um dos seus significados (Cruse 1986), [que] evoca um *frame* e perfila algum aspecto ou componente desse *frame*. O pareamento de uma palavra com seu *frame* de fundo significa que, quando entendemos uma palavra, precisamos reconhecer simultaneamente a relevância da informação subjacente dentro da qual a palavra desempenha um papel interpretativo<sup>28</sup>.

No que se refere à associação ao *frame*, são as unidades lexicais que evocam essas estruturas cognitivas do conhecimento que estão disponíveis na mente do indivíduo. Dessa forma, diferentes unidades lexicais poderão estar vinculadas a um mesmo *frame*, proposta aplicada na *FrameNet* e legitimada por Fillmore e Baker. (2010, p. 32). Os autores expressam que a intenção é a de agrupar o maior número de palavras no recurso lexical, relacionando-as ao *frame*.

No que se refere à metodologia adotada pela *FrameNet*, Fillmore e Baker (2010, p.321) apresentam as cinco etapas utilizadas no projeto:

- a) caracterização dos *frames*;
- b) nomeação e descrição dos elementos de *frame*;
- c) seleção das ULs;
- d) anotação de sentenças;
- e) geração automática das ULs.

As etapas são exemplificadas pelos autores por meio da cena *vingança*. Para a etapa 1, o exemplo sugere o *frame* em que o indivíduo (A) insultou ou magoou o indivíduo (B), no qual um terceiro indivíduo (C) age para punir (A); na etapa 2, o indivíduo (A) recebe o nome de

---

<sup>28</sup> [...] that each lexical unit, the pairing of a word with one of its meanings (Cruse 1986), evokes a frame and profiles some aspect or component of that frame. The pairing of a word with its background frame means that when we understand a word, we must simultaneously recognize the relevance of the background information within which that word plays an interpretive role (Fillmore 2003). (FILLMORE E BAKER, 2010, p. 317-318).

ofensor, (B), o de indivíduo ofendido e (C), vingador; a etapa 3 prevê a construção da lista de ULs: *vingar*, *retaliar*, *vingativo*, dentre outras unidades, sendo que algumas ULs recebem definição; na etapa 4, ocorre anotação dos exemplos retirados do *corpus* a partir da seleção do *frame* Vingança:

*O grupo de policiais [vingador] atirou no traficante [ofensor] paravingaro colega morto  
[parte ofendida].*

Na etapa 5, acontece a geração automática das ULs. Além dessas cinco etapas, outros elementos precisam ser inseridos no intuito de acomodar estruturas que não são *frames* e nem ULs do *frame*, e sim participantes da mesma cena. Esses elementos, conforme discorremos anteriormente, constituem a organização interna do *frame*: são *elementos de frame* (EFs). Assim como os *frames*, os *EFs* também são identificados nas sentenças, levando-se em consideração os níveis sintático e semântico, como podemos verificar no *frame* vingança:

- O grupo de policiais (a parte ofendida);
- O traficante (nomeado ofensor);
- O colega morto (fato que gerou a vingança).

O projeto *FrameNet* foi inspirador para projetos similares que buscam aproximar a Lexicografia da Semântica de *Frames*. Trabalhos como o *Kicktionary*, desenvolvido em parceria com o *International Computer Science Institute*, nos anos de 2005 e 2006, pelo pesquisador Thomas Schmidt, perspectivavam a construção de um dicionário que contrariasse os modelos tradicionais existentes. Segundo Schmidt (2006), o objetivo desse trabalho trilingue (alemão, francês e inglês) não é o de apenas adotar a teoria semântica para prática lexicográfica, mas, principalmente, disponibilizar, para o acesso humano, um *corpus* considerável do léxico do futebol.

Ainda que no Brasil as pesquisas que tratam dessa interface sejam pouco exploradas, existem dois grupos interessados nas investigações que envolvem a criação de dicionários amparados pela Semântica de *Frames*. Um dos grupos é formado por pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e outro, composto por pesquisadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Este último, estimulado pelo trabalho da *FrameNet* (1997) e pelo *Kicktionary* (2006), desenvolveu, no ano de 2014, o dicionário trilingue

(português, inglês e espanhol) de expressões do futebol – *Field*<sup>29</sup>, baseado na Semântica de *Frames*. Recentemente, esse mesmo grupo disponibilizou o Dicionário Olímpico (DO)<sup>30</sup>, recurso lexicográfico do português que repertoria os esportes participantes dos Jogos Olímpicos. O dicionário apresenta os equivalentes do léxico da língua inglesa, apresentando o vocabulário das 42 modalidades olímpicas referentes aos Jogos Olímpicos Rio 2016, sediados no Rio de Janeiro.

O diferencial desses trabalhos amparados pela Semântica de *Frames* está na forma pela qual se dá o tratamento do significado lexical. Por se tratarem de ferramentas lexicográficas que fogem à estrutura tradicional, dispõem, predominantemente, da estrutura onomasiológica para tratar o significado das palavras, já que o propósito não é a aplicação da abordagem semasiológica, de forma a apresentar, de um lado, uma lista de palavras e, do outro, as suas definições. O acesso ao conteúdo (navegação) nas ferramentas *Field* e Dicionário Olímpico (DO) pode ser feito por meio de duas formas diferentes: um acesso pela lista de palavras, que obedece a uma ordem alfabética (ULs), e outra por meio dos *cenários*, que representam o *frame*. Além disso, para complementar a proposta de tratamento do significado lexical por um viés onomasiológico, os cenários acompanham, no caso do Dicionário de expressões do Futebol(*Field*), a ilustração da cena. Conforme a Figura 13, em que a unidade lexical consultada foi *jogador*; as unidades relacionadas são *equipe*, *jogar* e *jogo*. Pelo outro acesso, *cenários* (*frames*), Figura 14, tem-se a definição do cenário, as unidades relacionadas, assim como o cenário relacionado.

Figura 13: Acesso pela lista de ULs



Fonte: Chishman et al. (2014).

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://dicionariofield.com.br/>>.

<sup>30</sup> Disponível em: <[dicionarioolimpico.com.br](http://dicionarioolimpico.com.br/)>.

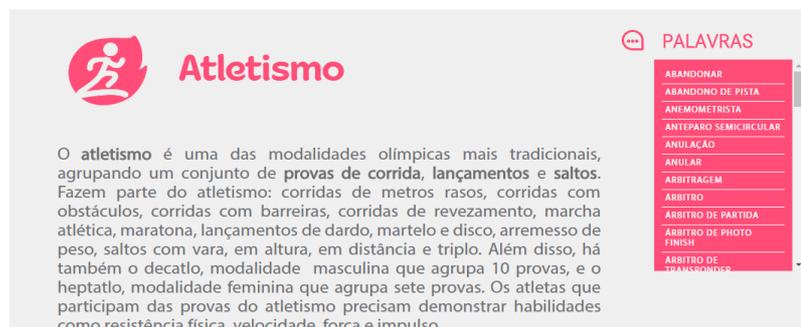
Figura 14: Representação do cenário (Field)



Fonte: Chishman et al. (2014).

No Dicionário Olímpico (DO), as cenas recebem glosa, mapas e fotos, e os contextos remetem ao *frame* evocado pela unidade lexical.

Figura 15: Glosa do Atletismo (Dicionário Olímpico)



Fonte: Chishman et al. (2016).

Figura 16: Representação do cenário largada do Atletismo (Dicionário Olímpico)



Fonte: Chishman et al. (2016).

Figura 17: Foto do momento da largada do Atletismo



Fonte: Chishman et al. (2016).

Figura 18: Mapa dos *frames* e cenários do Atletismo



Fonte: Chishman et al. (2016).

A partir da apresentação desses trabalhos, podemos considerar que a utilização dos recursos computacionais enriquecem as ferramentas lexicográficas, já que, se tivéssemos de usufruir do espaço físico da obra impressa, todo o conteúdo gráfico teria que ser desconsiderado. Em segundo lugar, o aporte da Semântica de *Frames*, como teoria adotada para o desenvolvimento desses recursos, amplia o conteúdo lexical disponibilizado ao usuário, o acesso às informações de forma contextualizada, o que lhe permite fazer relações com suas experiências de mundo. Destacamos também que estes trabalhos se valem dos mesmos princípios desta investigação: o desenvolvimento de recursos que objetiva o cotejo da Lexicografia com a Semântica de *Frames*.

Ainda nessa perspectiva que integra a Lexicografia com a Semântica de *Frames*, estão os trabalhos de Ostermann (2012; 2014), os quais abrangem o desenvolvimento de Dicionários para Aprendizizes (*Learner's Dictionaries*). A proposta de Ostermann (2012) é a de incluir, na

seção de exemplos, uma estrutura semântica que, no seu ponto de vista, auxiliaria o aluno no entendimento daquilo que ela reconhece como sendo “lexicografia cognitiva” (p. 1153), levando-o à compreensão do processo de uso da linguagem. Dessa forma, entendemos que a proposta de Ostermann (2012) aproxima-se das propostas dos Dicionários Field e Olímpico no que diz respeito à utilização da Semântica de *Frames* para fins de organização lexicográfica. No entanto, a proposta da autora é a de inserir, dentro de uma estrutura semasiológica, uma seção de exemplos cuja cena, – neste caso, o exemplo – contemple o *frame* evocado pela unidade lexical. Dessa forma, o recurso proposto por Ostermann (2012, p. 1154) “[...] visa a uma exemplificação explícita de lexemas dentro do contexto de seu *frame*, permitindo ao usuário adquirir novo vocabulário do *frame* e encontrar colocações importantes para a codificação, por exemplo, para fins de escrita”.

Os exemplos sugeridos por Ostermann (2012) para a seção de exemplos contemplam essencialmente as classes substantivos e verbos. Assim sendo, os exemplos sugeridos tratam de situações típicas e fatos corriqueiros, na intenção de aproximar o usuário da situação, facilitando tanto o entendimento quanto o uso desse vocabulário. Um dos exemplos apresentados como proposta inicial para aprendizes de um novo vocabulário é o *frame*-evento de *casamento*. Depois de escolhido o *frame*, Ostermann (2014) sugere algumas questões para complementar os elementos e participantes desse *frame*: Quem? Onde? O quê? Qual o objetivo? Seguindo a ordem de perguntas, os elementos são preenchidos e disponibilizados no dicionário, conforme o exemplo de Ostermann (2014, p. 1156): “No dia do casamento, a noiva e o noivo se casam e se tornam marido e mulher. Um padre ou pastor os casa tradicionalmente na igreja, com a presença da família e amigos. Depois, geralmente há uma recepção de casamento”. Junto ao exemplo, é apresentada a versão seguida de anotações, as quais respondem às perguntas sugeridas por Ostermann.

Iniciativas como essas, apresentadas neste último capítulo teórico, indicam um novo caminho a ser percorrido pela Lexicografia. Até o momento, foram poucas as pesquisas inclinadas para a aproximação entre Lexicografia teorias semânticas, sendo necessários muitos esforços para ampliar o panorama “Lexicografia Cognitiva”, área de investigação denominada por Ostermann. Os modelos tradicionais existentes, principalmente por se valerem de tratamentos para o significado lexical em que palavras são definidas de forma isolada, apresentam, geralmente, definições descontextualizadas e pouco exaustivas, dificultando ao usuário estabelecer relações com os contextos de uso. Os projetos desenvolvidos nessa perspectiva tendem a ser implantados no formato eletrônico, o que vem a facilitar a utilização de dispositivos computacionais que tornam a obra mais atrativa. No âmbito desta pesquisa, ao

pensar no movimento de convergência entre Lexicografia e Semântica de *Frames*, no contexto de obras lexicográficas de língua geral impressas, não há a mesma flexibilidade oferecida pelo formato eletrônico para lidar com outros recursos. Assim, entendemos que a contribuição de uma teoria semântica às obras impressas pode ocorrer em nível de tratamento do significado lexical.

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos as etapas metodológicas que guiam a análise dos dados. Para este estudo, pensamos em dividir a atividade em duas frentes. A primeira frente, a qual intitulamos como Análise Semântica, ocupará-se da análise da unidade lexical *mãe*, apoiada no maquinário oferecido pela Semântica de *Frames* e no estudo de *corpus* do NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional, da Universidade de São Paulo em São Carlos). Essa análise também terá como subsídios os modelos cognitivos idealizados (MCIs) mapeados por Lakoff (1987) acerca da unidade lexical *mother* e os *frames* de *mother* apresentados pela *FrameNet*. A outra frente, que dará conta da Análise Lexicográfica, focará nos verbetes de *mãe* em seis dicionários de língua geral, com o objetivo de verificar em que medida os traços dos *frames* estão presentes nesses verbetes.

### 5.1 ANÁLISE SEMÂNTICA DA UL MÃE

Esta etapa baseia-se nos fundamentos teóricos apresentados no subcapítulo 3.3 acerca da Semântica de *Frames*. O procedimento previsto consiste em identificar os *frames* evocados pela unidade lexical *mãe*, tendo como apoio o *corpus* do NILC, assim como apontar os elementos de *frame* que os compõem e sua glosa. Destacamos que, para o desenvolvimento desta, etapa estamos levando em consideração dois aspectos:

- a) a escolha da unidade lexical *mãe*: tal seleção se justifica pelo fato de essa unidade necessitar de elementos enciclopédicos para sua definição e por ter sido foco de diferentes teorias semânticas, em estudos da língua inglesa como os de Lakoff (1987);
- b) os *frames* evocados pela unidade lexical *mother* segundo a *FrameNet*: *Kinship* e *GivingBirth*.

Portanto, é deste ponto que parte esta primeira etapa: do estudo de Lakoff (1987) e dos *frames* de *mother* apresentados pela *FrameNet* a partir da busca pela unidade lexical *mother*. O *corpus* é utilizado de modo a complementar os procedimentos analíticos e verificar se as análises prévias dão conta dos *frames* evocados pela unidade lexical *mãe*. Para o processamento do *corpus*, foi utilizada a ferramenta computacional *SketchEngine*. Sendo assim, os procedimentos adotados para a análise semântica de *mãe* seguem os seguintes passos:

- a) Elencar os domínios mapeados por Lakoff e os *frames* da *FrameNet* para a unidade lexical *mother*;

- b) Verificar, em um conjunto de 500 ocorrências randômicas do *corpus* NILC, se os domínios mapeados por Lakoff e se os *frames* da *FrameNets* são evidenciados nesse conjunto de dados;
- c) Identificar os *frames*, levando em consideração, além do estudo de Lakoff (1987) e a *FrameNet*, os dados do *corpus*;
- d) Levantar unidades lexicais (ULs) evocadoras dos *frames*.

### 5.1.1 O *corpus*

A escolha do *corpus* do NILC/São Carlos (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional da Universidade de São Paulo em São Carlos) foi motivada pelo fato de este ser o maior *corpus* da língua portuguesa, criado a partir de 1999, por meio do projeto AC/DC. É composto por uma variedade de *corpora*, abrangendo textos dos gêneros didático, jornalístico e literário. Está disponível para consulta *online* gratuita, por meio do link <<http://www.linguateca.pt/ACDC/>>, ou por meio da ferramenta de processamento de *corpus* que utilizamos para esta análise, disponível no endereço <<https://www.sketchengine.co.uk/>>. Nessa ferramenta, o *corpus* NILC está em formato anotado, com etiquetas morfossintáticas –requisito exigido para a funcionalidade da ferramenta *Word Sketch*, a qual também é explorada neste trabalho.

Segundo BerberSardinha (2000), “[...] um *corpus* deve ser planejado e compilado seguindo critérios linguísticos de seleção” (p.337). Ele elenca como critérios a origem, o propósito, a formatação, a representatividade e a extensão do *corpus*. Sobre isso, podemos afirmar que o *corpus* escolhido para a análise atende os critérios pensados por BerberSardinha (2000), pelos atributos que apresentamos anteriormente. O quadro que segue apresenta as principais características do *corpus* do NILC.

Quadro 2: Principais características do *corpus* do NILC

Corpo	Tamanho (unidades)	Tamanho (palavras)	Tamanho (frases)	Variante(s)	Breve descrição
<a href="#">NILC/São Carlos</a>	42.914.452	32.461.815	1.988.621	BR	Texto do <i>corpus</i> NILC, contendo majoritariamente texto jornalístico, mas também cartas comerciais e textos didáticos

Fonte: Linguateca... [2016?].

### 5.1.2 A ferramenta

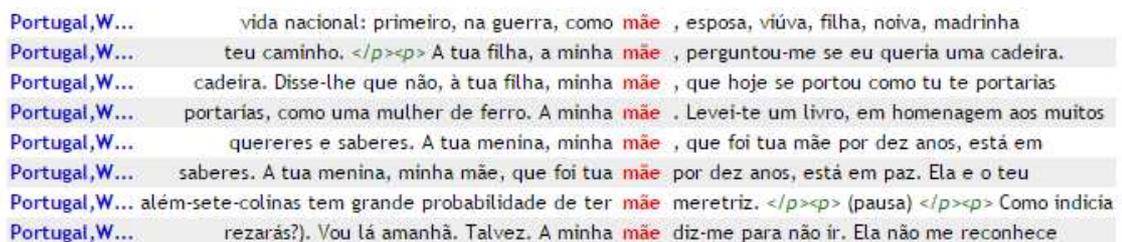
As ferramentas de análise de *corpora* são fundamentais e essenciais para que o pesquisador consiga enxergar os dados disponíveis no *corpus*. Elas proporcionam a

manipulação do *corpus* que seria inviável sem a existência de tais equipamentos, visto que podemos lidar com um número bastante grande e variado de *corpora*. Para a utilização de ferramentas de análise de *corpus* é preciso estar bem claro qual o objetivo a ser alcançado, quais as evidências que se quer chegar.

É etapa preliminar para a utilização da maioria das ferramentas realizar a compilação dos *corpora* e checar qual o formato legível exigido pela ferramenta, para que ela possa funcionar corretamente e apresentar os dados esperados pelo pesquisador. Normalmente, as ferramentas de análise de *corpus* dispõem de manual de instruções de uso, o que facilita o manuseio para quem estiver utilizando pela primeira vez. Algumas ferramentas são gratuitas como o AntConc, outras pagas, outras de acesso livre por tempo limitado, como a *Sketch Engine* utilizada nesta pesquisa. Quanto às funcionalidades que cada ferramenta pode disponibilizar e qual a mais indicada, isso dependerá do objetivo da análise de *corpus*.

Como auxílio nesta etapa inicial, utilizamos a ferramenta *Sketch Engine*, que, além de dispor de diversas funcionalidades, disponibiliza *corpora* já compilados e disponíveis no formato legível exigido pela ferramenta, em diferentes línguas –dentre eles, o *corpus* do NILC. Para esta primeira etapa, utilizamos a funcionalidade *concordance* (figura a seguir), normalmente disponibilizada pelas ferramentas computacionais destinadas ao processamento de *corpora*.

Figura 19: Linhas de concordância



Portugal,W... vida nacional: primeiro, na guerra, como **mãe** , esposa, viúva, filha, noiva, madrinha  
 Portugal,W... teu caminho. </p><p> A tua filha, a minha **mãe** , perguntou-me se eu queria uma cadeira.  
 Portugal,W... cadeira. Disse-lhe que não, à tua filha, minha **mãe** , que hoje se portou como tu te portarias  
 Portugal,W... portarias, como uma mulher de ferro. A minha **mãe** . Levei-te um livro, em homenagem aos muitos  
 Portugal,W... queres e saberes. A tua menina, minha **mãe** , que foi tua mãe por dez anos, está em  
 Portugal,W... saberes. A tua menina, minha mãe, que foi tua **mãe** por dez anos, está em paz. Ela e o teu  
 Portugal,W... além-sete-colinas tem grande probabilidade de ter **mãe** meretriz. </p><p> (pausa) </p><p> Como indicia  
 Portugal,W... rezarás?). Vou lá amanhã. Talvez. A minha **mãe** diz-me para não ir. Ela não me reconhece

Fonte: Sketch Engine.

Essa funcionalidade permite localizar as concordâncias (as linhas, conforme a imagem) a partir da palavra pesquisada. Após o clique na palavra, a ferramenta busca no *corpus* o trecho do texto onde a palavra ocorre. De acordo com Sinclair (1991), investigar as ocorrências do léxico por meio de linhas de concordância é uma das maneiras mais profícuas de analisar um *corpus*. Ele define concordância como “[...] uma coleção de ocorrências de uma forma de palavra, cada um em seu próprio ambiente textual, onde cada forma de palavra é indexada e

uma referência é dada ao local de ocorrência em um texto” (p. 32). Essa é uma das possibilidades hoje oferecidas por diferentes concordanciadores.

A outra funcionalidade do *Sketch Engine*, que também utilizamos neste trabalho, é a *Word Sketch*. A partir desse recurso, conseguimos verificar outras ULs que podem ser evocadoras dos *frames* e que têm relação com a unidade lexical *mãe*. A pesquisa por meio da funcionalidade *Word Sketch* é apresentada na figura a seguir, elencando todas as combinações localizadas no *corpus*, assim como a função sintática dessa combinação e a frequência das ocorrências.

Figura 20: Funcionalidade *Word Sketch*

**mãe** (noun)  
Portuguese Web 2011 (ptTenTen11, Freeling v3.1) freq = 760,216 (164.31 per million)

object of	subject of	n modifier	modifies	v o
87,781 0.12	72,129 0.09	83,471 0.11	24,857 0.03	1,716 0.00
homenagear + 936 7.56 homenagear as mães	morrer + 840 6.98 mãe morreu	solteiro + 3,351 10.18 mãe solteira	órfão + 495 8.92 órfão de mãe	gosto 19 2.28 da mãe o gosto pela
xingar + 330 6.82 xingar a mãe	amamentar + 184 6.30 falecer + 164 5.88 a mãe faleceu	adotiva + 958 8.51 mãe adotiva	papo + 520 8.05 Papo de Mãe	ofício 8 2.26 pai 58 2.17 a mãe o pai
presentear + 369 6.81 presentear as mães	cuidar + 201 5.75	jesus + 3,579 8.36 mãe de Jesus	coração + 1,007 7.28 coração de mãe	filho 81 2.00

Fonte: Sketch Engine.

## 5.2 ANÁLISE LEXICOGRÁFICA

Nosso objetivo, nesta etapa, é analisar os verbetes de *mãe* em dicionários de língua geral, com o intuito de buscar traços que remetam aos *frames* identificados na etapa anterior, atentando para a forma como aparecem nas definições da unidade lexical *mãe*. Com esse objetivo, projetamos os seguintes passos:

- Pesquisar, em seis dicionários de língua geral, o verbe *mãe*, atentando para as acepções apresentadas para o item;
- Identificar os traços que remetem aos *frames* identificados na análise semântica, verificando de que formas elas aparecem nas definições da unidade lexical *mãe*.

A consulta aos verbetes foi realizada em dicionários de língua geral semasiológicos impressos. Os dicionários escolhidos foram Aurélio (Au, 2010); Houaiss (Hou, 2010); Michaelis (Mi, 1998); Dicionário da Língua Portuguesa 2009 (DLP, 2009); Universal – Novo Dicionário da Língua Portuguesa (NDLP, 2008) e Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa (GDSP, 2010). Dentre os critérios pensados para a seleção desses dicionários, destacamos a longa tradição dessas obras como referência na descrição da língua, especialmente as obras Aurélio (Au, 2010); Houaiss (Hou, 2010); e Michaelis (Mi, 1998). Ressaltamos,

ainda, o potencial dessas obras em apresentar, de forma exaustiva, a descrição dos itens lexicais e, por essa razão, não selecionamos para nossa análise minidicionários, os quais apresentam os verbetes de maneira sintetizada.

O próximo capítulo apresenta a análise e a discussão dos dados.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

De acordo com os passos descritos no capítulo anterior, a análise da unidade lexical *mãe* contou com dois movimentos diferentes. O primeiro momento foi conduzido pela análise semântica, em que utilizamos como âncora os modelos cognitivos idealizados de Lakoff (1987) e os *frames* apresentados pela *FrameNet*. No segundo momento, detivemo-nos na análise lexicográfica da unidade lexical *mãe* a partir da consulta aos verbetes nos dicionários, com a intenção de identificar, nas definições, evidências que reportem aos *frames* reconhecidos na análise semântica. A seção 6.1 refere-se à análise semântica, que apresenta os *frames* identificados. A seção 6.2 contempla a análise lexicográfica, que parte dos *frames* identificados na seção anterior, para buscar, nas definições, as evidências dos *frames* que aparecem nos dicionários de língua geral.

### 6.1 ANÁLISE SEMÂNTICA

Nossa análise semântica assume um dos passos metodológicos propostos pela *FrameNet* ao considerar, para a identificação dos *frames*, a unidade *mãe* como evocadora dessas estruturas cognitivas de conhecimento. No entanto, estamos considerando, como ponto de partida para propor os *frames*, a análise da unidade lexical *mother* realizada por Lakoff (1987).

Em sua clássica análise do item lexical *mother*, Lakoff (1987, p. 74) defende que não existe uma definição capaz de cobrir todos os atributos necessários para abarcar a extensão da unidade lexical *mãe*. Segundo o autor, para a visão clássica<sup>31</sup>, *mãe* é: “a mulher que deu à luz uma criança”. Lakoff (1987, p.74, tradução nossa) apresenta diferentes *clusters* que exemplificam alguns dos modelos cognitivos que servem para o entendimento do conceito de *mãe*. São eles:

- O modelo de nascimento: A pessoa que dá à luz é a mãe.
- O modelo genético: A fêmea que contribui com o material genético é a mãe.
- O modelo de nutrição: A fêmea adulta que alimenta e cria uma criança é a mãe dessa criança.
- O modelo conjugal: A esposa do pai é a mãe.
- O modelo genealógico: O ancestral mais próximo é a mãe.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Visão Clássica: Esta visão é caracterizada pela utilização mínima (economia) de propriedades para distinguir um significado. Ex: Homem, animal racional. (KÖVECSESE, 2006).

<sup>32</sup> - The birth model: The person who gives birth is the mother.

The birth model is usually accompanied by a genetic model, although since the development of egg and embryo implants, they do not always coincide.

- The genetic model: The female who contributes the genetic material is the mother.

Para Lakoff (1987), nem mesmo todos esses modelos conseguem contemplar a bagagem total de conhecimento associado à unidade lexical *mother*, principalmente, os significados mais atuais que a unidade contempla. A dificuldade em atribuir, à unidade lexical *mother*, uma definição que contemple todo o significado que ela traz também se deve, segundo Lakoff (1987, p.75-76), “às complexidades da vida moderna” –o que dificulta o processo de descrição de significados, no sentido de deixar mais complexa a definição dessa unidade lexical, já que são muitos os atributos a ela relacionados. Quanto aos significados que os dicionários normalmente apresentam, o autor entende que dão conta apenas do centro prototípico de aplicação desse significado, ou seja, o fato de mãe ser “a mulher que dá à luz a criança”.

Para identificar os *frames* que são evocados pela unidade lexical mãe, consideramos, primeiramente, esses cinco modelos cognitivos de Lakoff (1987). Sobre os modelos, entendemos que contemplam o significado mais tradicional conceptualizado, significados convencionais que são predominantes na cultura da sociedade. No entanto, é provável que as mudanças culturais e sociais da vida moderna, como sugerido pelo próprio Lakoff (1987), levem a ampliar o significado lexical da unidade lexical *mãe*.

Na plataforma *FrameNet*, a unidade lexical mãe está vinculada a dois *frames*: o *frameKinship* (parentesco) e o *frameGivingBirth* (nascimento). Podemos relacionar o *frameKinship* com o modelo cognitivo genealógico proposto por Lakoff (1987): “O modelo genealógico: o ancestral mais próximo é a mãe”. Já o *frame GivingBirth* tem relação com o cenário “dar à luz” (*GivingBirth*) – nesse caso, concerne a modelo cognitivo de nascimento. A partir disso, dentre os *frames* evocados pela unidade lexical *mãe*, encontram-se esses dois *frames* propostos pela *FrameNet*. Na plataforma, o cenário *Kinship* está associado às relações de parentesco: “Este *frame* contém palavras que denotam relações de parentesco” (*This frame contains words that denote Kinship relations. In annotating the directional uses of these words, we use the standard terms from anthropology, Ego and Alter*). A definição é reproduzida na figura a seguir.

Figura 21: Definição do *frame Kinship*

- 
- The nurturance model: The female adult who nurtures and raises a child is the mother of that child.
  - The marital model: The wife of the father is the mother.
  - The genealogical model: The closest female ancestor is the mother. Lakoff (1987, p,74).

# Kinship

## Definition:

This frame contains words that denote Kinship relations. In annotating the directional uses of these words, we use the standard terms from anthropology: **Ego** and **Alter**.

**Matilde** is **Gilberto's** **COUSIN** **once removed**

Compare to: Appellations.

Fonte: *FrameNet*.

Nesse *frame*, os elementos (participantes) compreendem a variedade de membros de uma mesma família, independentemente do grau de proximidade, como consta na Figura 22. Recebem *status* de elementos de *frame* as categorias semânticas *dad*, *cousin*, *sister*, *kid*, *son*, *mother*<sup>33</sup>.

Figura 22: Elementos de *frameKinship*

<b>FEs:</b>	
<b>Core:</b>	
<b>Alter</b>   Requires: Ego Excludes: Relatives	The person who fills the role named by the Kinship term with respect to the <b>Ego</b> . <b>John</b> is <b>my</b> <b>COUSIN</b> . I met <b>his</b> <b>BROTHER</b> last year.
<b>Ego</b>   Requires: Alter Excludes: Relatives	The person from whose perspective the Kinship relationship is defined. <b>Bill</b> is <b>Sue's</b> <b>SON</b> .
<b>Relatives</b>	The combination of <b>Alter</b> and <b>Ego</b> together. <b>John</b> and <b>I</b> are <b>BROTHERS</b> .
<b>Non-Core:</b>	
<b>Degree</b>   <b>Degr</b>   Semantic Type: Degree	An expression of the closeness or distance of the relation. We do not go into full anthropological detail in measuring the distance of the relation, but simply annotate all such expressions as <b>Degree</b> .

Fonte: *FrameNet*.

A definição apresentada para o *frame* *Givingbirth* é o da procriação: “This frame embodies the process of procreation”. Tem como participantes a mãe e o pai (*mother and father*), que, juntos, produzem a criança, ou o “óvulo” (*Mother and Father produce a Child or an Egg*), de acordo com a Figura 23. Esse *frame*, como dito anteriormente, está relacionado com o modelo de nascimento proposto por Lakoff (1987) e também com o modelo genético, já que, para o nascimento, a mãe tem participação por meio do seu material genético (óvulo).

Figura 23: Definição do *frame* *Giving\_birth*

<sup>33</sup> Também são ULs evocadoras do *frame* *Kinship*.

# Giving\_birth

## Definition:

A **Mother** and **Father** produce a **Child** or an **Egg**.  
**Betty** **BORE** **Gerry** three intelligent daughters.

Fonte: *FrameNet*.

A *FrameNet* apresenta como elementos de *frame* (EFs) para Giving\_BirthMother, Father, Child, Egg e Parents. Para cada elemento de *frame*, é apresentado um exemplo do *corpus*, representado pela figura a seguir:

Figura 24: EFs do item lexical *mãe*

### FEs:

#### Core:

<b>Child</b> [Child]	<b>Child</b> identifies the new self-motile creature produced from the <b>Mother</b> and <b>Father</b> . Betty <b>BORE</b> Gerry three intelligent daughters.
<b>Egg</b> [Egg] Excludes: Child	<b>Egg</b> is an immobile object containing an organism that may hatch as a mobile, infant organism. Female clownfish <b>LAY</b> their eggs around sea anemones
<b>Father</b> [Pop]	<b>Father</b> is the male creature that copulates with the <b>Mother</b> , thus leading to the birth of the <b>Child</b> . Betty <b>BORE</b> Gerry three intelligent daughters.
<b>Mother</b> [Mom]	<b>Mother</b> is the female creature that produces the <b>Child</b> . Betty <b>BORE</b> Gerry three intelligent daughters.
<b>Parents</b> [Par]	The <b>Mother</b> and <b>Father</b> expressed together. <b>We</b> are going to be <b>HAVING</b> twins!

Fonte: *FrameNet*.

A subseção 6.1.1 apresenta nosso trabalho de identificação dos *frames*, conforme as evidências do *corpus*, considerando os modelos de Lakoff (1987) e os *framesKinship* e *Givingbirth(FrameNet)*.

### 6.1.1 Identificação dos *frames*

Analisadas as primeiras 500 linhas de concordância da unidade lexical *mãe*, foram identificados, no *corpus*, cinco *frames*, conforme as seguintes características e número de

ocorrências: das 500 ocorrências, 161 apresentam características de *mãe* segundo o modelo tradicional; 117 ocorrências de *mãe* como mulher que dá à luz; 19 de *mãe* como um dos membros da família; 11 ocorrências que apresentam características de modelos não tradicionais de relação conjugal; 6 ocorrências de *mãe* que apresentam características da fêmea que gera seu filhote; 5 ocorrências que remetem ao fato de a *mãe* ser aquela que cria; 2 ocorrências de *mãe* vinculadas ao fator nutrição; e 1 ocorrência que nos levou a identificá-la como tendo fator genético.

Para cada linha analisada, foi atribuído um traço, como: *mãe* que gera, *mãe* que alimenta, *mãe* de criação, *mãe* como membro da família, dentre outras etiquetas que podem ser consultadas no Apêndice B. As evidências do *corpus* com cotejo das descrições abordadas anteriormente – Lakoff (1987) e *FrameNet* – resultaram na identificação de cinco *frames*: Nascimento, Cuidados, Parentesco, Relação Conjugal e Genético. Contudo, verificamos que algumas ocorrências, pela relação existente entre os *frames*, apresentavam traços de mais de um *frame*, como é o caso de Nascimento e Genético. Assim, consideramos que categorizar algumas linhas de concordância em um único *frame* poderia levar a uma interpretação incorreta. Por essa razão, fizemos a seguinte leitura – o *frame* Nascimento depende do *frame* Genético, tendo em vista que, antes de ocorrer o nascimento, precisa haver a contribuição do material genético. A relação entre *frames* será retomada na seção 6.1.4.

É relevante afirmar que tanto a proposta de Lakoff como a da própria *FrameNet* foram levadas em conta em nossa análise de *corpus*. Contudo, a contribuição desses estudos não se limitou a isso: Lakoff (1987) e a *FrameNet* forneceram dados para repensarmos esses modelos, no sentido de verificar se todo esse conteúdo está presente nos dados levantados na análise do *corpus*.

Dos cinco *frames* identificados, nossa análise revela, de forma clara, que há duas conceptualizações de Relação Conjugal: uma na qual *mãe* está vinculada ao modelo tradicional de família e relação conjugal (161 ocorrências) – uma estrutura que reflete a constituição familiar tradicional de pai + mãe + filhos –; e outra que se volta para um submodelo relacionado a ele, mas que não aparece de forma tão explícita quanto o modelo tradicional, a qual, no entanto, leva em consideração a atual conjuntura da sociedade. Então, consideramos que o modelo de Relação Conjugal prevê um submodelo de relação conjugal não tradicional.

Esse outro modelo contempla uma variedade afetiva na constituição familiar que pode ser constituída por apenas uma *mãe* (mãe solteira); por duas mães (relação homossexual entre duas mulheres); e por dois pais (relação homossexual entre dois homens). Sobre isso, podemos dizer que as atuais relações conjugais, por vezes denominadas de homoafetivas, vêm recebendo, nos dicionários, modificações que comprovam essa mudança. As definições clássicas de casamento costumavam ser "união legítima entre homem e mulher" e "união legal entre homem e mulher, para constituir família" (Michaelis *online*). Desde 2015, alguns dicionários vêm modificando essa definição, excluindo a definição de gênero e apresentando a definição como "Ato solene de união entre duas pessoas; casório, matrimônio. 2 Cerimônia que celebra vínculo conjugal; matrimônio. 3 União de um casal, legitimada pela autoridade eclesiástica e/ou civil; matrimônio". Por mais que as uniões homoafetivas não caracterizem a maioria na sociedade, percebemos que houve uma necessidade de atualização, a partir de uma mudança do uso e do entendimento sobre *casamento*.

O *frame* Parentesco, como já apresentado anteriormente pela *FrameNet*, constitui-se das relações entre os membros de uma mesma família. Nesse *frame*, mãe é entendida com relação a filhos, sobrinhos, irmãos, descendentes etc. Finalmente, o *frame* Cuidados abrangetodas as formas de relações afetivas e nutricionais, implicando o papel social que a mãe tem para com o filho.

No quadro a seguir, buscamos ilustrar, por meio das concordâncias extraídas do *corpus*, como ocorrem as conceptualizações de *mãe*, indicando a frequência de ocorrência de cada uma delas. No entanto, entendemos que os *frames* identificados não são excludentes, o que significa dizer que a unidade lexical *mãe* pode ser usada como evocadora de mais de um *frame* e que, além disso, os *frames* se relacionam uns com os outros.

Quadro 3: Concordâncias extraídas do *corpus*

<i>Frames</i>	<b>Exemplos</b>	<b>Total no <i>corpus</i></b>
Nascimento	<p>A <i>mãe</i> que pare o seu filho merece respeito.</p> <p>Que a <i>mãe</i> não sofra as consequências da falta de tempo, cansaço e falta de treino dos recursos humanos que lhe retiram o filho do ventre.</p> <p>Nenhuma <i>mãe</i> quer pensar na ideia de que o seu bebê pode nascer com alguma malformação, mas infelizmente os casos são reais.</p>	117

	<p>"Menina!", terá dito a parteira, ou de quem dela fez as vezes, por ser o anúncio conforme às regras. Júbilo dos pais, ponho em dúvida, da <i>mãe</i> é mais que certo ou não a cortassem ainda as dores por ter parido.</p> <p>Tenho a mesma opinião, também o que não consigo perceber é uma <i>mãe</i> grávida a fumar ou um pai que fuma e tem a mulher grávida, o feto não tem como se defender e poderá ter consequências para o resto da sua vida(feto), pensem nos vossos filhos</p>	
Genético	Num caso extremo, podemos mesmo imaginar uma criança com cinco pais: uma <i>mãe doadora</i> do óvulo, uma "mãe hospedeira", uma mãe educadora, um pai genético e um pai jurídico. Para além de situações que povoam hoje os tribunais, em que a "mãe hospedeira",	1
Parentesco	Pai, <i>mãe</i> e filhos, ascendentes e descendentes, todos com estado civil triangular: viúvos, casados ou solteiros.	19
Relação Conjugal	<p><b>Tradicional</b></p> <p>Uma <i>mãe</i> virgem, um pai compreensivo, e uma criança muito querida rodeada de animais carinhosos é mesmo muita coisa para processar se não aprendemos desde pequeninos.</p> <p>Pergunta o sacerdote qualquer coisa como isto: "Pai, estás disposto a encaminhar o teu filho na fé e prestar-lhe nesse caminho assistência? <i>Mãe</i> , auxiliarás neste compromisso o teu marido?"</p> <p>O remate não me foi indiferente. O pai orienta, a mãe não estraga.</p> <p><b>Não tradicional</b></p> <p>O casal de mulheres agiu da forma correta." Para ele, se ter uma mãe já é bom, imagine ter duas? "Essa criança é uma privilegiada em ter duas <i>mães de criação</i> .</p> <p>será que os direitos das futuras crianças são prejudicados se a Procriação Medicamente Assistida (disponibilizada pelo Estado) servir também <i>mães</i> solteiras e casais de lésbicas com problemas de fertilidade? Entre os maus argumentos, há os pegajosos e escorregadios.</p>	161
Cuidados	<p><i>Mãe</i> que não gerou, mãe que não pariu, mas mãe que criou; Mãe que sonha, mãe que imagina, mãe que torce; Mãe que é esquecida, mãe que fica sofrida;</p> <p>A equipe de auditores da CGU constatou que a empresa tem como proprietários um humilde agricultor e uma doméstica desempregada, que mora com a filha e a <i>mãe de criação</i> , atual mantenedora da família, com aposentadoria de um salário mínimo.</p>	07

Fonte: elaborado pela autora.

### 6.1.2 Algumas ponderações

1) Cabe esclarecer que não é objetivo deste trabalho seguir a metodologia da *FrameNet*, pelo menos não em sua totalidade. Para esta pesquisa, o objetivo principal é a identificação dos *frames* evocados pela UL *mãe* e a relação que existe entre eles. Como ferramenta baseada na Semântica de *Frames*, esperar-se-ia que a relação entre os *frames* fosse evidenciada, de modo a também espelhar o caráter polissêmico da UL *mãe*.

2) Se a intenção fosse a de aplicar a metodologia da *FrameNet*, teríamos 5 entradas; mas, considerando o caráter polissêmico da unidade, ainda que a plataforma não siga o caráter semasiológico, esperar-se-ia que os *frames* aparecessem relacionados.

3) Além dos *frames* Nascimento, Parentesco, Relação Conjugal, Cuidados e Genético, há no *corpus* sentido de *mãe* como modelo metafórico; trata-se dos seguintes *frames*:

a) Natureza: mãe natureza (Linha 279;)

b) Bondade (Linha 19): *mãe* que carrega o atributo bondade – ela é uma *mãe* pra mim, conforme o quadro a seguir:

Quadro 4: Modelos metafóricos de *mãe*

Modelos Metafóricos	Exemplo do <i>corpus</i>
Mãe Natureza	Para a parte do Sul, onde a pequena Ursa se vê de guardas rodeada, Onde o céu luminoso mais serena Tem sua influência, e temperada Junto da nova Lusitânia ordena A Natureza, <i>mãe</i> bem atentada, Um porto tão quieto e tão seguro Que para as curvas naus serve de muro.
Bondade	...É caso para dizer que só na América.' Não, não é só na América que o <i>amor de mãe</i> se revela incondicional e eterno - sendo neste caso (havendo muitos mais casos certamente pelo mundo inteiro), reconhecido com enlevo e ternura pelo filho. :) O amor maternal e filial são realmente muito especiais...

Fonte: elaborado pela autora.

Ao partirmos do princípio de que cada *frame* representa uma estrutura cognitiva de conhecimento, na subseção 6.1.2, destacamos a definição de cada *frame*, apresentando a glosa, seus elementos constitutivos e outras unidades além de *mãe*, que podem ser suas evocadoras.

### 6.1.3 Glosas e ULs dos *frames* evocados por *mãe*

Identificadas no *corpus* as características que remetem aos cinco *frames*, descrevemos qual seria o conteúdo dessas estruturas de conhecimento. Atentamos para o *frame* *Relação Conjugal*, que prevê dois diferentes submodelos; um que remete ao modelo tradicional de família: pai (homem) + mãe (mulher) + filhos; e outra que inclui os modelos não tradicionais que podem apresentar uma estrutura familiar composta, por exemplo, de duas pessoas do mesmo sexo: mãe (mulher) + mãe (mulher) + filhos, ou pai (homem) + pai (homem) + filhos, ou, ainda, modelos familiares constituídos por apenas um dos participantes – só a mãe, que pode ser a mãe solteira, a mãe que engravidou e foi “deixada” pelo seu parceiro (pai da criança); a mãe de produção independente, que, com a ajuda da medicina (inseminação artificial), pode gerar uma criança sem a necessidade de um parceiro. Dentre os atributos que nos levaram a identificar o *frame* *Relação Conjugal* não tradicional, está o fato de *mãe* deixar de ser conceptualizada somente como mulher do pai, que, além de cuidar dos filhos, também toma conta da casa (do lar), passando a ser a mulher que trabalha fora, que é líder da família, que sustenta a família, que tem muitos atributos e tarefas. Cabe ainda destacar que as relações de madrasta e padrasto também remetem ao *frame* *Relação Conjugal* não tradicional.

Dessa forma, identificados os *frames*, atribuímos a eles glosas, identificamos os elementos de *frame* e elencamos outras unidades, além de *mãe*, que podem ser evocadoras desses *frames*. Sobre a lista de unidades lexicais, valemo-nos de dois critérios – as evidências explícitas na estrutura de cada *frame* e no conteúdo apresentado nas linhas de concordância e, de forma menos decisiva que o critério anterior, a lista extraída da *Word Sketch*. Assim, utilizamos, nessa etapa, a funcionalidade *Word Sketch* fazendo a busca pela unidade *mãe*, como forma de verificarmos quais unidades lexicais também podem estar relacionadas aos *frames* evocados por *mãe*. No entanto, pelo fato de *mãe* não ser um verbo, a extração mostra combinações da unidade com palavras de diferentes classes, o que, para o nosso estudo, não é tão relevante. Com exceção de algumas ULs como *adotiva*, *órfão*, *nascido eventre*, a extração não evidencia a relação entre a unidade *mãe* e outras unidades mais significativas para nosso estudo. Segue a extração da ferramenta, mostrando como ocorre a geração de uma *Word Sketch*.

Figura 25: Recorte das ULs sugeridas pela *Word Sketch*

**mãe-n** Portuguese Web 2011 (ptTenTen11, Freeling v3.1) freq = [760,216](#) (164.31 per million)

<u>n modifier</u>			<u>modifies</u>		
	<u>83,471</u>	0.11		<u>24,857</u>	0.03
solteiro +	<u>3,351</u>	10.18			
mãe solteira			órfão +	<u>495</u>	8.92
adotiva +	<u>958</u>	8.51	órfão de mãe		
mãe adotiva					

biológico + 1,778 8.29 nascido 69 6.17  
a mãe biológica bebês nascidos de mães

Fonte: *Sketch Engine*

Vale destacar que não é objetivo deste trabalho propor definições lexicográficas nos moldes da Lexicografia. As glosas propostas buscam acompanhar a metodologia utilizada pela *FrameNet*, qual seja, a de apresentar uma definição do cenário de cada *frame*, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 5: Glosas propostas para os *frames*

<i>Frame</i>	Glosa	ULs
Nascimento	Este <i>frame</i> descreve a cena em que o bebê vem ao mundo depois de ter passado um longo período na barriga da mãe.  Fazem parte desta cena os elementos mãe e bebê.	Parir, gerar, óvulo, bebê, nascido, ventre, instinto, recém-nascido, gestante, órfão...
Genético	Este <i>frame</i> descreve a cena em que o material genético é fornecido para ocorrer a fecundação.  Fazem parte desta cena os elementos doador (pode ser o pai), doadora (pode ser a mãe) e material genético de ambos.	Doador (a), material genético, óvulo, esperma, gerar...
Parentesco	Este <i>frame</i> compreende a cena de uma relação de parentesco entre os membros da família.  São elementos desta relação membros mais próximos como pai, mãe e filhos, como também tios, primos, ancestrais, descendentes.	Pai, mãe, filhos, irmãos, ancestral, descendente, parente...
Relação Conjugal	Este <i>frame</i> descreve a cena em que há uma união entre duas pessoas, com vistas a formar uma família.  São elementos desta uma relação conjugal tradicional a mulher e o homem (marido e esposa).  São elementos de uma relação conjugal não tradicional duas mulheres, dois homens etc.	Modelo Tradicional: Esposa, pai, mãe, mulher, casamento  Modelo não tradicional: mãe solteira, casamento gay, relação homossexual,

		relação homoafetiva, madrasta, padrasto...
Cuidados	Este <i>frame</i> compreende a cena em que uma pessoa tem a responsabilidade de cuidar de outra, de maneira a criá-la e alimentá-la.  Fazem parte desta cena a mãe (adotiva, de criação...) e a criança que recebe os cuidados.	Nutrir, criar, cuidar, alimentar, criança, mãe adotiva, mãe de criação...

Fonte: elaborado pela autora.

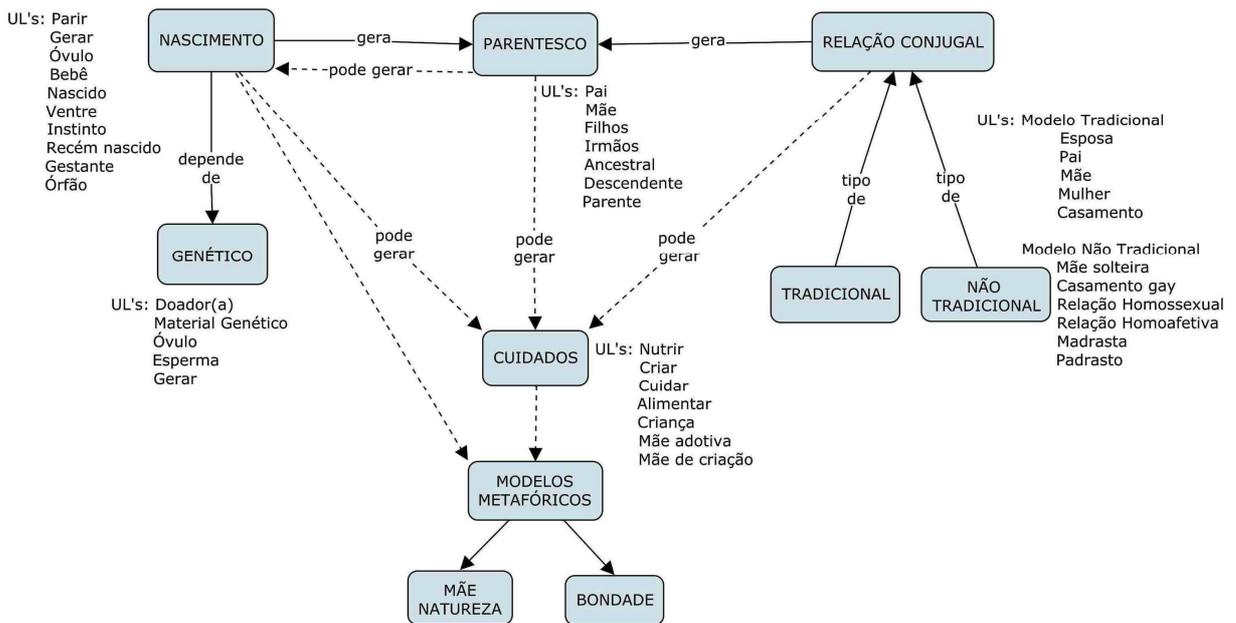
#### 6.1.4 Relações entre *frames*

Partindo dos cinco *frames* identificados como estruturas evocadas pela unidade lexical *mãe*, podemos verificar que existe certa organização hierárquica entre eles. As evidências do *corpus* do NILC, bem como os modelos cognitivos de *mãe*, mapeados por Lakoff (1987) e os *frames* Kinship e GivingBirth apresentados pela *FrameNet*, apontam para a existência de um *frame* principal – o de Nascimento. A análise nos permitiu identificar que se sobrepõem os *frames* de Nascimento os de Relação Conjugal, Parentesco e Genético.

Entendemos que esses *frames* se relacionam entre si e podem estar interligados pelos elementos de *frame* (EFs) e pelas unidades lexicais (ULs) evocadoras desses *frames*. A título de ilustração, apresentamos o mapa conceitual (figura a seguir), em uma tentativa de mostrar os relacionamentos entre os *frames*. Não é objetivo deste trabalho adotar o modelo de relacionamento da *FrameNet*, que pode ser visualizado no *FrameGrapher*<sup>34</sup>. Feita essa ressalva, manifestamos o intento demonstrar visualmente como esses *frames* estão inter-relacionados e que tipo de relação é estabelecido.

Figura 26: Mapa conceitual das relações entre *frames*

<sup>34</sup> Funcionalidade da *FrameNet* desenvolvida para visualizar as relações entre os *frames* e seus elementos de *frame*.



Fonte: elaborado pela autora.

Para identificar a relação entre os *frames*, valemo-nos das relações abordadas na *FrameNet*, assim como nos trabalhos de Minghelli (2016) e Müller (2015). Da *FrameNet*, aplicamos as relações **Precedência** e **Subframe**; de Müller (2015), adotamos a relação de **Dependência**, e de Minghelli (2016), as relações de **Preceder** e **Suceder**. A partir disso, entendemos que o *frame* principal de Nascimento possui relação de Dependência Unilateral com o *frame* Genético, já que para ocorrer o nascimento de um bebê, deve haver a contribuição do material genético. Entre os *frames* de Nascimento e Parentesco, há uma relação de precedência, havendo a necessidade de um ocorrer primeiro (Nascimento) que o outro (Parentesco). No sentido inverso, do Parentesco para o Nascimento, identificamos uma relação de sucessão. Da mesma forma, é identificada a relação de sucessão entre os seguintes *frames*: Parentesco pode suceder Cuidados e Nascimento pode suceder Cuidados. Entre Relação Conjugal e Parentesco, identifica-se a relação de precedência, em que primeiro ocorre a relação conjugal e, com isso, tem-se o parentesco. Quanto à relação entre Relação Conjugal e Cuidados, trata-se da sucessão: Cuidados pode suceder Relação Conjugal. Entre Relação Conjugal e seus *subframes*, temos a relação *subframe*, em que os submodelos são tipos de relação conjugal. Como os dois modelos metafóricos (Mãe Natureza e Bondade) não estão sendo explorados

neste trabalho, não propomos relação para eles. Para uma melhor visualização das relações entre os *frames*, segue o quadro a seguir:

Quadro 6: Listagem e ocorrências das relações entre *frames*

<b>Relações Propostas</b>	<b>Quando ocorrem</b>
Dependência Unilateral	Nascimento depende de Genético
Precedência	Nascimento gera Parentesco
Possibilidade de suceder	Parentesco pode gerar Nascimento
Possibilidade de suceder	Parentesco pode gerar Cuidados
Possibilidade de suceder	Nascimento pode gerar Cuidados
Precedência	Relação Conjugal gera Parentesco
Possibilidade de suceder	Relação Conjugal pode gerar Cuidados
<i>Subframe</i>	Relação Conjugal Modelo Tradicional Modelo não tradicional

Fonte: elaborado pela autora.

No que concerne ao modelo não tradicional, este compreende diferentes atributos; podemos entendê-lo como um modelo da “vida moderna”, mas que, para a sociedade, não é considerado o modelo prototípico de mãe: a mulher que engravida, dá à luz a criança, mas não o faz tendo o pai da criança como companheiro ou marido—é conceptualizada como *mãe solteira*. Há também a *mãe* de uma relação afetiva entre duas pessoas do mesmo sexo, em que uma delas recebe o material genético para gerar a criança. Entendemos que se trata de uma nova conceptualização de *mãe*, não prevista na análise de Lakoff (1987) não explícita nos *frames* da *FrameNet*, mas estamos considerando-a como uma nova estrutura de família prevista na sociedade atual.

## 6.2 ANÁLISE LEXICOGRÁFICA

Para o segundo momento da análise de *mãe*, a lexicográfica, consultamos verbetes de seis dicionários relativos a esse item. A pesquisa realizada nos seis dicionários ratifica aquilo que Lakoff (1987) já afirmava: o fato de que, diante da dificuldade em delimitar o significado de *mãe*, os dicionários tradicionalmente priorizam o atributo de “dar à luz um ou mais filhos” na definição de *mãe*, como mostram os exemplos da Tabela 1 (Au, 2010; Hou, 2010; Mi, 1998; DLP, 2009; NDLP, 2008 e GDSLPL, 2010).

Quadro 7: Verbetes dos dicionários para mãe

Dicionário	Definições para o item lexical <i>mãe</i>
Dicionário Aurélio (Au)	Mulher, ou qualquer fêmea, que deu à luz um ou mais filhos.
Dicionário Houaiss (Hou)	1 Mulher que deu à luz, que cria ou criou um ou mais filhos; 2 Fêmea de animal que teve crias ou que cuida ou cuidou delas.
Dicionário Michaelis (Mi)	Mulher, ou fêmea de animal que teve um ou mais filhos.
Dicionário da Língua Portuguesa 2009 (DLP)	1 Mulher que deu à luz um ou mais filhos; 2 zoologia fêmea que deu à luz um ou mais filhos.
Novo Dicionário da Língua Portuguesa (NDLP)	Mulher ou qualquer fêmea que teve, que cria ou criou um ou mais filhos.
Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa (GDSLPL)	Mulher que gerou um filho ou que teve descendentes; genitora.

Fonte: elaborado pela autora.

As definições do item lexical *mãe* apresentadas pelos dicionários selecionados comprovam a limitação de algumas das definições no que se refere ao conteúdo semântico: a maioria apresenta apenas o traço de *mãe* como “mulher que dá à luz”. Ao mesmo tempo, há ausência de traços usuais da unidade, principalmente se levarmos em consideração a análise de Lakoff (1987), o qual já afirmava, em 1987, que a vida moderna requereria atualização das acepções de *mãe*. As definições de Au, Mi, DLP e NDLP apresentam tanto as acepções de *mãe* como ser humano, como a de *mãe* animal (zoologia). No entanto, a forma apresentada pelo DLP se torna mais acessível, por apresentar uma definição individual para a *mãe* “animal” como concepção da área da zoologia. Os dicionários Hou e NDLP apresentam o significado prototípico “mulher que dá à luz” e também ampliam a aplicação da definição, ao incorporar outros atributos atrelados ao significado de *mãe* como mulher “que cria ou criou um ou mais filhos”.

De acordo com um dos passos metodológicos, qual seja o de identificar os traços dos *frames* nos verbetes de *mãe*, vimos que o *frame* Nascimento está presente em todos os

verbetes dos seis dicionários consultados. Esse dado mostra a predominância em definir *mãe* pela visão clássica, como aponta Lakoff (1987). Os traços do *frame* Cuidados aparecem como complemento do traço Nascimento em dois dos seis dicionários, no Hou (2010) e no NDLP (2008). Outra questão observada é a inserção do traço fêmea ao lado de mulher, no sentido de apresentar também a forma generalizada (animal). Cabe observar que esse traço também ocorre em seis linhas de concordância do *corpus* NILC.

Quadro 8: Identificação dos traços dos *frames* nos verbetes de *mãe*

Dicionário	Definições para o item lexical <i>mãe</i>	<i>Frames</i>
Dicionário Aurélio (Au)	Mulher, ou qualquer fêmea, que deu à luz um ou mais filhos.	Nascimento
Dicionário Houaiss (Hou)	1 Mulher que deu à luz, que cria ou criou um ou mais filhos; 2 Fêmea de animal que teve crias ou que cuida ou cuidou delas.	Nascimento Cuidados
Dicionário Michaelis (Mi)	Mulher, ou fêmea de animal que teve um ou mais filhos.	Nascimento
Dicionário da Língua Portuguesa 2009 (DLP)	1 Mulher que deu à luz um ou mais filhos; 2 zoologia fêmea que deu à luz um ou mais filhos.	Nascimento
Novo Dicionário da Língua Portuguesa (NDLP)	Mulher ou qualquer fêmea que teve, que cria ou criou um ou mais filhos.	Nascimento Cuidados
Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa (GDSL)	Mulher que gerou um filho ou que teve descendentes; genitora.	Nascimento

Fonte: elaborado pela autora.

Todavia, definir *mãe* simplesmente como “Mulher ou qualquer fêmea que deu à luz um ou mais filhos” exclui elementos do conhecimento de mundo mais periféricos que a unidade apresenta, bem como os atributos mais recentes relacionados à unidade *mãe*. Isso porque *mãe* não é somente a “mulher ou fêmea que deu à luz”, mas é também a mulher que adota uma criança, que cria uma criança que foi gerada por outra mulher, dentre outras experiências possíveis (Lakoff, 1987). Portanto, o sentido de *mãe* não está, necessariamente, vinculado apenas ao ato de “dar à luz”, como apontam a maioria dos dicionários selecionados.

A partir da análise lexicográfica, reconhecemos que o ato de “dar à luz” não é traço suficiente para dar conta da riqueza de conhecimento associada a esse item, mas também nos questionamos quanto à quantidade de informações de conhecimento de mundo necessárias para o entendimento do significado, levando em consideração a atual conjuntura da sociedade, no

que se refere a casamento, constituição familiar e avanços da medicina (genética). Por outro lado, temos como exemplo o verbete *mãe* apresentado pelo Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, do Português de Portugal, ilustrando nosso questionamento, no que diz respeito à quantidade de informações enciclopédicas a serem inseridas na definição do item lexical (DLPC, 2001, p. 2327):

Figura 27: Verbetes *mãe* (DLPC)

**mãe** [mɛj]. s. f. (Do lat. *mater, matris*). **1.** Mulher que deu à luz um ou mais filhos. *Um agregado familiar composto de pai, mãe e dois filhos. Amor de mãe. Orfão de mãe. Irmãos de mãe. Mãe solteira. Dia da mãe. + carinhosa, extremosa; + de família. mãe de misericórdia, Rel.*, designação dada à Virgem Maria para significar a sua bondade e a sua comiseração infinitas para com os que pecam. **mãe galinha**, a que gosta de estar sempre rodeada de filhos e se ocupa deles, protegendo-os demasiado. **2.** Fêmea que teve uma ou mais crias. *Ficou a ver o bezerrito a mamar na mãe.* **3.** Mulher que engravidou, que traz no ventre uma criança. *Algumas doenças de mãe propagam-se ao feto.* **mãe biológica**, a que é directamente responsável pela concepção. **mãe de aluguer**, mulher inseminada artificialmente que dá o seu filho a um casal estéril. **mãe hospedeira**, mulher cujo útero serve de receptáculo, durante o tempo de gravidez, ao óvulo fecundado de uma outra mulher. **4.** Mulher que dispensa cuidados maternais; alma generosa, dedicada e benfazeja. *É uma segunda mãe para ele. É a mãe dos pobres e dos orfãos. + adoptiva.* **5.** Fonte, causa, origem. *A preguiça é a mãe de todos os vícios.* **6.** País ou lugar de origem, de fundação. *A Grécia é considerada a mãe do teatro.* **7.** Leito do rio. = MADRE. **8.** Depósito que permanece no fundo de uma garrafa; borra de vinho. = MADRE, PÉ. **9.** *Gír.* Chave ou chave falsa; gazua. **10.** *Bras. Desp.* Jogador que, actuando mal, beneficia o adversário. **11.** *func. adj.* Que deu origem a outro ou outros. **casa+ mãe. língua+ mãe.** **12.** *func. adj. Bras. Pop.* Que é muito grande, forte ou intenso. **13. filho+ da mãe.** Masc. pai.

Fonte: DICIONÁRIO... (2001, p.2327).

O verbete *mãe* do DLPC confirma o fato de que nem sempre a inserção de informações no verbete resulta em uma definição completa do item. Neste caso, o que parece é que, dependendo da informação, apresentar tantas informações e dividi-las em diferentes acepções poderá deixar o usuário confuso.

A análise do verbete *mãe* mostra que, dos seis dicionários selecionados, a maioria apresenta como definição apenas a concepção de *mãe* como “mulher ou fêmea que deu à luz”. No entanto, dois dicionários, o *Houaiss* e o *Universal*, acrescentam à definição “central” o fato de ser “a mulher ou fêmea que cria ou criou” a criança ou filhote. O dicionário *Aurélio* apresenta o significado “central” pelo ponto de vista da lexicografia tradicional, mas também exhibe uma acepção separada, que contempla o atributo de *mãe* como “Pessoa muito boa, dedicada,

desvelada” (modelo metafórico), identificado na análise semântica. Percebemos, na avaliação dos verbetes, que a maioria dos dicionários se restringe à apresentação dos significados. Grande parte das estruturas adotadas nesses dicionários não incorpora, nas definições, os traços referentes ao conhecimento de mundo. A ausência de uma teoria semântica para explorar tais questões parece ser consequência disso.

Conforme relatado anteriormente, os dicionários evidenciam a adoção da definição prototípica de mãe como “a mulher que dá à luz”. No entanto, os modelos de Lakoff (1987), a *FrameNet* e os dados do *corpus* mostram a existência de dois outros *frames* tão importantes para conceituar *mãe* quanto o *frame*Nascimento. São os *frames* Parentesco, Relação Conjugal (os dois modelos), Genético e Cuidados, os quais contribuem com elementos que contemplam outros atributos da unidade *mãe*.

Levando em consideração que a maioria dos dados obtidos aponta para o *frame* de Nascimento, é inegável a relevância de se atribuir à definição de mãe questões de fatores sociais, de criação, de vínculo com o pai e demais membros da família, para uma contemplação maior do significado da unidade lexical *mãe*. Conforme consta nos exemplos da *FrameNet*, o elemento de *frame*father está presente na definição do *frame*GivingBirth, pois, mesmo que a mulher dê à luz a criança, ele é elemento necessário nesse cenário, apesar de ser secundário para a definição de mãe. Além disso, “a vida moderna”, conforme utiliza Lakoff (1987), fornece subsídios para novas concepções de *mãe* que não se encaixam mais tão bem na estrutura conjugal tradicional – da mãe como esposa do pai, mulher do lar, esposa do pai que cria os filhos e cuida da casa.

Os dois movimentos realizados na análise encaminham para a necessidade de incorporar, à definição da unidade lexical *mãe*, traços dos cinco *frames* identificados na análise semântica. Comumente, como podemos observar, os dicionários apresentam definições que contemplam apenas traços do *frame*Nascimento. No entanto, entendemos que essas definições não são exaustivas no que se refere às diferentes conceptualizações que a unidade *mãe* apresenta. Dessa forma, definir *mãe* levando em consideração apenas o *frame*Nascimento exclui principalmente elementos que refletem a linguagem em uso, no que se refere à unidade lexical analisada.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, cujo objetivo foi o de verificar de que forma a Semântica de *Frames* pode contribuir com a Lexicografia, utilizou-se da análise da unidade lexical *mãe*, como forma de refletir acerca das definições apresentadas pelos dicionários de língua geral. Considerando a concepção de significado sustentada pela Semântica de *Frames*, especialmente o seu compromisso com a visão enciclopédica de significado, apontamos, em nosso estudo, para os pontos convergentes entre Semântica de *Frames* e Lexicografia.

Com vistas ao objetivo específico –apresentar, em linhas gerais, a atividade lexicográfica e sua relação com as teorias semânticas –, o capítulo 2 partiu da reflexão sobre os fundamentos da Lexicografia. Compreendemos que há uma longa tradição desta prática em adotar alguns formatos, dentre eles, valer-se da metalexiconografia como forma de buscar regulamentar a prática; adotar questões tradicionais como a semântica estrutural no tratamento das palavras; seguir a abordagem semasiológica no tratamento do significado lexical e, conseqüentemente, na organização da obra. Sobre obedecer a esses formatos e a essas formas de organização, entendemos que tais abordagens não são suficientes para dar conta da complexidade exigida por esta prática. Identificamos, como movimento possível, a troca de conhecimento e habilidades entre lexicógrafos e linguistas, porque, em se tratando de uma atividade de descrição da língua, não podem ser desprezados os achados da Linguística –em especial, conforme defendemos neste estudo, o aporte de uma teoria semântica, com ênfase nos preceitos da Semântica de *Frames* para tratar do significado.

Buscando entender suas implicações para a lexicografia tradicional e os princípios que norteiam a Semântica de *Frames*, dedicamos o terceiro capítulo ao estudo dessa teoria. Pudemos antever algumas contribuições da Semântica de *Frames* para a prática lexicográfica, o que posteriormente se confirmou nos resultados da análise. Ainda que parte dos trabalhos investigados esteja vinculada à lexicografia computacional (*FrameNet*) e à lexicografia eletrônica (*e-lexicography*), o potencial da teoria pode ser aproveitado também para beneficiar obras lexicográficas impressas.

Com o foco de verificar a existência de trabalhos que buscam a convergência da Lexicografia com teorias semântico-cognitivas, vimos no capítulo 4 que elas podem dar conta do papel esperado por uma teoria semântica. Por meio da *FrameNet*, percebemos que a Semântica de *Frames* pode ser explorada em recursos lexicográficos computacionais, tornando ainda mais clara a relação entre as estruturas de conhecimento e o papel das unidades lexicais

no contexto desta teoria. Em L'Homme (2014), percebemos que, em se tratando de recursos computacionais, tem-se mais facilidade de ilustrar a rede de relações que está por trás da abordagem cognitiva. Os *hyperlinks* facilitam a navegação e complementam as definições das unidades lexicais. Para Ostermann (2015), os *frames* podem ser utilizados como complemento das definições, mesmo que em uma seção de exemplos. As iniciativas apresentadas no capítulo 4 mostram a convergência entre a Lexicografia e a Semântica Cognitiva no contexto computacional. De certa forma, temos de assumir que a tecnologia oferece infinitas possibilidades a essa prática.

A metodologia apresentada no quinto capítulo descreveu os procedimentos empregados para este estudo, que contemplou duas diferentes frentes. Uma frente foi destinada à análise semântica e a outra, para a análise lexicográfica da unidade lexical *mãe*. A análise semântica teve como etapa principal a identificação dos *frames* evocados pela unidade lexical *mãe*, que considerou como subsídios os modelos cognitivos de Lakoff (1987), os *framesKinship* e *GivingBirth*, da *FrameNet*, e o *corpus* NILC. A análise lexicográfica da unidade lexical *mãe* refletiu sobre a definição desse item em seis dicionários de língua geral, atentando para a existência ou não dos traços dos *frames* identificados na análise semântica.

Os resultados do nosso estudo mostraram que a unidade lexical *mãe* evoca cinco *frames*: de Nascimento, de Parentesco, de Relação Conjugal, Genético e de Cuidados, além de dois modelos metafóricos: Mãe Natureza e Bondade. Cada *frame* recebeu uma glosa, a indicação dos elementos de *frame* e uma lista de unidades lexicais, possíveis evocadoras de *frame*. O *frame*Nascimento descreve a cena em que o bebê vem ao mundo depois de ter passado um longo período na barriga da mãe; o *frame*Parentesco compreende a cena de uma relação de parentesco entre os membros da família; o *frame*Relação Conjugal descreve a cena em que há uma união entre duas pessoas, com vistas a formar uma família; o *frame*Genético descreve a cena em que o material genético é fornecido para ocorrer a fecundação; e o *frame*Cuidados compreende a cena em que uma pessoa tem a responsabilidade de cuidar de outra, de maneira a cria-la e alimentá-la. Além da identificação desses cinco *frames*, entendemos que o *frame*Relação Conjugal se constituiu de dois *subframes*: a) relação conjugal tradicional, união de um homem e uma mulher com vistas a formar uma família e b) relação conjugal não tradicional, compreende uma diversidade de formas, como união de duas pessoas do mesmo gênero; mãe solteira, pai e madrasta, padrasto e mãe, dentre outras formas identificadas na análise.

Por meio do mapa conceitual, identificamos as relações entre *frames* **Dependência Unilateral, Precedência, Possibilidade de suceder** e *Subframe*, as quais podem ser conferidas no Quadro 6. Chegamos a uma lista de unidades lexicais que podem ser outras evocadoras dos *frames* elencados, além da unidade *mãe*, analisada nesta pesquisa. São algumas: *parir, gerar, óvulo, bebê, nascido, ventre, instinto, recém-nascido, gestante, órfão, doador (a), material genético, óvulo, esperma, gerar, pai, mãe, filhos, irmãos, ancestral, descendente, parente, esposa, pai, mãe, mulher, casamento, mãe solteira, casamento gay, relação homossexual, relação homoafetiva, madrasta, padrasto, nutrir, criar, cuidar, alimentar, criança, mãe adotiva, mãe de criação*.

A análise lexicográfica apontou para a predominância em se definir *mãe* por meio do traço “dar à luz”. Os seis dicionários analisados se utilizam do traço do *frame* Nascimento como principal atributo para definir *mãe*. Além disso, identificamos a presença de traços do *frame* Cuidados em dois dos seis dicionários. Um dado evidenciado nessa parte da análise foi a ausência dos traços dos outros *frames*, os quais não são utilizados pelos dicionários para definir *mãe*. No entanto, a Semântica de *Frames* nos possibilitou enxergar que a definição de *mãe* não está somente atrelada ao traço nascimento.

Cruzando os dados da análise semântica com os dados da análise lexicográfica, pensando na contribuição da Semântica de *Frames* para a Lexicografia, entendemos que a definição da unidade lexical *mãe* precisa contemplar os traços dos cinco *frames* identificados neste estudo. Os dados confirmam a pouca consideração de informações enciclopédicas na construção das definições. Além disso, apontam para o fato de as definições estarem estagnadas, em desacordo com as atualizações sofridas pela vida moderna, por não considerarem os traços que refletem todos os modelos contemplados por *mãe*. Nesse sentido, entender o significado de *mãe*, sob a ótica da Semântica de *Frames*, implica associar o item aos cinco *frames* descritos neste trabalho: Nascimento, Parentesco, Relação Conjugal, Genético e Cuidados.

A partir desses resultados, entendemos que a convergência entre Lexicografia e Semântica de *Frames* pode garantir que os dicionários considerem os cinco *frames* identificados na análise na definição de *mãe*. A teoria linguística dos *frames*, que leva em consideração as evidências empíricas, amplia para além do sistema linguístico a forma de compreender o significado das palavras, de modo a agregar o conhecimento de mundo às definições. A descrição lexical a partir da Semântica de *Frames* permite, portanto, enxergar o significado das palavras de maneira contextualizada e relacionada a outras tantas unidades lexicais que evocam

a mesma estrutura de conhecimento. Além disso, pensar nessa convergência implicaria atenuar a distinção semasiologia *versus* onomasiologia presente na lexicografia, proporcionando outra forma de tratamento das palavras, o que pode incluir a seleção e a organização das unidades lexicais.

De modo geral, podemos afirmar que nossa análise permitiu enxergar as contribuições decorrentes da convergência entre Lexicografia e Semântica de *Frames*, quais sejam: a necessidade de os dicionários inserirem, nas definições de *mãe*, os cinco *frames* aqui abordados (Nascimento, Parentesco, Relação Conjugal, Genético e Cuidados) e a possibilidade de minimizar a distinção entre semasiologia e onomasiologia.

Como possibilidade de estudos futuros, destacamos o interesse em refletir sobre as redações das definições e a sua forma de organização nos dicionários de língua geral, levando em consideração o aporte da Semântica de *Frames* atrelado à Lexicografia, já que, neste estudo, essa etapa não foi prevista.

## REFERÊNCIAS

- ATKINS, S. B. T.; RUNDELL, Michael. *The Oxford guide to practical lexicography*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia. *Alfa: Revista de Linguística*, Araraquara, v. 9, p. 7-36, 1966.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.16, n. 2, 2000.
- BIDERMAN, M. T. C. BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa: Revista de Linguística*, Araraquara, v. 28, p. 1-26, 1984.
- BORBA, F. *Organização de dicionários*. São Paulo: Unesp, 2003.
- BRANGEL, L. M. *O tratamento lexicográfico de vocábulos de cores na perspectiva da Semântica Cognitiva*. 2011. 209f. Dissertação (Mestrado em Teorias Linguística do Léxico) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), Porto Alegre, 2011.
- BRANGEL, L. *Proposta teórico-metodológica para a geração de paráfrases explanatórias em dicionários voltados para criança: uma abordagem cognitiva*. 2015. 209 f. Tese (doutorado em Teorias Linguística do Léxico) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), Porto Alegre, 2015.
- BREAL, M. *Essai de Sémantique* (science des significations). Paris: Hachette, 1897.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Sobre a microestrutura em dicionários semasiológicos do alemão. *Contingentia*, Porto Alegre, v. 4, p. 60-72, 2009a.
- CALD. *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- COBUILD. *Collins COBUILD Advanced Learner's Dictionary*. Glasgow: Harper Collins Publishers, 2006.
- CHISHMAN, R. L. O. et al. *Field: dicionário de expressões do futebol*. São Leopoldo: Unisinos, 2015. Disponível em: <[www.dicionariofield.com.br](http://www.dicionariofield.com.br)>. Acesso em: 25 jun. 2016.
- CHISHMAN, R. L. O. et al. *Dicionário Olímpico*. São Leopoldo: Unisinos, 2016. Disponível em: <[www.dicionarioolimpico.com.br](http://www.dicionarioolimpico.com.br)>. Acesso em: 25 jun. 2016.
- CIENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Orgs.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 170-187.
- COSERIU, E. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

- COSERIU, E. *Gramática, semântica, universales e estudos de lalingüística funcional*. Madrid: Gredos, 1987.
- CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- DICIONÁRIO da Língua Portuguesa Contemporânea. Braga: Verbo, 2001.
- DICIONÁRIO da Língua Portuguesa 2009. Porto: Porto, 2009.
- DICIONÁRIO de Sinônimos Online de português do Brasil. [S.l., 2016?]. Disponível em: <<http://www.sinonimos.com.br/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.
- DORNSEIFF, F. *Der deutsche Wortschatz nach Sachgruppen, mit alphabetischem Generalregister*. Berlin: W. de Gruyter, 1959.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FERREIRA, A.B. de H. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 7. Ed. Curitiba: Positivo, 2008.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. In: *Annals of the New York Academy of Sciences: Conference on the Origin and Development of Language and Speech*, v. 280, [S.l.], 1976. p. 20-32.
- FILLMORE, C. J. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (Ed.): *Linguistic structures processing: fundamental studies in computer science*, n. 59, North Holland Publishing, 1977. p.55-88.
- FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul, Hansinh Publishing Co., 1982.
- FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, 1985. p.222-254.
- FILLMORE, C. J. Lexicography and ethnographic semantics. In: MARTIN, W.; MEIJS, W. *Proceedings of the VI Euralex International Congress*, [S.l.], 1994.
- FILLMORE, C. J. Double-decker definitions: the role of frames in meaning explanations. *Sign Language Studies*, [S.l.], v. 3, p. 263-295, 2003.
- FILLMORE, C.J., ATKINS, B.T.S. Toward a Frame-based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. (Eds.). *Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization*. Hillsdale: Erlbaum, 1992.

FILLMORE, C. J.; ATKINS, S. Describing Polysemy: the Case of “Crawl”. In: RAVIN, Y.; LEACOCK, C. *Polysemy: theoretical and computational approaches*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 91-110.

FILLMORE, C. J.; BAKER, C. A frames approach to semantic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010.

FONTENELLE, T. *Practical lexicography: a reader*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

GEERAERTS, D. The lexicographical treatment of prototypical polysemy. In: TSOHATZIDIS, S. L. (Ed.). *Meanings and Prototypes*. Studies in Linguistic Categorization. London: Routledge, 1990. p. 195-210.

GEERAERTS, D. The definitional practice of dictionaries and the Cognitive Semantic conception of polysemy. *Lexicographica*, [S.l.], v.17, p.6-21, 2001.

GEERAERTS, D. Meaning and definition. In: STERKENBURG, P. V. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.

GEERAERTS, D. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.  
 GEERAERTS, D. Lexicography and theories of lexical semantics. In: DURKIN, P. *The Oxford Handbook of Lexicography*, OUP: New York, 2015.

GIBBS, R.; COLSTON, H. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics*, [S.l.], n. 6, p. 347-378, 1995.

GRANGER, S; PAQUOT, M. *Electronic Lexicography*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HANKS, P. Linguistic norms and pragmatic exploitations, or why lexicographers need prototype theory, and vice versa. In: KIEFER, F.; KISS, G.; PAJZS, J. (Eds.) *Papers in computational lexicography*. Budapest: Linguistics Institute, 1994. p. 89-113.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London: Routledge, 2002.

HARTMANN, R.R.K. *Teaching and Researching Lexicography*. London: Longman, 2001.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSON, M. *The body in the mind*. The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KATZ, J.J; FODOR, J.A. *Teoria Semântica*. In: LOBATO, M.P. *A semântica na linguística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KILGARRIFF, A. Using word frequency lists to measure corpus homogeneity and similarity between corpora. In: *Proc. 5th ACL Workshop on Very Large Corpora*, Beijing/Hong Kong, 1997b.

KOVECSES, Z. The Frame Analysis of Culture. In: KÖVECSES, Z. *Language, Mind, and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2006.p. 81-94.

KRIEGER. M.G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 4, n. 3, p. 141-147, set./dez. 2006.

LDCE. *Longman Dictionary of Contemporary English*. Essex: Pearson Education Limited, 2009.

LAKOFF, G. A Hipótese da Invariância: o pensamento abstrato está baseado em imagens. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, jul./dez., 2012 [1990], p. 07-46.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

L'HOMME, M. Why lexical semantics is important for e-lexicography and why it is equally important to hide its formal representations to users of dictionaries. *International Journal of Lexicography*, v. 27, n. 4, [S.l.], 2014.

LINGUATECA. Projeto AC/DC: corpo NILC/São Carlos. [S.l., 2016?]. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. III. Série. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MINGHELLI, T.D. *Eventos Legais e a sua descrição conforme a Semântica de Frames*. 2016. 173 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

MÜLLER, C. *Princípios metodológicos para a construção de uma ontologia baseada na Semântica de Frames*. 2015. 129 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2015.

OALD. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

OGDEN, C.K; RICHARDS, L.A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA, A.F.S. *A multiplicidade semântica em learner's dictionaries: por uma abordagem semântico-cognitiva para a organização das acepções*. 2015. 158 f. Tese (doutorado em Teorias Linguística do Léxico) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), Porto Alegre, 2015.

OLIVEIRA, A.F.S. *Subsídios da semântica cognitiva para a disposição das acepções nos learner's dictionaries*. 2010. 231 f. (Mestrado em Teorias Linguística do Léxico) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), Porto Alegre, 2010..

OSTERMANN, C. *Cognitive Lexicography. A New Approach to Lexicography Making Use of Cognitive Semantics* Berlin: De Gruyter Mouton, 2015.

OSTERMANN, C. Frame Semantics and Learner's Dictionaries: Frame Example Sections as a New Dictionary Feature. In: ABEL, A.; VETTORI, C.; RALLI, N. (Eds.), *Proceedings of the XVI EURALEX International Congress: The User in Focus*. [S.l.], 2014. p. 1153-1162.

POTTIER, R. La définition sémantique dans les dictionnaires. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, [S.l.], n. 3, p. 33-39, 1965.

RIEMER, N. *Introducing Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ROSCH, E. Recuperando os Conceitos. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, jul./dez. 2012. p. 81-106.

RUNDELL, M. 'It works in practice but will it work in theory?' The uneasy relationship between lexicography and matters theoretical. *Proceedings of the Euralex International Congress*, [S.l.], 2012.

RUPPENHOFER, J. et al. *FrameNet II: Extended theory and practice*. Berkeley: International Computer Science Institute, 2010.

SACCONI, L.A. *Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, A. S. A. Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, [S.l.], v.1, p. 59-101, 1997.

SILVA, A. S. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 27-43, 2010.

SVENSÉN, Bo. *A Handbook of Lexicography: the Theory and Practice of Dictionary-Making*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

TALMY, G. Beyond foreground and background. In: TOMLIN, R. S. (Ed.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

ULLMANN, S. 1964. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

UNIVERSAL. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Texto, 2008.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WIERZBICKA, A. Different cultures, different speech acts: Polish vs. English. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 9, p. 145-178, 1971.

ZGUSTA, L. *Manual of Lexicography*. Prague/Paris: Academia/Mouton, 1971.

## APÊNDICE A – OBRAS CONSULTADAS

- BABINI, M. *Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos*. Ciência e Cultura, 2006.
- BALDINGER, K. *Teoría Semántica*. Hacia una semântica moderna. Madrid: Ediciones Alcala S. A, 1977.
- BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUIERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- FILLMORE, C. J. Semântica de Frames. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 25. jul./dez. 2009, p. 25- 52.
- GAVA, L. S. F. *Unidades lexicais como verbetes em um dicionário do domínio do futebol a partir da Semântica de Frames: especificidades e dificuldades*. 2014. 112 f. Trabalho de conclusão (Graduação em Letras Português-Inglês) – Curso de Letras, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2014.
- GEERAERTS, D. Introduction: A rough guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (Ed.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- GRADY, J. Metaphor. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Orgs.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 188-213.
- HAENSCH., G. et al. *La lexicografía*. Madrid: Gredos, 1982.
- HEGER, K. *Teoría Semántica*. Hacia una semântica moderna. Madrid: Romania, 1974.
- SANTOS, A. N. *O papel da Semântica de Frames na construção de um dicionário do futebol: reflexões sobre a organização lexicográfica do Kicktationary-Br Copa 2014*. 2013. 121 f. Trabalho de conclusão (Graduação em Letras Português-Inglês) – Curso de Letras, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2013.
- SANTOS, A. N. *Direito, aborto e anencefalia no Brasil: uma abordagem semântico-cognitiva do processo da ADPF 54*. 2016. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2016.
- ULLMANN, S. *Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

## APÊNDICE B– OCORRÊNCIAS DE MÃE NO CORPUS DO NILC

vida nacional: primeiro, na guerra, como teu caminho. </p><p> A tua filha, a minha	mãe	, esposa, viúva, filha, noiva, madrinha
cadeira. Disse-lhe que não, à tua filha, minha portarias, como uma mulher de ferro. A minha	mãe	, perguntou-me se eu queria uma cadeira. mãe , que hoje se portou como tu te portarias
quereres e saberes. A tua menina, minha saberes. A tua menina, minha mãe, que foi tua	mãe	. Levei-te um livro, em homenagem aos muitos mãe , que foi tua mãe por dez anos, está em
além-sete-colinas tem grande probabilidade de ter	mãe	por dez anos, está em paz. Ela e o teu mãe meretriz. </p><p> (pausa) </p><p> Como indicia
rezarás?). Vou lá amanhã. Talvez. A minha te deixar descansar. Quero-te paz, minha	mãe	diz-me para não ir. Ela não me reconhece mãe . </p><p> Não havia de ser nada. Afinal, já
julga um deus. Eu sou o braço esquerdo, a dar de caras, aqui e ali, com o filho da	mãe	é o direito. Julga ele. Neste Deus, que mãe e com a prima, com o doutor e com o vizinho
encará-los como um jogo com a natureza. A ? Fomos à procura de respostas </p><p> Ser	mãe	dita coloca-me à frente um dâmaso, ou um mãe e trabalhadora é a realidade que faz parte
revelar essa sua saudável e discreta vaidade, a admiro. O quanto fico feliz em ter uma	mãe	? Sabe, hoje senti a necessidade de dizer mãe tão (...) </p><p> Este top de popularidade
sim e frequentemente pela virgem da minha imaginem!, vieram do oriente e com camelos. Uma	mãe	. Bem, isso de ser virgem era apenas uma mãe virgem, um pai compreensivo, e uma criança
lhe é mais precioso, reencontrar-se com a dentista só para não se encontrarem com a	mãe	. </p><p> Família Panda </p><p> Sabes quando mãe do dito cujo. </p><p> Do total das inquiridas
comovo por aí além; lembro-me das avós, das criadores", mas a cozinha das avós e das	mães	, das tias das nossas famílias, que passaram mães (tirando a geração de 60, que é uma desgraça
adolescente que conhecera, o rosto desfigurado da Contrariam, assim, o acto natural de nascer. A	mãe	e mulher e amiga e companheira de muitos mãe que pare o seu filho merece respeito. Que
impressão digital de cada nascimento. Que a demos apoio, neste caso eu o João Santos e a	mãe	não sofra as consequências da falta de mãe (Sandra) do Bernardo, ficamos nas "nuvens
das batidas cardíacas do coração da nossa escondidas, com a filha da sopeira da minha	mãe	... </p><p> Realmente, vivemos num mundo de mãe , então com 14 anos. Na altura passavam
2011, vão ser super pequenos pois a sua custo de cada cão de 350€. Não tem LOP.	mãe	e pai também o são. Valor de cada um ... mãe pirata com mancha preta nas costas, pai
ama-te muito, maradona, a ti e a senhora tua assustador e claustrofóbico imprimido pela '	mãe	. Assinado, O mais peor". O maradona respondeu ' Tecmo . A mecânica da famosa 'Camera Obscura
neste novo formato há já vários dias, a estas apostas! </p><p> Depois de ter sido	mãe	de Rui Pêgo prepara a todo o gás o seu mãe do pequeno Eduardo, a apresentadora já
, dúvidas ou angústias por que passam as descontraída, bem disposta e empenhada que ser	mães	nos primeiros meses, Rita vai mostrar, mãe é mesmo a melhor coisa do Mundo! , podia
Papa Celestino I, que proclamou Maria como . No pedestal estava escrito: Teotocos (	mãe	de Deus contra a heresia de Nestório que mãe de Deus). Era uma demonstração da grande
sempre foi célebre pela devoção a Maria	mãe	de Deus. Principalmente ao tempo da invasão

das igrejas. Entre os devotos de Maria, inconformado com o desaparecimento da imagem da	mãe	de Deus, havia um chamado GracianRamíres
atribuíram a Nossa Senhora da Atocha - A	mãe	de Deus, com outros fiéis, pôs-se a vasculhar
começava a construção da igreja em louvor à	mãe	de Deus, um novo título que Nossa Senhora
que as duas lhe falassem, agradecendo à	mãe	de Deus. Qual não foi seu espanto e alegria
vem do grego Teotokos, cujo significado é	mãe	de Deus o milagre que Jesus operava por
tipo de relação que entre ela e a minha	mãe	de Deus, derivando no final em Tocha que
humilde. O seu pai era trabalhador e a sua	mãe	desde cedo existiu. Mesmo que entendessem
Parque'. Interrompeu o trabalho para ser	mãe	ama de casa. O casal teve quatro filhos
pai abusava dela e metem-no na cadeia. A	mãe	. Dois anos depois regressou, na TVI, onde
sempre pais, é praga comum. E são elas, as	mães	do Luís começa a namorar com o psicólogo
crianças entregues (abandonadas?) à ex-	mãe	, que esticam o ordenado, abdicam de
mulher e	mãe	necessidades
que não fosse das crianças e dos pais. Da	mãe	. </p><p> junho 19, 2008 </p><p> UM EURO POR
com o teu nome completo, email do pai e/ou	mãe	. </p><p> Hoje, olho-te e já não são curtas
por completo; ela, miudinha, não parecia	mãe	e a tua morada completa (para envio do
cruzes e animais, os olhos iguais aos da	mãe	de quatro filhos, o olhar vivo, inquebrantável
mandou-me discretamente para a p*** da	mãe	, mas cheios de um ódio triste. Partiu uma
minha	mãe	. Eu ri-me, o que o irritou ainda mais. </p>
sorriso amável e a serenidade desta mulher,	mãe	, companheira, escritora, perpassa na obra
anarquista na selva brasileira. A família da	mãe	, católica, chegou ao Brasil após a abolição
desapareceu da aldeia da Figueira, Portimão.	mãe	e o tio foram condenados pelo homicídio
A		
portuguesas. </p><p> Não é possível a muitas	mães	celebrar em alegria o dia do amor maternal
desaparecimento, morte ou ausência -	mãe	e filho em presença. Data sem festa. O
nalguns casos,	mãe	
muito envolvida com aquilo. Até que a minha	mãe	, empresária e uma pessoa muito pragmática
ostensiva, talvez filha de pai húngaro e	mãe	irlandesa. Delírios para acalmar a ansiedade
recai o peso insuportável de tudo o que a	mãe	(e a sociedade) dela espera e a que jamais
ao destino e pregar-lhe uma partida. Uma	mãe	asfuxiante, controladora e má rez,
	mãe	profundamente
Entre os muitos milhares de coisas que as	mães	nunca entendiam - a virilidade implícita
este é um jogo perigoso numa casa onde a	mãe	de Antoine, a dona de casa mais exigente
henrique pereira dos santos </p><p> A minha	mãe	liga-me. Quer saber. Se me ando a alimentar
lhe leve a roupa para ela passar. A minha	mãe	a passar roupa, há quanto tempo, Penélope
pesado de vapor, a pele dos braços da minha	mãe	, o que é a pele dos braços da minha mãe
mãe, o que é a pele dos braços da minha	mãe	? O que são os braços da minha mãe? O que
minha mãe? O que são os braços da minha	mãe	? O que irá sobrar deles quando tudo for
ciclotímico - um dia ama, no outro detesta.	mãe	espanhola recebeu o temperamento forte
Da		
escreve e o que significa, tendo, para além	mãe	, outras formas de obter essa informação
da		
sistema penal. </p><p> O dia em que os	mãe	que tratam as mulheres como sacos de pancada
filhos da		
aspecto de um velhinho de 80 anos. Como sua	mãe	morre no parto, é abandonado pelo pai na
Verão. Brincam às guerras, aos pais e às	mães	, à caça ao esquilo, aos enfermeiros, etc
estruturas do homem e da família - pai e	mãe	como iguais, diferentes, porém, quando
prendadas meninas de família que incluiu a	mãe	e a tia. Nas sobras do colégio, aprendiam
dizia um petiz. "Não aguentas?", retorquia a	mãe	. " Nãooooo!" respondia o miúdo aflito. -

garoto voltar ao assento e ouviu a pergunta da acoitam. Sem direito ao "Bom dia, João!, a tua	<b>mãe</b> : ""Atão, axáste-lo?" E o petiz: ""Axei-o
e prestar-lhe nesse caminho assistência?	<b>mãe</b> vai melhorzinha?, o menino sarou as anginas
não me foi indiferente. O pai orienta, a bicharada imprecisa é desbaratar a perfeição da	<b>mãe</b> , auxiliarás neste compromisso o teu marido
mensagem seja clara. Comenta a notícia com a	<b>mãe</b> não estraga. É isto o pedido pela Santa
de Sandra sai torta - "Mas têm telemóvel, abandona a filha pequena aos cuidados de uma	<b>mãe</b> natura. </p><p> Porte que o longe desafia
saber que vai ficar sem ele, confessando à	<b>mãe</b> , que se indigna com a reacção da filha
quantidade pela porta do palacete, em que a	<b>mãe</b> ..." - e ela pela porta fora. Sandra crescera
é possível compatibilizar interesses da	<b>mãe</b> daquelas. A última cena em particular com
Santos Pereira sendo conjugação de pai e	<b>mãe</b> que o adora, partiu-me o coração de ver
prestadores de serviços na investigação enquanto a	<b>mãe</b> engordava contente, esperançada com a ideia
não podia ser boa rês, e, teimosa como a	<b>mãe</b> Natura com necessidades humanas. E, se
e que os meus netos tenham juntos pai e	<b>mãe</b> . Na certidão de nascimento um mangas-de-alpaca
??? </p><p> . pretenderia passar para as "	<b>mãe</b> preparava um jantar de grelhados, dá que
nossa sociedade não dá. Assim quando "uma	<b>mãe</b> , só aquele lhe serviu para casar. Agora
como é o caso de Cláudia Vieira, que foi	<b>mãe</b> !... Ah carago!, nesta do veleiro para a
passava a atender sempre as chamadas da	<b>mães</b> " mais recentes, algumas dicas e esclarecimentos
aos catorze anos. Espigadota, apetitosa, a	<b>mãe</b> " tem uma dificuldade, seja ela qual fôr
poderosas e as outras. Mas famílias. Pai,	<b>mãe</b> há menos de um ano) e, depois, uma segunda
macho. Da mulher a possibilidade de ser	<b>mãe</b> . "127 Hours" é um filme impressionante
"estavam a pedi-las!" Frequentemente, a	<b>mãe</b> viu nela rentável destino - entregá-la
mesmo quando me lavou a cabeça. Lembra-se da	<b>mãe</b> e filhos, ascendentes e descendentes, todos
diria? Uma menina bem-nascida, educada,	<b>mãe</b> e pai de meninas, por não possuir o gene
congénitas existem mas são raras. Nenhuma	<b>mãe</b> abandona a profissão para cuidar das crianças
palavra... Simplicidade. </p><p> Para o Dia da	<b>mãe</b> ? Uma senhora muito fina. As nossas famílias
sugestões. Para comover o coração da sua	<b>mãe</b> de três filhos... A verdade é que nunca
apartamento. Num prédio vizinho, uma	<b>mãe</b> quer pensar na ideia de que o seu bebé
mulher,	<b>mãe</b> , que se está a aproximar, a Xen tem excelentes
de Sucesso. </p><p> Ora viva gente, a minha	<b>mãe</b> , recorra às pérolas. Intemporais, clássicas
não querer porque quero um livre a minha	<b>mãe</b> de dois filhos, verifica que, da mesma
informação errada porque afinal a minha	<b>mãe</b> comprou-me um telemovel que não devia,
digo meke isto ficou xD PS: deda a minha	<b>mãe</b> é que não sabe o que faz lol. O que queria
comprar outro, mas no entretanto disse à	<b>mãe</b> ainda não tinha recebido o bonus de carregamento
minhã	<b>mãe</b> comprou o telemovel a dinheiro, o Meu telemovel
em casa para o que fosse preciso. A minha	<b>mãe</b> para se ir mentalizando que devia haver
deteriorarem ou perecerem rapidamente; </p><p> A	<b>mãe</b> não vai de modos e compra um telemovel
colégio, no liceu, no curso. Mulher perfeita.	<b>mãe</b> nao comprou o tlm por a net foi a dinheiro
esperança? Tinha planeado agradecimentos à	<b>mãe</b> dedicada. Profissional competente. Com
magote nas escolas. Muitos. Mais que as	<b>mãe</b> , às avós, às tias, enfim às matriarcas
também é bom..." dispensando o "...a minha	<b>mães</b> , infelizmente, dado os passamentos de algumas
	<b>mãe</b> gosta de tomar banho primeiro." Eles, após

Chamemos-lhes Alda e Cláudia. Alda, a futura	<b>mãe</b>	, aproxima-se dos lugares e faz sinal timidamente
<b>mãe</b>		, agentes, fornecedores de serviços de rede
empresas associadas, subsidiárias, empresas	<b>mãe</b>	, agentes, fornecedores de serviços de rede
empresas associadas, subsidiárias, empresas	<b>mãe</b>	, agentes, fornecedores de serviços de rede
empresas associadas, subsidiárias, empresas	<b>mãe</b>	, agentes, fornecedores de serviços de rede
empresas associadas, subsidiárias, empresas	<b>mãe</b>	, agentes, fornecedores de serviços de rede
somente uns meses de idade, dos braços da	<b>mãe</b>	, antes de esmagar a sua cabeça contra um
cérebro do bebé explodiu contra a madeira. A	<b>mãe</b>	ficou louca. Escrevo isto como se não fosse
vestia uma farda impecável que talvez a	<b>mãe</b>	lhe tenha passado a ferro, de madrugada
por Argel, a caminho do Brasil, de onde a	<b>mãe</b>	regressaria a Lisboa, em 1972, para ser
cima no dia 17 de Abril de 1975. A minha	<b>mãe</b>	deu um jantar lá em casa para uns amigos
estávamos super ansiosos pela chegada da	<b>mãe</b>	[Maria Antónia Fiadeiro], que vinha do
minha	<b>mãe</b>	lá dentro. Mas desta vez o elevador estava
normalmente vinha de baixo, com a minha	<b>mãe</b>	. A partir daqui as coisas ganham uma
tinha acabado de ser chamado pela minha	<b>mãe</b>	velocidade
romances; o pai viajante e viciado no jogo; a	<b>mãe</b>	entregue à "disciplina das emoções"; as
experiência singular de uma menina que vive	<b>mãe</b>	, numa terra remota, aguardando notícias
com a	<b>mãe</b>	" e ser visto como um verdadeiro membro
exagerado no relato para impressionar a "casa	<b>mãe</b>	e o mano, mariscada com o pai, mergulho
manhã de Segunda, que incluíra jantar com a	<b>mãe</b>	. <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> Separador <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> Do sangue
da ferrovia gaulesa Mas não de todas as	<b>mães</b>	aprisionado
de semana prolongado, aniversário, Dia da	<b>mãe</b>	, do Pai ou do periquito. Escasso é um sim
sacanices em resma, os filhos de olhar fixo na	<b>mãe</b>	, não esteja, a seco, chorando. Porque isto
filhos e os netos... Merece tudo, ela. Boa	<b>mãe</b>	e companheira! Lembrou-a, mão na mão, ao
regras. Júbilo dos pais, ponho em dúvida, da	<b>mãe</b>	é mais que certo ou não a cortassem ainda
filha - "Pega-lhe, anda, é a tua filha!" E a	<b>mãe</b>	fez a vontade à sua mãe que lhe garantia
tua filha!" E a mãe fez a vontade à sua	<b>mãe</b>	que lhe garantia o sustento, mais ao dodivanas
pai insidioso e da fragilidade mental da	<b>mãe</b>	." Ou de "coincidências perversas", et cetera
próximos (o pai, os irmãos mais novos, a	<b>mãe</b>	) e mergulha num delírio em que reencontra
contaminados pelo mesmo. <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> Uma	<b>mãe</b>	fuma tem uma probabilidade acrescida em
criança cuja	<b>mãe</b>	grávida a fumar ou um pai que fuma e tem
também o que não consigo perceber é uma	<b>mãe</b>	irresponsabilidade de certas pessoas, como
irresponsabilidade de certas pessoas, como	<b>mães</b>	fumadoras grávidas e outras que tais...
nacionalidade brasileira, visto que a minha	<b>mãe</b>	é brasileira. Quem sabe... <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> Fica bem
Tenho um nível de vida discreto. A minha	<b>mãe</b>	herdou no Brasil parte da nossa sociedade
Recentemente visitei o Brasil, pátria de	<b>mãe</b>	, onde, em Brasília, tive a feliz oportunidade
minha	<b>mãe</b>	! <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> dezembro 13,
conversas, com calor. Anda! A Terra é nossa	<b>mãe</b>	2005 <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> Queremos
expressão pelo Parlamento	<b>mãe</b>	de Fariñas, Alicia Hernandez, contou ao
Europeu. <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> A	<b>mãe</b>	. Quantas confissões pode ter uma mulher
cidadã com documentos, cidadã sem	<b>mãe</b>	documentos,
Mama Precisa Donos Zona	<b>mãe</b>	e os seus bebés precisam de um lar. Ainda
Lisboa <b>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</b> Esta	<b>mãe</b>	é muito meiguinha e é de porte pequeno/
que comam sozinhos podem ser adoptados. A	<b>mãe</b>	vinda da Rússia e o meu pai vindo da Turquia
da criação do Estado de Israel, a minha	<b>mãe</b>	, sempre ela foi minha confidente em tudo
acordei tomei café da manhã com a minha	<b>mãe</b>	, eu responde para ele que eu queria sim
ele me perguntou se eu queria muito ser	<b>mãe</b>	

eu tinha direito de saber o que era ser	<b>mãe</b>	, fiquei tão feliz por saber que ele já
de Belém cidade onde eu morava com minha	<b>mãe</b>	e viajamos ate Belo Horizonte para passei
para passei o final de semana com minha	<b>mãe</b>	e minha tia por que ficava mais próximo
de São Paulo onde morava o meu amor,minha	<b>mãe</b>	ficou com minha tia, dia 15 de Julho fui
voltei para Belo Horizonte falei para minha	<b>mãe</b>	e minha tia que ia em Belém somente para
ajudam a prevenir a transmissão dp VIH de	<b>mãe</b>	para filho. </p><p> ... 33,2 milhões de pessoas
casa para voltar </p><p> "De noite, a minha	<b>mãe</b>	correu todas as casas e disse que de na
impingiram-me esta pérola: "Benilde ou a	<b>mãe</b>	". Uma verdadeira reflexão sobre o estado
Virgem		
papéis tradicionais (os de esposas e de	<b>mães</b>	). </p><p> Florence terá dado sobretudo à
espera do Hospital Militar de Lisboa. A	<b>mãe</b>	, Adalgisa, estava no casamento de uns primos
com a mulher à esquerda do homem. </p><p>	<b>mãe</b>	da noiva e pai do noivo </p><p> Após a entrada
o corredor ficar livre e então entram a	<b>mãe</b>	da noiva de braços dados com o pai do noivo
noiva de braços dados com o pai do noivo. A	<b>mãe</b>	da noiva também fica à esquerda do pai
esquerda do pai do noivo. </p><p> Noivo e	<b>mãe</b>	</p><p> Entram então o noivo de braços dados
sua	<b>mãe</b>	, de novo, com sua mãe do lado esquerdo.
então o noivo de braços dados com a sua	<b>mãe</b>	do lado esquerdo. Convém também esperar
braços dados com a sua mãe, de novo, com	<b>mãe</b>	do lado esquerdo. Convém também esperar
sua		
corredor fique livre antes de entrar com sua	<b>mãe</b>	. </p><p> Damas </p><p> Entram antes da
explorar o mundo à hora da sesta. Quando a	<b>mãe</b>	noiva
registado, mas tenho o registo do pai (a	<b>mãe</b>	os deita e fecha a porta do quarto, a cama
lado, mas hoje fui jantar a casa da minha	<b>mãe</b>	não estava registada). É lindo como podem
que no país onde nasci (Portugal), a minha	<b>mãe</b>	e digo-vos que fiquei muito impressionado
bolseiros, trabalhadores-estudantes,	<b>mãe</b>	não pode cultivar a terra no domingo pois
estudantes,	<b>mães</b>	, pais e filhos de Portugal!". </p><p> "Estávamos
crítica literária. Atualmente estou lendo "A	<b>mãe</b>	de sua mãe e suas Filhas" (Editora Globo
literária. Atualmente estou lendo "A mãe de	<b>mãe</b>	e suas Filhas" (Editora Globo), de Maria
sua		
alimentam-se do amor e da felicidade das	<b>mães</b>	. Ajudei a criar o mundo durante nove meses
perde combate atrás de penoso combate. A	<b>mãe</b>	de Dicky e Micky, Alice (Melissa Leo),
sobressaltado pelas reacções emocionais da	<b>mãe</b>	) fizesse a previsão minuciosa do que seria
educação deles, Belgrado cada vez mais	<b>mãe</b>	e irmã cada vez mais longe, um labrador
longe,		
." </p><p> Dina Góis é proprietária, com a	<b>mãe</b>	e o irmão, do café do Virgílio. É militante
Álvaro Cunhal teve uma filha única, Ana (a	<b>mãe</b>	foi a sua companheira de exílio Isaura
como preceptora de sete crianças, órfãs de	<b>mãe</b>	, na casa de um severo capitão da marinha
tudo, cresceu envolta na aprendizagem que a	<b>mãe</b>	lhe transmitia, especialmente quando não
se igualar a uma mulher experiente como a	<b>mãe</b>	, uma mulher atordoada pelo sexo, iludida
independente na vida. Também a Rita, como	<b>mãe</b>	, é uma mulher que possui uma fraqueza crónica
a		
em insegurança e ingenuidade. Tal como a	<b>mãe</b>	e todas as putas que contribuíram com a
cada etapa da sua vida. E depois temos a	<b>mãe</b>	, a bela senhora que gravitava num sistema
o retrato duma futura prostituta. Mas a	<b>mãe</b>	nunca reconheceu na filha uma parceira
conta, nem nunca lhe deu essa importância.	<b>mãe</b>	ignorava-a. Puramente esquecia-se dela,
A		
sentia-se desorientada, sentia-se como uma	<b>mãe</b>	enganada, inquieta e ultrapassada,
impusesse à filha. E a Rita a velar pela	<b>mãe</b>	especialmente
é que tens? Porque não te levantas?" E a	<b>mãe</b>	durante o dia, a suspirar, a revoltar-se
	<b>mãe</b>	afundada na cama, mirrada debaixo dos lençóis

ritmo desesperado. "Aconteceu alguma coisa,	<b>mãe</b>	? Porque estás a chorar?" O descontrolo
dar-lhe resposta, e ela a insistir com a	<b>mãe</b>	: "Diz-me o que estás a sentir, mãe. Fala
com a mãe: "Diz-me o que estás a sentir,	<b>mãe</b>	. Fala comigo." A mãe a fazer um esforço
que estás a sentir, mãe. Fala comigo." A	<b>mãe</b>	a fazer um esforço para estancar os soluços
mas não me digas nada." E a conversa entre	<b>mãe</b>	e filha a ficar por ali, a não se elevar
lixando para as dores de psiquiatria da	<b>mãe</b>	. Era um hábito. A figura da mãe rendida
psiquiatria da mãe. Era um hábito. A figura	<b>mãe</b>	rendida à tristeza tornara-se um caso de
da		
para testar o poder da sua influência. A	<b>mãe</b>	tinha esse hábito. As duas ficavam prisioneiras
duas ficavam prisioneiras uma da outra; a	<b>mãe</b>	pelo silêncio, e a filha pela contemplação
filha pela contemplação. A preocupação da	<b>mãe</b>	pela filha e vice-versa surgiam destes
duas. Por exemplo, a Rita intuía a vida da	<b>mãe</b>	da mesma forma que a mãe adivinhava o futuro
intuía a vida da mãe da mesma forma que a	<b>mãe</b>	adivinhava o futuro da filha. A mãe não
que a mãe adivinhava o futuro da filha. A	<b>mãe</b>	não fazia a mínima ideia das experiências
da sua terra, a Argélia, três irmãos e a	<b>mãe</b>	separam-se. Messaoud alista-se no exército
destino dos três, selado pelo amor de uma	<b>mãe</b>	, enreda-se inexoravelmente no de uma nação
cuidar. O pai é um labrador preto, puro e a	<b>mãe</b>	é arraçada de labrador. A cadelinha é preta
, caça aos esquilos, enfermeiros, pais e	<b>mães</b>	. Sem obstáculos ou artificios, mergulhamos
que essa família representa. Falaste com a	<b>mãe</b>	da Rita e sabes como é. Ficaste a conhecê-la
Aquela casa e todas as casas por onde a	<b>mãe</b>	da Rita passou transformaram-se sempre
ser acariciada tanto por putas amigas da	<b>mãe</b>	que passavam por lá em horários incertos
e os sapatos nas mãos. No tempo em que a	<b>mãe</b>	sentia dificuldades, no princípio da sua
oferecido por uma instituição de apoio a	<b>mães</b>	solteiras, tudo dado amargamente por uma
com os pais para nada. Em alguns casos as	<b>mães</b>	delas também fizeram o mesmo, tinham uma
dos seus próprios actos. A Rita odeia a	<b>mãe</b>	e odeia o amor da mãe. Odeia profusamente
actos. A Rita odeia a mãe e odeia o amor da	<b>mãe</b>	. Odeia profusamente o que a mãe reflecte
amor da mãe. Odeia profusamente o que a	<b>mãe</b>	reflecte nela mesma, o que ela vê na mãe
mãe reflecte nela mesma, o que ela vê na	<b>mãe</b>	e que depois copia como uma boa atitude
inserida nos hábitos e nos comportamentos da	<b>mãe</b>	que chega a odiar-se por isso. Culpa-se
uma parte da Rita que não quer ser como a	<b>mãe</b>	, há um sentimento nela que a rejeita como
sentimento nela que a rejeita como se a	<b>mãe</b>	fosse um foco de contaminação. E a Rita
a Rita sabe que é muito fácil ser como a	<b>mãe</b>	, uma vez que conhece todas as regras da
transformadas em casas de passe. Locais	<b>mãe</b>	da Rita trabalhou, a mãe num quarto e a
onde a		
. Locais onde a mãe da Rita trabalhou, a	<b>mãe</b>	num quarto e a filha noutro. A mãe no seu
trabalhou, a mãe num quarto e a filha	<b>mãe</b>	no seu exercício de sobrevivência, estendida
noutro. A		
gatinhar pela casa. Mas no princípio, quando	<b>mãe</b>	da Rita não estava familiarizada com a
a		
serviços prestados como forma de	<b>mãe</b>	e filha no mesmo quarto, mãe e filha na
pagamento;	<b>mãe</b>	e filha na mesma cama, os gemidos de uma
pagamento; mãe e filha no mesmo quarto,	<b>mãe</b>	recolhia-a na cama, deitando-a debaixo
desumano, estendia os bracitos pequenos e a	<b>mãe</b>	e os semelhantes representam os papéis
negociações do casamento. Do lado do noivo	<b>mãe</b>	
a		
oferecem arroz e galinha especialmente à	<b>mãe</b>	da noiva, isto significa um reconhecimento
significa um reconhecimento pelo fato da	<b>mãe</b>	ter amamentado a filha. Mais tarde haverá
vídeo nacional: desta vez é a "Carta da	<b>mãe</b>	Natureza" do Tranquilo . - E, logo a seguir

acertar na direcção que leva ao rosto de minha	<b>mãe</b>	? Como esperar que se não percam as palavras
variação quando começou aos berros. A tonta da	<b>mãe</b>	foi lesta a levar a criança para zonas
Baixa da Banheira foi operada ao coração e a	<b>mãe</b>	participou para lhe dar uma prenda muito
cerca de 77 milhões de pessoas como língua	<b>mãe</b>	e por 128 milhões, se incluirmos os que
facto da avó do cunhado da tia da minha	<b>mãe</b>	ter ficado imortalizada, em 1955, na capa
mate para protecção. Recentemente a minha	<b>mãe</b>	sugeriu colocar cera solida, no entanto
confrontado com a revelação, enquanto a	<b>mãe</b>	, no sofá, se contorcia com afrontamentos
eu sei que ontem já levaste a Uzi da tua	<b>mãe</b>	...Não, não é nada a vez da tua irmã, que
lançamento seu (dela) primeiro cd quando	<b>mãe</b>	j vivia na california </p><p> cinco tem ouvintes
histórias em quadrinhos (banda desenhada) onde a	<b>mãe</b>	e o pai podem compreender perfeitamente
melhor sustento para a numerosa família. A	<b>mãe</b>	, Rosalina Lyon de Castro, era filha de
conseguiu chegar porque foi abatido. A minha	<b>mãe</b>	veio ter comigo e conseguimos fugir, e
estava na mesquita a fazer as suas orações. A	<b>mãe</b>	a ordenhar e o irmão preparava-se para
das chuvas, Noreldin dorme junto ao pai, à	<b>mãe</b>	, a uma tia e dois primos. "Estou muito
funcionalidades da TDT. </p><p> valterhugo	<b>mãe</b>	nasceu em Angola, Saurimo, em 1971. Passou
do corpo, sobre a poesia de valterhugo	<b>mãe</b>	, seguido de uma antologia", de Rui Lage
nos seus livros. Casada pela quinta vez e	<b>mãe</b>	de nove filhos, viveu períodos de agitação
dessa carta "escrita" por um feto abortado à	<b>mãe</b>	contam-se as seguintes: </p><p> "Querida
drama dos outros. Lembro-me vivamente	<b>mãe</b>	da Damaia que teve gémeos que tiveram de
duma	<b>mãe</b>	, lembro-me do facto dela não ter dinheiro
no Santa Maria. Lembro-me do aspecto da	<b>mãe</b>	": " (...) E um dia, quando estava tão feliz
os seus pais, intitulada "Carta à minha	<b>mãe</b>	fosse capaz de matar o seu filho quando
(...). Como poderia eu imaginar que uma	<b>mãe</b>	? Porque são duas dalias diferentes. </p>
disse-me: e dália rima com dália! Sabes	<b>mãe</b>	pré-definidos e em tudo aquilo que passa de
porque,	<b>mãe</b>	e pai para os filhos. A eternidade não
sonolenta </p><p> (ontem, ao	<b>mãe</b>	, sabes que o muito nunca pode ser
deitar) </p><p>	<b>mãe</b>	completamente
...) ...E sabes qual é o número do meio,	<b>mãe</b>	? ... O número do meio é o zero, mãe. Não
meio, mãe? ... O número do meio é o zero,	<b>mãe</b>	. Não vês?, o zero é o único número que
facilitando a saída da nossa angústia	<b>mães</b>	inexperientes recebem sempre com alívio
particular.	<b>mãe</b>	e um padrasto polaco que o perfilhou e
tenra idade para a Polónia onde viveu com a	<b>mãe</b>	, Úrsula Machado, quatro, mas as torturas
pai, José Pulquério, ficou preso e a minha	<b>mãe</b>	, Sara (Sadie) Fagan, apenas 13. </p><p> Foi
Clarence Holiday, tinha 15 anos de idade; a	<b>mãe</b>	. Nesse ano rebentava em Wall Street a Grande
<p> Em 1929 mudou-se para Nova Iorque com	<b>mãe</b>	e esposa se transformou num pesado vazio
a	<b>mãe</b>	comem, o filho aparece trazendo nos braços
mulheres e ela sente que o seu papel de	<b>mãe</b>	é caniche e o pai é rafeiro.. </p><p> Outros
17' Durante o jantar, enquanto o pai e a	<b>mãe</b>	bem atentada, Um porto tão quieto e tão
de cor preto e branco a quem o estimar.a	<b>mãe</b>	de um casal - o menino com 13 anos e a
Junto da nova Lusitânia ordena A Natureza,	<b>mãe</b>	, exige ao rei Herodes a cabeça de São João
textos de Philip Roth. </p><p> Sou casada,	<b>mãe</b>	de todos os erros, é claro. Quantas vezes
da bailarina Salomé que, por conselho da	<b>mãe</b>	eslovena, Peter Handke, esteve presente
convencido da originalidade desta ideia foi a	<b>mãe</b>	, escrevia: "Naqueles dias uterinos, gordurosos
desta "Natureza": "O escritor austríaco, de	<b>mãe</b>	do noivo (a maior parte das vezes sem qualquer
quatro dias, num post sobre o aniversário da	<b>mãe</b>	de uma criança de 3 anos. Sou responsável
que o pai da noiva beije violentamente a	<b>mãe</b>	
Dezembro 15 Sou formada em Psicologia e	<b>mãe</b>	
sou	<b>mãe</b>	

<p> Livros - Revistas - Tábua - Fevereiro 7	<b>mãe</b>	e filha. Estranhas, separadas, rancorosas
<p> Livros - Revistas - Tábua - Janeiro 26	<b>mãe</b>	, esposa, mulher. Elizabeth casou cedo,
como um jantar ou uma festa de anos. Sou	<b>mãe</b>	de um menino de 19 meses e... </p><p> Babá
21 anos, sempre adorei crianças, a minha	<b>mãe</b>	também ja tomou conta de bebes e eu sempre
fanfarra, os foguetes e romarias, os choros de	<b>mães</b>	e pais emocionados com esta maravilhosa
aproveita a oportunidade para manipular a	<b>mãe</b>	. Nas despedidas até brinda Inês com um
mais de quatrocentos mil desempregados, as	<b>mães</b>	que, cada vez mais têm os seus filhos nas
que passara por aquelas redondezas, mas a	<b>mãe</b>	nunca revelou quem era o pai. De vez em
vez em quando ia com elas, quando a minha	<b>mãe</b>	tinha que ir a algum lado sem mim. </p><p>
para a escola secundária, ela emigrou com a	<b>mãe</b>	para França. Perdi a minha amiga predilecta
Portugal. </p><p> Fui sabendo notícias pela	<b>mãe</b>	, ao mesmo tempo que as nossas vidas iam
minha	<b>mãe</b>	a confeccionar roupa para criança, para
restaurante em Chaves, a Romana, a minha	<b>mãe</b>	adormece (foi o que explicou a Sra. Enfermeira
maca, vamos descer o elevador. Depois a	<b>mãe</b>	. Já estou pronto, escusas de acordar. Não
descobertas. Muita ternura. </p><p> "Vou-me	<b>mãe</b>	embora,
bolo." "Não há um beijinho?" "Toma lá dois,	<b>mãe</b>	Zabel. Mas não te habitues mal, é só porque
ir a Idanha-a-Nova	<b>mãe</b>	, não percebo porque é que tu podes contrariar-me
. </p><p> DIÁLOGO </p><p>	<b>mãe</b>	, se é uma questão de títulos, mãe / Filho
portas e a ser mal educado. </p><p> Olha,	<b>mãe</b>	/ Filho , devo dizer-te que nós nos formámos
<p> Olha, mãe, se é uma questão de títulos,	<b>mãe</b>	da Maria do Céu. E, queres saber? Soube
Hospital de Santarém. Por momentos, senti-	<b>mãe</b>	me a
de rastos e tu também deves estar que a	<b>mãe</b>	quase que nem te sente. Creio que hoje
o que se passa na cabeça e no coração da	<b>mãe</b>	. Um dia, quando fores maior, e estivermos
longe, a janela onde te trazia a passear, a	<b>mãe</b>	tentará contar-te um pouquinho do que se
quartéis...não sabes o que é um quartel? A	<b>mãe</b>	depois explica, mas não te preocupes que
espera dum bebé cigano que vai nascer. A	<b>mãe</b>	está na sala onde os bebés nascem, o pai
todas à espera que o menino (ou menina, a	<b>mãe</b>	não perguntou) nasça. Aqui, no hospital
menino que lá está dentro da barriga da	<b>mãe</b>	saber que tem tanta gente à espera. Espero
que tem tanta gente à espera. Espero que	<b>mãe</b>	não se tenha esquecido de o avisar, e que
disse que o médico amanhã vai falar com a	<b>mãe</b>	, mas que não deve cá estar na Segunda Feira
desgostava de dormir um bocadinho. Faz	<b>mãe</b>	, pensa que só faltam 4 dias. O sono vai
como a	<b>mãe</b>	o baptizou de "Xico" e uma tremenda
foi durante o pós-operatório, que a minha	<b>mãe</b>	responsabilidade
qualquer coisa, talvez um jogo. Mas a minha	<b>mãe</b>	disse logo: Mas isso é para os meninos
das refeições. Fomos fazer um novo CTG e a	<b>mãe</b>	acha que tu já acompanhas a música, com
planície. Do outro lado vê-se a terra da	<b>mãe</b>	e dos avós. Ontem, um amigo trouxe um livro
que não custasse muito a pergunta que, a	<b>mãe</b>	sabia, um dia viria. "Nunca tem visita
tinha estado ontem, veio buscar os dois.	<b>mãe</b>	e filho. Cerca de uma hora depois, ela
tinha acontecido alguma coisa ao menino. "A	<b>mãe</b>	deu-o para adopção, e já foi para casa"
sair do quarto para almoçar , meu amor. A	<b>mãe</b>	precisa de aproveitar o caminho para o
um mundo em que as pessoas olhem. Ajuda a	<b>mãe</b>	a fazer um Mundo em que as pessoas olhem
jantar de família, pergunta o meu pai à	<b>mãe</b>	, olha lá, aquele fulano do jornal que queria
minha	<b>mãe</b>	entender o seu filho? Depois de andarmos
educação infantil! UMA MÁQUINA!!!! Para	<b>mãe</b>	uma
absolutamente nada, que substitua a	<b>mãe</b>	- bebé. É uma aprendizagem lenta e mútua
comunicação	<b>mãe</b>	quer o filho devem "aprender a comunicar
dizer que tudo implica esforço, e quer a	<b>mãe</b>	

bordados em dois pequenos panos de tabuleiro. A	<b>mãe</b>	tentará ensinar-te isso. Às vezes fico
definitivamente, não deste "a volta". Meu amor, a	<b>mãe</b>	deve dizer-te que, apesar disso significar
estar comodamente sentado no barriguinha da	<b>mãe</b>	por andar de pernas para o ar? O Doutor
mantenha em níveis aceitáveis. Promessa de	<b>mãe</b>	. Olha, serinho da mãe, vem aí a Sra. Enfermeira
aceitáveis. Promessa de mãe. Olha, serinho da	<b>mãe</b>	, vem aí a Sra. Enfermeira com a chávina
uma viagem aos pais (de comboio, porque a	<b>mãe</b>	sai à filha, e eu não quero ficar sem mãe
mãe sai à filha, e eu não quero ficar sem	<b>mãe</b>	) com estadia de um mês em Paris, para matar
peessoas no quarto. E ainda os 3 bebés e as	<b>mães</b>	e nós...quase que não podíamos respirar
fim-de-semana, só nós estivemos sozinhos, mas a	<b>mãe</b>	sentiu que te fartaste de mexer. Obrigado
a primeira coisa que me lembrei. <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> A	<b>mãe</b>	, hoje, não está a falar muito contigo,
hipótese. Nem pensar, disse hoje. Serinho da	<b>mãe</b>	, vamos ter que gramar um fim-de-semana
que ele não a deixava dormir...??? Estas	<b>mães</b>	...". Juro, João Pedro, para além de ti
primeira pessoa que se dirigiu a mim, dizendo	<b>mãe</b>	. Fiquei toda orgulhosa e acho que tu também
ideia. Sei que se chama assim. Deitaram a	<b>mãe</b>	numa cama e ligaram a minha barriga a uma
tensão alta na gravidez é gravíssimo. Para a	<b>mãe</b>	e para o bebé. É necessário muito cuidado
e mudares o tal pezinho, para deixares a	<b>mãe</b>	tentar dormir??? E a visita das sete? Olha
de rara beleza <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Irmão mais velho: -	<b>mãe</b>	, já sei quem me gamou o gameboyadvance
pároco explica que uma criança no ventre da	<b>mãe</b>	"não se pode defender" de qualquer agressão
instalações com bons professores. A sua	<b>mãe</b>	, que já não era nova tinha de ser tratada
filho bebé tinha ficado em casa cuidado pela	<b>mãe</b>	, ou por ele, durante o seu primeiro ano
o seu primeiro ano de vida, recebendo a	<b>mãe</b>	o seu salário. Agora estava num excelente
gostava), papaia, mamão e manga (que a	<b>mãe</b>	insistia em fazer passar por pêssego, para
minha		
conclusão, eu depois, digovos. <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Filhos e	<b>mães</b>	<code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Quando li ontem a carta do João Pedro
signos é o contraste entre a força de uma	<b>mãe</b>	"touro" com a sensibilidade de um filho
publicado com autorização do próprio: <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code>	<b>mãe</b>	Isabel <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Desculpa lá o atraso, mas
que o meu futuro depende disso, mas não há	<b>mães</b>	perfeitas, paciência. <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Também gosto
aquilo de Domingo, foi chato passar o Dia da	<b>mãe</b>	, zangado contigo, mas também quem é que
terças feiras, um amigo do meu filho. A	<b>mãe</b>	do rapaz tem uma pequena quinta onde cultiva
gosta muito dos meus cozinhados. Quando fui	<b>mãe</b>	passei a olhar a minha mãe de outra maneira
cozinhados. Quando fui mãe passei a olhar a	<b>mãe</b>	de outra maneira. No dia da mãe penso mais
minha		
a minha mãe de outra maneira. No dia da	<b>mãe</b>	penso mais nela do que em mim e, quando
nela do que em mim e, quando me penso	<b>mãe</b>	, penso sobretudo nos meus filhos. Talvez
como		
...). Noutro dia, conversando com a minha	<b>mãe</b>	sobre um menino que conheço, que foi posto
que conheço, que foi posto de lado pela	<b>mãe</b>	numa nova relação (com outro filho) e,
avós, o meu filho concluiu, acerca da minha	<b>mãe</b>	: "não sei, mãe, a tua mãe é diferente;
concluiu, acerca da minha mãe: "não sei,	<b>mãe</b>	, a tua mãe é diferente; é que ela é tão
acerca da minha mãe: "não sei, mãe, a tua	<b>mãe</b>	é diferente; é que ela é tão igual a ti
que não é bem uma avó, é como uma segunda	<b>mãe</b>	!" <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> mãe <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Mesmo nas alturas em
uma avó, é como uma segunda	<b>mãe</b>	<code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Mesmo nas alturas em que não me
mãe!" <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code>	<b>mãe</b>	compreendeste
como deve ser. Foi e é assim que nos vejo,	<b>mãe</b>	. <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> 1o de Maio de 1974 <code>&lt;/p&gt;&lt;p&gt;</code> Devo
		estar

que se vai ouvindo assim é. </p><p> Dia da	mãe	Trabalhadora </p><p> Sim senhora! Ora cá
temos um belo de um pleonasma. Mas há alguma	mãe	que não seja trabalhadora? (não me habituo
rapidamente cumpridas; os decotes abertos de	mães	e filhas, arregimentadas para o calor na
fonética a poesia! </p><p> Eles só não são boas	mães	porque são bons pais! </p><p> março 19, 2007
houver burkas, mulheres a pedir, crianças com	mães	desprotegidas, faz todo o sentido haver
ferro, a sala de estar e de costura da minha	mãe	, e um lavatório. Na outra divisão era a
artista toca de dar duas lambadas bem dadas à	mãe	e seguir para sul à procura de infieis
Vasquinho! O Vasquinho, como era tratado pela	mãe	e colegas da primária, foi um grande navegador
ser o do meu padrinho e quero agradecer à	mãe	Bilhas o facto de não ser conhecido pelos
um pouco pornográfico, não acham? A minha	mãe	é que fica um pouco à nora, porque Salazar
para melhores portugueses de todos o Pai e	mãe	Bilhas. Afinal que outros portugueses poderiam
calendário e/ou no parceiro; 2) para agradecer à	mãe	ou aos avós; 3) para arreliar a sogra,
calculado que um bebé de colo exposto a	mãe	fumadora de um maço de cigarros por dia
Daniel Oliveira escreve que "Deixar de fora	mães	sós e casais homossexuais é fazer da
disponibilizada pelo Estado) servir também	mães	solteiras e casais de lésbicas com problemas
. Sem mais rodeios, uma criança filha de	mãe	solteira está em desigualdade face a um
precisa de um pai (de um homem) e de uma	mãe	(de uma mulher), algo que a opinião pública
que motivo então esta discriminação das	mães	solteiras e dos casais de lésbicas? Que
aborto. Dizem eles que não conhecem nenhuma	mãe	que se tivesse arrependido de ter uma criança
do Olimpo, as Musas canónicas saem mais à	mãe	, Mnemosine, deusa da memória. De outra
evocar uma musa como quem chama por sua	mãe	. É por isso que sou de esquerda. O Estado
que andam por aí, prefira que seja a minha	mãe	a fazer o reparo, mesmo quando a palavra
). </p><p> Bem, um dia um novo namorado da	mãe	levou-o a pedir os tais dois sabores, mas
Lisboa (26 anos, e uma hora depois de a	mãe	ter nascido... Está a imaginar uma casa
minha		
do aleitamento materno para o bebé e para	mãe	; o leite materno, é o alimento mais completo
materno, é o alimento mais completo que	mãe	pode oferecer ao seu filho. O leite materno
uma		
o seu desenvolvimento. Elas são filhas,	mães	, trabalhadoras, educadoras, gestoras, entre
da copa, agora deu-me para imitar a minha	mãe	!! </p><p> O LIVRO DOS BONS PRINCÍPIOS </p>
nascida a 24-04-2009 (prontos a sair), a	mãe	é originaria da Casa das Babas e o Pai
homossexual, trata-se de se assumir, para a	mãe	são vinte anos de casamento, que são postos
absolutamente ausentes, filhos homossexuais,	mães	tristes ou pateticamente dedicadas... e
como exemplo de Duplo Vínculo o caso de uma	mãe	que oferece no Natal duas camisas ao seu
usa (va) uma das camisas oferecidas pela	mãe	, ao que a mãe lhe pergunta: "Então filho
das camisas oferecidas pela mãe, ao que a	mãe	lhe pergunta: "Então filho? Não gostaste
passava a maior parte do tempo com a sua	mãe	, uma contadora de histórias incansável
via um, talvez desde o tempo em que a sua	mãe	comprava tecidos no Sr. Manel dos tecidos
Joaquina Karanova, filha de pai russo e de	mãe	portuguesa. Mas podes chamar-me Quiqui.
estatelado de costas no chão. eu pensei "ai	mãe	! ainda me morre aqui o homem! mas porque
minha		
aí, tinha três clientes que eu adorava.	mãe	e duas filhas, as três bem preenchidas

direita. </p><p> Bem. O que sei é que a	mãe	e a minha tia (elas não são operárias da
certeira em dia de reflexão: onde é que a	mãe	votava porque ela também queria votar nesse
partido. </p><p> A Maria José é prima da	mãe	em grau indeterminado (pelo menos para
a Maria José cá para casa? É que a minha	mãe	é daquelas primas-galinha que raramente
José não queria votar no PS. </p><p> A minha	mãe	lá avançou que cá em casa os mais velhos
sem pudores quanto a voyerismo. Mostra a	mãe	, totalmente desequilibrada - it's a pumpkin
ADENDA : como os pedidos são mais que as	mães	e o SMTP da Netcabo não dá sinais de vida
aço, e o vento, meu amor, o vento, era uma	mãe	empenhada em limpar-me as lágrimas que
ineficácia de um contraceptivo de tanga. A	mãe	, trintona, tentou matar-me duas vezes.
minha		
quiser! </p><p> O que todo o pai e toda a	mãe	deveriam saber sobre a homossexualidade
1979. Atualizado pelas próprias autoras (	mães	de homossexuais) e acrescido de um capítulo
com meu filho de 8 meses. Tenho a minha	mãe	a ajudar me em todo que vive comigo. Fico
Comunidade - Vários - Maia - Janeiro 5 Olá	mãe	de duas meninas de 15 e 5 anos e preciso
sou		
percebi bem, ele levava-o por causa da sua	mãe	. Sejam claros: o seu pai era alcoólico
claros: o seu pai era alcoólico. E a sua	mãe	sabia-o. Portanto, ele utilizava-o. O Senhor
que corria mal era ter que ouvir a minha	mãe	quando chegava a casa. Mais do que uma
tomar um martini e antes do assado da minha	mãe	havia o mar. Haver o mar era então despir-me
houvesse o mar e antes do sermão da minha	mãe	, vinha à tona de nós uma palavra que não
hoje identifico com os assados da minha	mãe	. Recordo ainda a expressão quase sobre-
pequenas, lembro-me vagamente da voz da	mãe	humana
minha		
primeiro plano, uma cena onde	mãe	a falar com os meus irmãos. Lembro-me,
contracenavam		
cigarros" (p.215) ou "cheguei antes da minha	mãe	e filho, uma imagem levemente desfocada
. O desmedido paradoxo como evidência da	mãe	, missa demorada" (p. 216). Livro coloca
Praia de Chesil, McEwan coloca na boca da	mãe	natureza. A tese de que a santa Providência
diário íntimo que escreveu após a morte da	mãe	(Violet) da protagonista (Florence) uma
neste novo Barthes, enquanto 'menino de sua	mãe	, com quem viveu durante seis décadas. Os
há três temporadas. </p><p> As funções da	mãe	'. Seja c... Ler Tudo >> </p><p> Saiu em 2002
sala, era a memória da simplicidade da sua	mãe	estão plenas de afectos e emoções típicas
Buarque. Oh musa do meu canto, oh minha	mãe	. Naquela jarra, ía alternando as flores
da minha adolescência, na terra da minha	mãe	gentil.... Ai esta terra ainda vai cumprir
tornou-se célebre pelo episódio da estalada	mãe	. acordava a meio da manhã, a tempo de comer
na		
afirmar que tudo se deve à sua zanga com a	mãe	D. Teresa e conseqüente fuga para o Sul
Fernandes Fão, grande amador musical, e de	mãe	. Sendo filho de emigrante francês (o seu
Fevereiro de 1937, filho de pai obstetra e	mãe	italiana, foram, de entre todos os irmãos
momento de extrema cumplicidade entre a	mãe	doméstica, neto de "um avô galego chegado
tipos sanguíneos e é por este motivo que as	mãe	e o bebé e é também um tema que envolve
sanguínea. Esse problema surge quando a	mães	têm que ter um cuidado especial com os
Quando se aproxima o dia do parto algumas	mãe	possui o fator sanguíneo Rh negativo e
insegurança e porque não dizer um 'medo' de	mães	tendem a ficar muito ansiosas, não só pelo
ser		
amamentação é quase sempre complexo para	mãe	inexplicável. Saiba que isto é normal e
as	mães	, mas agora com este guia tenho certeza

leia muito para poder aprender sempre. Ser com o vestido de lantejoulas e o porte de ditos públicos	mãe	é uma aprendizagem diferente a cada dia de 3. Eu diria mesmo- se preferirmos uma
Excepcionalmente quando o cão salta excitado por ver a sua " Outro adulto pode segurar no bebé enquanto a	mãe	(retratado na capa do seu mais recente " de novo. Outro adulto pode segurar no
de 55, em Paris. Filho de pai húngaro e para usufruto pleno. A intenção do pai e e a lavandaria (território exclusivo da obra qualquer com o auxílio involuntário da	mãe	e o cão se cumprimentam. Quando todos se de ascendência grega e judaica, estudou
depois de (literalmente) destruída a cave, a a fumar umas ganzas (com cuidado para a pancadas de Molière provenientes do quarto da	mãe	Bilhas era óbvia: podiam ter os meninos
Desperto com um miúdo que chora nos braços da	mãe	Bilhas e onde apenas era permitido guardar do Panchas no transporte dos tijolos para
Costinha? credo!!! e o Maniche? valha-me minha	mãe	Bilhas fez o favor de colocar toda a gente
Quando me elaborei, concebi um pai e uma 2006	mãe	Bilhas não surpreender ninguém), a ouvir
O realejo 7 da manhã. A	mãe	Bilhas. Era o sinal que a noite tinha que
Entretanto, passaram 3 anos. Todos os dias, a sobre a escola. Ele mente, escondendo da personagem principal, Pelagea Vlassova, a nasceu em Paris, França, de pai catalão e Aveiro. De famílias pobres, foi mandada pela transforma-se em provérbio no século XVII (" claro que Cassandra pretendia guarda-se para por contraste, realçar as qualidades da	mãe	, mas ela continua a andar rapidinho, enquanto
), e, apesar de desejar a honra de ser a são expostas no diálogo que mantém com a um escudeiro falido, é surpreendida pela cenas mais cômicas da obra de Gil Vicente. A e graça. Isabel questiona os desejos da lógica é simples e convincente: como quer a seja desejada? Como pode uma moça, cuja a matéria de amor? Como pode uma moça, cuja a liberdade com que a filha expõe suas idéias à domésticas, e questiona: Ao pedir que a	mãe	! ainda bem que o sporting não tem lá nenhum
Entretanto, Gil Vicente termina o diálogo entre a quem a diz é a própria Isabel, e não sua ironia. A frase é uma resposta à afirmação da correndo o risco de ser vendida um dia pela a Creta, Cismena vai dizendo: "Oh	mãe	, esses que tu conheces ou não. Mas também
"Oh mãe de filha perdida! Oh filha de lamentações da filha, às lamentações da Cismena, por conhecer as desventuras da	mãe	já saíra para apanhar o comboio para o
	mãe	sai de casa às 6 da manhã e só volta às
	mãe	o facto de raramente ir lá. Já sabe ler
	mãe	que pega na luta do filho contra a exploração dinamarquesa.
	mãe	Andrew Sullivan (10 para Lisboa, para casa de uns parentes
	mãe	, que coisa é casar? Sofrer, parir e fiar
	mãe	de Jesus porque, afora a honra que lhe
	mãe	de Jesus: A aversão de Sibila não
	mãe	de Jesus, reclama, por outro lado, das
	mãe	no final da peça. Isabel, objeto
	mãe	quando, à noite, este lhe faz a corte debaixo
	mãe	de Isabel, após rogar dezenas de pragas
	mãe	, comparando-os com a própria personalidade
	mãe	que ela seja descontraída, pareça bem a
	mãe	quer culta e inteligente, ser, ao mesmo
	mãe	quer que escute galanteios e que impressione
	mãe	. Seus desejos são: "Ir-se a miúde
	mãe	não se preocupe com ela, pois se sairá
	mãe	e a filha com uma frase que instaura a
	mãe	, deixando-nos entrever uma ponta de ironia
	mãe	que lhe diz que a fará amassar o pão: "
	mãe	de criação. Predizem também que Cismena
	mãe	de filha perdida! Oh filha de mãe prenhada
	mãe	prenhada, sem ventura! Alma sem vida nacida
	mãe	, Rubena. Porém, antes de nos concentrarmos
	mãe	, revelar-se-á mais cuidadosa. Mas isso

que, conhecendo a dramática experiência da	<b>mãe</b>	, guarda-se para o verdadeiro amor, fundamentado
triste no início, sem amparo; sua falsa	<b>mãe</b>	pretenderá vendê-la um dia, mas Cismena
a vieram avisar do projeto da sua falsa	<b>mãe</b>	. Cismena, seguindo as orientações das fadas
segundo já dissemos, a última referência à	<b>mãe</b>	, Rubena. A lembrança da mãe, sem dúvida
referência à mãe, Rubena. A lembrança da	<b>mãe</b>	, sem dúvida, ficará como exemplo a não
atribuída ao desejo inconsciente de vingar a	<b>mãe</b>	, vítima da sedução que a levou à desgraça
homem, como se precisasse primeiro vingar a	<b>mãe</b>	para poder amar. </p><p> O seu objeto de
</p><p> Cismena serve então como antítese	<b>mãe</b>	, que fora infeliz por desafiar as convenções
da	<b>mãe</b>	o elemento de censura e interdição. É assim
Isabel que quer gozar a vida e encontra na	<b>mãe</b>	de Inês a repreende por não ter terminado
interdição. É assim que, voltando da igreja, a	<b>mãe</b>	, ao destacar uma qualidade que julga
lavar um travesseiro: </p><p> O discurso da	<b>mãe</b>	necessária

Evidências do corpus	Freq.
Modelo tradicional	161
Nascimento	117
Mãe como membro da família	19
Mãe modelo não tradicional	11
Fêmea	6
Mãe de criação	5
Mãe que nutre	2
Participação de material genético	1

## ANEXO A – VERBETE MÃE NOS DICIONÁRIOS CONSULTADOS

Verbete *mãe* (Au):

**mãe.** [Do lat. *mater*, 'mãe'.] S. f. 1. Mulher, ou qualquer fêmea, que deu à luz um ou mais filhos. 2. Pessoa muito boa, dedicada, desvelada: [ ] “— Ó piedosa Mulher, Mãe dos Abandonados, / Miserere mei!...” (Gomes Leal, *A Mulher de Luto*, p. 183); [ ] *Pedro é uma mãe para os amigos*. 3. Fig. Fonte, origem, berço: [ ] “A idéia da morte, lembra o poeta Valéry, representa a mola das leis, a mãe das religiões .... o excitante essencial da glória e dos grandes amores” (Carlos Drummond de Andrade, *Passeios na Ilha*, p. 195); [ ] *A Grécia foi a mãe do teatro ocidental*. 4. V. *mãe-do-rio* (1). 5. Madre (9). 6. Bras. Gir. Nos esportes, jogador que, atuando mal, beneficia o adversário. [Posposto a outro substantivo, ao qual se liga ou não por hífen, o voc. tem valor adjetivo: *célula-mãe*, *idéia-mãe*, *nave-mãe*.] ♦ Mãe de aluguel. Mulher que permite que se implante em seu útero um embrião para que nele se processe a gestação de um filho que não ficará com ela. Mãe de Deus. V. *Nossa Senhora* (1). Mãe de família. Mulher casada e com filhos. [Cf. *mãe-de-família*.] Falar na mãe de. Usar de palavras ofensivas à honra da mãe de. Ficar como a mãe de S. Pedro. Não ter onde ficar. *Nossa Mãe*. *Rel.* 1. V. *Nossa Senhora* (1). 2. V. ...

Fonte: Ferreira (2010).

Verbete *mãe* (Hou):

**mãe** s.f. (sXIII) 1 mulher que deu à luz, que cria ou criou um ou mais filhos 2 fêmea de animal que teve crias ou que cuida ou cuidou delas 3 p.ext. pessoa que dispensa cuidados maternos, que protege, que dá assistência a quem precisa <m. dos desvalidos> 4 fig. o que dá origem; causa, fonte <o ódio é a m. das guerras> 5 fig. local onde algo teve origem <a Grécia, m. das artes> 6 m.q. MADRE ('borra de líquido') 7 m.q. MÃE DO RIO ('largura do leito') 8 DESP. B infm. jogador cuja má atuação favorece o adversário 9 m. da mata ETN AMAZ gênio das florestas que dirige a vida da fauna e da flora • m. de aluguel mulher que cede o útero para gestar filho alheio • M. de Deus epíteto da Virgem Maria; Nossa Senhora • m. de família mulher casada que se ocupa da casa e dos filhos • m. de santo REL B nos candomblés, xangôs e em alguns centros de umbanda, mulher sob cuja responsabilidade geral está a direção espiritual e a administração do terreiro, e que responde, em última análise, pelo culto aos orixás; ialorixá • ver uso a seguir • m. do corpo B infm. útero • m. do fogo 1 AMAZ tora de madeira branca que sustenta o fogo por vários dias 2 RS acha grande que mantém o fogo aceso durante uma noite • m. do ouro ETN B gênio que, segundo a tradição, guarda as minas de ouro e ger. vive sob a água • m. do rio 1 B largura do leito de um rio, medida durante as enchentes, quando suas águas invadem as terras ribeirinhas; madre, mãe 2 AM igarapé que recebe as águas dos afluentes ou de outros igarapés menores 3 ETN B m.q. BOTUNA • mães do bicho ETN AMAZ personagens imaginárias que defendem a fauna contra a ação predatória do homem • falar na m. de fraseol. ofender (alguém), insultando-lhe a mãe • ficar como a m. de São Pedro fraseol. não ter onde ficar • Nossa M. 1 REL a Virgem Maria 2 expressão de espanto, com invocação do nome da Virgem Maria; Nossa Senhora • GRAM/USO após outro subst., ao qual se liga por hífen, é um determinante específico e significa 'fonte', 'origem' (idéia-mãe, célula-mãe), 'geratriz' (rainha-mãe), 'principal, mais importante' (agulha-mãe, nave-mãe) • USO a designação *mãe de santo* é mais corrente para a sacerdotisa-chefe dos candomblés e ritos afins; *ialorixá* é us. basicamente no candomblé ortodoxo • ETIM lat. *mater, tris* 'mãe' • SIN/VAR ver sinonímia de *causa* • ANT ver antonímia de *causa*

Fonte: Dicionário... (2009).

## Verbete mãe (Mi):

**ma.du.ro.na** *adj* Feminino de maculoso.  
**mãe** *sf* (lat *matre*) **1** Mulher, ou fêmea de animal que teve um ou mais filhos. **2** *Dir* Ascendente feminino em primeiro grau. **3** Causa ou origem de alguma coisa. **4** Lugar onde uma coisa teve origem. **5** Mulher generosa, que dispensa cuidados maternos. **6** Pessoa que protege muito a outra. **7** Borra de vinho. **8** *gr* Fechadura. *M.-benta*: pequeno bolo de farinha de trigo e ovos. *M.-boa*: planta vitácea medicinal (*Cissus alata*). *M. da cristandade*: a Igreja. *M.-d'água*: a) nascente ou reservatório de onde a água sai para os canos secundários; b) o mesmo que *lara*; c) pessoa que chora facilmente. *M.-da-lua*. *Reg* (Pernambuco): o mesmo que *urutau*. *M.-da-mata*: duende que preside aos destinos da flora e da fauna de uma floresta. *M.-da-taoca*: ave formicariídea (*Phlegopsis nigromaculata*), de cor pardo-escura, e que apresenta a zona ao redor das órbitas nua e vermelha. *M.-de-anhã*, *Ictiol*: peixe cascudo (*Hemipsilichthys gobio*). *M.-de-aratu*: tamarutaca grande. *M.de balcão*: mulher que nos engenhos aparta as várias qualidades de açúcar. *M. de Deus*: a Virgem Maria. *M. de família*: a) mulher casada que tem filhos; b) rede para a pesca de camarões. *M.-de-porco*: ave cuculídea (*Neomorphus geoffroyi*); tajaçuira, tajaçuira. *M.-de-santo*: sacerdotisa da macumba. *M.-de-sapateiro*: planta rubiácea (*Palicourea argentea*). *M.-de-saúva*: a) nome que, na Amazônia, dão à cobra-de-duas-cabeças; b) nome popular da cobra-cega. *M.-de-tamaru*: nome vulgar de uma tamarutaca (*Lysiosquilla scabricauda*). *M.-de-torá*: pássaro da família dos Formicariídeos (*Pyriglena leuconota*); papa-formiga. *M.-do-azeite*: planta euforbiácea (*Omphalea diandra*), também chamada *caiaté*. *M.-do-camarão*: o mesmo que tamarutaca. *M. do corpo*: útero. *M.-do-fogo*: a) tronco seco de madeira branca que conserva o fogo durante muitos dias; b) mito amazônico semelhante ao boitatá. *M. do ouro*: duende que, segundo a superstição popular, guarda as minas de ouro. *M. do rio*: leito do rio. *M.-do-sol*: a) inseto coleóptero (*Buchroma gigantea*); b) nome de um pássaro conhecido por *verão*. *M. do timbó*: copa do timbó na bifurcação de uma árvore. *M. do tronco*: larva que prolifera. *M.-joana*: certo peixe de Santa Catarina. *M.-pátria*: o Estado relativamente às suas colônias. *Mãe-pe-que-na*: substituta imediata da mãe-de-santo nos candomblés. *Pl*: mães-pequenas. *Alma mãe* ou *alma mater*: a natureza, como princípio criador. *Idéia mãe*: idéia principal e geradora de uma obra.

Fonte: Michaelis... (2008).

## Verbete mãe (DLPC):

**mãe** [mãj]. *s. f.* (Do lat. *mater, matris*). **1.** Mulher que deu à luz um ou mais filhos. *Um agregado familiar composto de pai, mãe e dois filhos. Amor de mãe. Orfão de mãe. Irmãos de mãe. Mãe solteira. Dia da mãe. + carinhosa, extremosa; + de família. mãe de misericórdia, Rel.*, designação dada à Virgem Maria para significar a sua bondade e a sua comisseração infinitas para com os que pecam. **mãe galinha**, a que gosta de estar sempre rodeada de filhos e se ocupa deles, protegendo-os demasiado. **2.** Fêmea que teve uma ou mais crias. *Ficou a ver o bezerrito a mamar na mãe.* **3.** Mulher que engravidou, que traz no ventre uma criança. *Algumas doenças de mãe propagam-se ao feto.* **mãe biológica**, a que é directamente responsável pela concepção. **mãe de aluguer**, mulher inseminada artificialmente que dá o seu filho a um casal estéril. **mãe hospedeira**, mulher cujo útero serve de receptáculo, durante o tempo de gravidez, ao óvulo fecundado de uma outra mulher. **4.** Mulher que dispensa cuidados maternos; alma generosa, dedicada e benfazeja. *É uma segunda mãe para ele. É a mãe dos pobres e dos orfãos. + adoptiva.* **5.** Fonte, causa, origem. *A preguiça é a mãe de todos os vícios.* **6.** País ou lugar de origem, de fundação. *A Grécia é considerada a mãe do teatro.* **7.** Leito do rio. = MADRE. **8.** Depósito que permanece no fundo de uma garrafa; borra de vinho. = MADRE, PÉ. **9.** *Gr.* Chave ou chave falsa; gazua. **10.** *Bras. Desp.* Jogador que, actuando mal, beneficia o adversário. **11.** *func. adj.* Que deu origem a outro ou outros. **casa\* mãe. língua\* mãe. 12.** *func. adj. Bras. Pop.* Que é muito grande, forte ou intenso. **13.** **filho\* da mãe.** Masc. pai.

Fonte: Dicionário... (2001).

Verbetes *mãe* (DLP):

**mãe** *n.f.* 1 mulher que deu à luz um ou mais filhos; 2 ZOOLOGIA fêmea que deu à luz um ou mais filhos; 3 mulher que dispensa cuidados maternos; 4 borra de vinho que se deposita no fundo da garrafa; madre; 5 ⇒ **abelha-mestra**; 6 [fig.] lugar onde uma coisa teve origem; berço; 7 [fig.] fonte; causa (Do lat. *matre-*, «id.»)

Fonte: Dicionário... (2009).

Verbetes *mãe* (NLDP):

**mãe** (Prov. *may* < *maine* < Lat. *matre*), *s. f.* 1 mulher ou qualquer fé[ê]mea que teve, que cria ou criou um ou mais filhos. 2 mulher que dispensa cuidados maternos. 3 mulher caridosa e desvelada. 4 madre. 5 borra de vinho. 6 (fig.) origem. 7 fonte. 8 causa. LOC. 9 ~ de família, mulher casada e com filhos.

Fonte: Novo... (2001).

Verbetes *mãe* (GDLSP)

**mãe** *s.f.(a)* 1. Mulher que gerou um filho ou que teve descendentes; genitora: *tão jovem e já é mãe*. 2. Mulher em relação a seus filhos; genitora: *ela é minha mãe*. 3. Aquela que não gerou, mas cria alguém com dedicação e carinho. 4. Fêmea animal que teve cria: *qual daqueles cães é a mãe desses filhotes?* 5. Aquela que concebeu algo; autora: *quem é a mãe da ideia?* 6. Fig. Mulher muito bondosa, dedicada e compreensiva ou que sempre busca beneficiar ou favorecer pessoas ou coisas; benfeitora; protetora: *ela era uma mãe para mim*; *essa mulher é a mãe dos pobres da nossa cidade*; *a prefeita é a mãe do artesanato da nossa cidade*. 7. Fig. Coisa que dá origem a outra; causa; origem: *a inveja é a mãe de muita infelicidade*; *a necessidade é a mãe da invenção*; *a ociosidade é a mãe de todos os vícios*. 8. Fig. Aquilo em que concorrem figuradamente algumas circunstâncias próprias da maternidade: *a mãe pátria*. 9. Fig. Pais ou lugar onde teve origem alguma coisa; berço: *a Grécia é a mãe da civilização ocidental*. 10. Pop. Qualquer jogador(a) que, ao atuar muito mal, só favorece o adversário: *esse goleiro é uma mãe!* • Pl.: *mães*. ▲ **É a mãe!** Reação desfavorável a um insulto ou a uma alcunha recebida. // **Mãe de aluguel**. Mulher que aluga o seu útero para que nele seja implantado um embrião, que dará origem a um filho por encomenda; mãe portadora. // **Mãe de Deus**. Nossa Senhora. // **Mãe de família**. Mulher que é o chefe ou o cabeça de uma casa ou que responde pelas despesas e pela educação de uma família; máter-famílias. // **Mãe de santo**. Sacerdotisa de macumba ou de candomblé. // **Mãe doadora**. Mulher cujo óvulo fecundado *in vitro* foi implantado no útero de outra mulher (mãe de aluguel). // **Mãe natural**. Aquela que gera filhos não oriundos de um matrimônio. // **Mãe portadora**. Mãe de aluguel. // **Mãe preta**. Mulher negra que amamentou filho de brancos. // **Nossa mãe!** Locução interjetiva que indica espanto ou admiração, equivalente de *Minha Nossa Senhora!*: *Nossa mãe, ele é político que promete e cumpre!* • V. **matricídio**, **matrilinear** e **mátrio**. \* Do latim *mater*, *matr-*, que deu *madre*, que evoluiu para *\*made*, que propiciou *\*mae* e depois (por influência da consoante nasal) *mãe*.

Fonte: Sacconi... (2010).